



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

BRUNA MORAES DE OLIVEIRA

**MESMO VIRTUAL, VIOLÊNCIA!
WHATSAPP COMO ESPAÇO COMUNICACIONAL DE MANIFESTAÇÃO DE
VIOLÊNCIAS CONTRA A INTIMIDADE DA MULHER NA ATUALIDADE**

CAXIAS DO SUL

2022

BRUNA MORAES DE OLIVEIRA

MESMO VIRTUAL, VIOLÊNCIA!
WHATSAPP COMO ESPAÇO COMUNICACIONAL DE MANIFESTAÇÃO DE
VIOLÊNCIAS CONTRA A INTIMIDADE DA MULHER NA ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Ivana Almeida da Silva

CAXIAS DO SUL

2022

BRUNA MORAES DE OLIVEIRA

MESMO VIRTUAL, VIOLÊNCIA!
WHATSAPP COMO ESPAÇO COMUNICACIONAL DE MANIFESTAÇÃO DE
VIOLÊNCIAS CONTRA A INTIMIDADE DA MULHER NA ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em: _/_/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Ivana Almeida da Silva

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Me. Aline Valéria Fagundes da Silva

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Me. Vanessa Roveda

Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família – minha mãe e minha irmã. Sem o apoio delas no dia a dia nem a minha formação, muito menos este Trabalho de Conclusão de Curso seriam possíveis. Sem vocês, eu não estaria aqui!

O amor, o companheirismo, a paciência e a parceria do meu namorado também foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por sempre me dar forças e me incentivar a continuar, mesmo quando eu pensei em desistir. Teu esforço em me ajudar e o companheirismo nos dias bons e ruins desse processo não serão esquecidos nunca. Te amo, mozi!

Ao meu grande amigo Eyji Koike, o meu muito obrigada! Mesmo não estando presente em todo o processo de elaboração do trabalho, tua ajuda foi muito bem vinda e necessária.

Estendo também esse agradecimento à minha orientadora Ivana Almeida da Silva. Prof^a, obrigada pelas orientações, referências, sugestões, apoio e até mesmo pelos puxões de orelha – tudo isso fez com que meu trabalho tivesse a profundidade e a grandiosidade que teve, no fim.

À Freya, a minha solidariedade pela violência sofrida, reconhecimento pela força de passar por tudo o que passou e pela coragem de falar sobre o acontecimento de peito aberto e agradecimento, de coração, pela entrevista cheia de sentimento e sinceridade. Tua voz não será esquecida e teu depoimento ajudará inúmeras mulheres que passaram pela mesma situação!

À Marisa Sanematsu, que consegui o contato através do Instituto Patrícia Galvão, muito obrigada por abrir os caminhos para meu estudo e contribuir tanto com ele. Obrigada também por me apresentar a tantas mulheres maravilhosas que, assim como você, promovem e enaltecem o trabalho de outras mulheres e o enfrentamento da violência doméstica e suas vertentes no Brasil. Foi através dela que consegui o contato de Valéria Scarance, em especial, que contribuiu tanto com o conteúdo da minha análise. Obrigada por tirar um tempinho da tua agenda tão apertada para falar comigo! Tua entrevista foi muito válida e recheada de informações super importantes.

A todos e todas, o meu muito obrigada!

“Eu não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas.”

Audre Lorde

RESUMO

Os objetivos do estudo consistem em uma análise das formas de exposição da intimidade feminina na internet, especificamente contemplando casos de violência simbólica contra a mulher no aplicativo *WhatsApp*. Sua organização se deu através da exploração dos conceitos de íntimo, privado e público na história da mulher, as violências vividas por ela em todos os âmbitos, incluindo o virtual, a pornografia que antecede essa violência digital que envolve discursos, imagens e vídeos exibindo do corpo nu da mulher e principalmente a caracterização da rede social em si, para entender suas funcionalidades e seu papel em situações de exposição sem consentimento. O estudo contempla também a observação de casos já conhecidos no Brasil dentro do tópico de agressões virtuais, além de entrevistas em profundidade e observação do contexto digital inspirada na netnografia aplicada a grupos de *WhatsApp* onde conteúdos adultos são disseminados. Conclui-se, então, que as facilidades proporcionadas pela multiplataforma favorecem a disseminação de imagens íntimas femininas a partir de usos e manifestações diversas, fazendo com que a mulher perca o controle de produções particulares. É fundamental discutir o assunto em sociedade, em busca de formas de uma proteção eficaz à mulher nesse espaço comunicacional específico, como um aspecto importante para sua emancipação em tempos de cibercultura.

Palavras-chave: Mulher; privado; imagens íntimas; público; violência; redes sociais.

ABSTRACT

The objectives of this study consist in an analysis of the forms of exposure of female intimacy on the Internet, specifically contemplating cases of symbolic violence against women in the *WhatsApp* application. The organization took place through the exploration of the concepts of intimate, private and public in the history of women, the violence experienced by them in all areas, including the virtual pornography that precedes this digital violence, involving speeches, images and videos exhibiting the naked body of a woman and especially the characterization of the social network itself, intending to understand its functionalities and its role in exposure situations without consent. The study also includes the observation of cases already known in Brazil within the topic of virtual aggressions, in addition to in-depth interviews and observation of the digital context inspired by netnography applied to *WhatsApp* groups where adult content is disseminated. It is concluded, then, that the facilities provided by the multiplatform favor the dissemination of intimate female images from different uses and manifestations, causing women to lose control of particular productions. It is essential to discuss the subject in society, in search of ways to effectively protect women in this specific communication space, as an important aspect for their emancipation in times of cyberculture.

Key words: Woman; private; intimate images; public; violence; social network;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A representação da serpente na arte.....	23
Figura 2 – Representação de Lilith na arte.....	25
Figura 3 – Anúncio Dieselimpo.....	28
Figura 4 – Prostituta de <i>New Orleans</i> em 1917.....	30
Figura 5 – Anúncio Securit Platinê.....	37
Figura 6 – Anúncio Itaipava.....	38
Figura 7 – Ciclo da violência.....	42
Figura 8 – <i>Pinup</i> de Gil Elvgren.....	52
Figura 9 – Imagens do Instagram da influenciadora digital Mirella.....	53
Figura 10 – Os Amantes, por Giulio Romano.....	57
Figura 11 – Capas da Revista Playboy.....	61
Figura 12 – Imagens íntimas vazadas de Elimar Reis dos Santos.....	82
Figura 13 – <i>Screenshots</i> do Grupo 4 Censurados.....	88
Figura 14 – Repercussão do gesto de Francielle como meme.....	90
Figura 15 – Termo de autorização da entrevistada Valéria Scarance.....	128
Figura 16 – Imagens íntimas vazadas de Elimar Reis dos Santos.....	164

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grupos de Pornografia no WhatsApp	85
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	METODOLOGIA	15
2	MULHER E ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA: O ÍNTIMO, O PÚBLICO E O PRIVADO.....	19
2.1	ÍNTIMO, PÚBLICO E PRIVADO NA HISTÓRIA DA MULHER	21
2.2	MULHER E VIOLÊNCIA: REVELAÇÕES DE HOSTILIDADE	34
3	VIOLÊNCIAS CONTRA A INTIMIDADE DA MULHER NA ATUALIDADE: VINGANÇA E PORNOGRAFIA NAS REDES SOCIAIS.....	44
3.1	REDE SOCIAL: TERRITÓRIO POTENCIAL DA EXIBIÇÃO.....	46
3.2	PORNOGRAFIA DE VINGANÇA: QUANDO O OBSCENO VIRA DISCURSO DE ÓDIO	56
4	ESTUDO DE CASO: PORNOGRAFIA DE VINGANÇA E OUTRAS VIOLÊNCIAS DA INTIMIDADE FEMININA A PARTIR DO WHATSAPP	65
4.1	REDE SOCIAL WHATSAPP: CONTEXTUALIZAÇÃO.....	68
4.2	ANÁLISE DA VIOLÊNCIA FEMININA NO WHATSAPP	76
4.2.1	O princípio: a produção imagética	79
4.2.2	Imagens manipuladas.....	81
4.2.3	Imagens disseminadas.....	83
4.2.4	Furando a bolha do <i>WhatsApp</i> : a repercussão.....	89
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS.....	98
	APÊNDICE A – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET.....	107

APÊNDICE B - ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET	129
APENDICE C – PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	148

1 INTRODUÇÃO

A incidência de casos de exposição da intimidade feminina sem consentimento no âmbito digital é notável, que pode ser entendido como uma violência contra a mulher que é aplicada majoritariamente por homens, se materializando no compartilhamento de imagens íntimas. Este ato de agressão torna-se cada vez mais comum com o advento das redes sociais, principalmente por sua atual facilidade de acesso e propagação. Em decorrência deste fato, popularizou-se um debate sobre o assunto para definir, entender e combater essa prática de divulgação sem autorização, sobretudo, na internet.

As redes sociais e a internet em si abrem margem para diversas interpretações e, ao mesmo tempo, são abrigo para todo e qualquer tipo de informação. Apesar de suas constantes evoluções, estes podem ser considerados espaços de comunicação relativamente novos, principalmente as redes sociais, e, por isso, ainda se faz necessária sua exploração nos planos econômico, político, cultural e humano (LEVY, 1999), visando responsabilizar tais atos ofensivos para preservar a imagem e principalmente a privacidade da mulher nesse meio.

Diante dessa premissa de distribuição de informações on-line em paralelo com o desenvolvimento das relações interpessoais que o surgimento de *smartphones*, por exemplo, proporcionou, novas formas de interação como o *sexting*, expressão em inglês que representa o envio de imagens íntimas na internet, ocuparam este espaço e tornaram o ambiente cada vez mais inóspito para a liberdade de mulheres, que historicamente são vistas como submissas e propriedades masculinas.

Dados retirados da ONG Safernet Brasil (2021)¹ registram que no ano de 2020, mulheres foram a maior parte das vítimas do vazamento de conteúdos íntimos, além da exposição de imagens íntimas sem consentimento liderar o ranking das principais violações contra direitos digitais, segundo denúncias enviadas por chat e e-mail para a organização. O ambiente digital promove a sensação de que as pessoas têm a liberdade de escolher o que querem compartilhar, quando, onde e com quem, estabelecendo limites dentro dessa troca. Entretanto, não se pode garantir que todas as informações contidas na internet estão seguras, uma vez que a busca por um

¹ Disponível em: <<http://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 12 Set 2022

melhor desempenho dessa rede é contínua. Ou seja, a ideia de liberdade é ilusória e relativa, já que diversos fatores interferem nessa autonomia dada ao usuário. Dito isso, quando há um vazamento de conteúdos íntimos, principalmente de teor explícito e sexual nesse meio, sua disseminação ocorre rapidamente, sendo alocado em websites, blogs e canais de todos os assuntos possíveis – e quanto mais delicado o conteúdo desse material, maior o interesse comum em consumi-lo.

A partir deste contexto, o compartilhamento de imagens íntimas entre pessoas via *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *Telegram*, *Snapchat* e outros canais de comunicação on-line tornou-se corriqueiro, algo que não geraria grandes conflitos se este não excedesse a linha intangível que demarca os espaços privado e público, afinal, a intenção nos aplicativos de interação é partilhar a mensagem apenas a quem se estabeleceu previamente pela pessoa que está se expondo. O propósito por trás do compartilhamento deste material e a forma como é disseminado se dá por inúmeros motivos que, muitas vezes, não podem ser tolerados, já que a premissa seria manter o conteúdo privado. Entretanto, com a distribuição do conteúdo diretamente para o espaço público, entende-se que as consequências dessa prática devem ser estudadas para compreender o papel das redes sociais nesta relação, principalmente como facilitador de distribuição.

Para tanto, espera-se responder a seguinte pergunta que norteia o presente Trabalho de Conclusão de Curso: **“Quais seriam os novos contornos envolvendo a exposição da privacidade feminina a partir da divulgação de imagens íntimas nas redes sociais, especialmente a partir do *WhatsApp*?”**

A ideia é entender o porquê dessa situação ser cada vez mais recorrente e os canais responsáveis por sua divulgação, principalmente o *WhatsApp*, se isentarem desta infração que é considerada crime em diversos países, incluindo o Brasil.

Acredita-se que cabe à mulher o direito de compartilhar ou não sua intimidade. Por isso, o trabalho que será feito em sequência também procurará analisar a relação entre as informações íntimas e pessoais, aprofundando o estudo em imagens e vídeos que vazam na internet pelas mãos de pessoas que possuíram acesso a tal, através da plataforma de interação digital *WhatsApp*.

O ambiente comunicacional em que o íntimo, o privado e o público se cruzam no contexto da violência simbólica² contra a mulher através da divulgação de suas imagens íntimas na internet será abordado no trabalho, sendo o campo da Comunicação a principal base de estudo. Esta abordagem foi escolhida baseada na escassez de pesquisas sobre o assunto dentro da área, porém, estudos realizados pela visão da Ética, do Direito e da Psicologia também serão utilizados como apoio para a idealização do presente trabalho – Menin et al. (2019) analisa essa violência de gênero partindo do ponto de vista legislativo, empregando e explicando leis brasileiras que atuam julgando casos deste segmento, por exemplo.

O principal objetivo do trabalho é entender a manifestação de conteúdos íntimos de mulheres no aplicativo *WhatsApp*, na busca de aspectos que envolvem dinâmicas de violência simbólica contra a intimidade feminina neste espaço específico de comunicação, trazendo um cenário sobre os novos contornos da exposição da privacidade da mulher a partir da divulgação de imagens íntimas nas redes sociais. Já os objetivos específicos são:

- a) Estudar os conceitos de íntimo, privado e público, suas relações com a história da mulher e como espaços para manifestações de hostilidade e violência contra ela.
- b) Conhecer de forma mais aprofundada o conceito da rede social *WhatsApp*, estabelecendo relações com o íntimo, o privado e o público e suas potencialidades, especialmente como espaço de exibição.
- c) Apreender o conceito de violência simbólica, aplicando à noção dos discursos de opressão à mulher existentes nas redes sociais atualmente, como a Pornografia de Vingança.
- d) Analisar as formas de exposição de conteúdos íntimos de mulheres na internet, especialmente a partir de casos específicos presentes na rede social *WhatsApp*.

Com essa finalidade, o trabalho abordará os conceitos de íntimo, privado e público na história da mulher e as violências vividas por ela em todos os âmbitos, seguindo por uma linha de raciocínio temporal que chegará até os dias atuais e o

² Conceito que parte da teoria de discussão de Pierre Bourdieu (2019), explicado em maior profundidade no decorrer do Trabalho de Conclusão de Curso.

advento da internet, conseqüentemente adaptando tais violências para o meio em que estão inseridas - crimes que são caracterizados por Bourdieu (2019) como "violência simbólica", por atacarem o aspecto psicológico da mulher.

Considerando as violências digitais, a pornografia também será analisada factualmente para percorrer a origem das formas de exposição de conteúdos íntimos de mulheres na internet atualmente, já que as imagens sexuais foram primordialmente iniciadas em tal conceito - o autor Leite Jr. (2006) será base para essa investigação, contribuindo com sua obra *Das maravilhas e prodígios sexuais: A pornografia "bizarra" como entretenimento*. Entendendo essa temática com clareza, os conceitos de Pornografia de Vingança, termo que traduz a expressão *revenge porn* e nomeia a partir de sua definição o compartilhamento de conteúdo íntimo sem consentimento, poderão ser apreendidos com mais profundidade, captando assim uma das principais formas de exposição da intimidade feminina na internet.

Compondo o desenvolvimento do trabalho, caberá também especificar a rede social *WhatsApp*, uma das maiores fontes de violências da intimidade atualmente. Sua história será absorvida pelo artigo de Alecrim (2019) e pelas funcionalidades caracterizadas pelo próprio *WhatsApp* em seu site oficial (2022).

A partir de tudo que é problematizado inicialmente, percebe-se a relevância de estudar as maneiras de exposição do corpo da mulher por entre discursos, imagens e vídeos íntimos na internet, principalmente no *WhatsApp*, como um Trabalho de Conclusão de Curso. Espera-se também que essa apresentação inicial dos fatos instigue o leitor a continuar a leitura das próximas páginas que estão por vir.

1.1 METODOLOGIA

O presente trabalho busca aprofundar o tema de violência contra a mulher nas redes sociais, a partir de um viés qualitativo e com o apoio da pesquisa bibliográfica. Antes de destrinchar tais processos, precisa-se entender a importância da metodologia para o melhor desenvolvimento do estudo, utilizando-se de dados e métodos específicos e já estabelecidos. Gerhardt; Silveira (2009, p. 12) analisam a metodologia através da definição de autores do gênero de Fonseca (2002) como "o

estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência.”

A abordagem qualitativa de ordem exploratória será majoritariamente aplicada ao trabalho, sendo fundamental para a análise e o aprofundamento da qualidade dos dados apresentados, em sua grande parte intangíveis, para a total compreensão do assunto. Essa técnica é utilizada com a reunião de informações de diversas ordens, teorias e autores juntamente com uma análise subjetiva da presente autora relacionando o apanhado de referências coletadas, a fim de encontrar uma conclusão satisfatória sobre o assunto escolhido – neste caso, a exposição da intimidade feminina nas redes sociais. Tal caráter exploratório visa a familiarização do objeto de estudo tanto pelo leitor quanto pela autora, já que o tema da violência contra a mulher no meio digital não é muito referido no campo comunicacional.

Apresentando a pesquisa bibliográfica, levantamento utilizado na elaboração do estudo, se pode explicar que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Além disso, o método do estudo de caso pelo viés da abordagem múltipla será utilizado na segunda fase do trabalho para analisar as formas de exposição da intimidade da mulher especificamente na rede social *WhatsApp*, com a intenção de investigar as dinâmicas de funcionamento da rede e suas implicações. O autor Robert Yin (2001, p. 33) explica o estudo de caso como uma “estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo - com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados”, além de compreender que:

As evidências para um estudo de caso podem vir de seis fontes distintas: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos. [...] A incorporação desses princípios na investigação de um estudo de caso aumentará substancialmente sua qualidade. (YIN, 2001, p.105)

Diante das seis fontes citadas pelo autor, pelo menos cinco delas foram utilizadas para a elaboração da análise desse estudo, sendo aprofundadas mais adiante no trabalho.

Para trabalhar com os métodos de pesquisa citados anteriormente, o trabalho contará também com fontes primárias de pesquisa, coletadas através de entrevistas em profundidade com uma vítima e com uma especialista em violência contra a mulher cruzadas com dados secundários, principalmente trabalhos, livros e artigos que dissertam sobre o assunto em diferentes campos das Ciências Sociais, como o Direito e a Psicologia, por exemplo.

A observação do contexto digital inspirada na netnografia será empregada como apoio à metodologia da pesquisa, considerando que a internet é uma grande fonte de dados utilizada no trabalho. De acordo com Kozinetz (2014, p. 61-62), “A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo on-line”, ou seja, basicamente um estudo de campo aplicado à realidade virtual, onde a internet é o ambiente utilizado para observação e atuação do autor para a captação de dados qualitativos, estatísticas descritivas e outras tantas bases de pesquisa originárias de qualquer método etnográfico, como esse. No caso da pesquisa em questão, a aplicação será realizada a partir de quatro grupos inseridos na rede social *WhatsApp* e focados na temática de vazamento de imagens e vídeos íntimos de mulheres. Tal estudo será efetivado através da técnica de observação disfarçada, cuja ética será discutida já na abertura do capítulo, antecipando as análises que serão feitas.

Um debate sobre discurso também se faz presente no trabalho a partir de interpretações acerca de imagens e vídeos íntimos, a fim de trazer uma análise das representações e características singulares desse tipo de mídia no âmbito da comunicação digital. Mais do que apenas gramatical, o autor Pierre Bourdieu (2008) elucida as principais questões a respeito do discurso e suas interpretações:

A gramática define apenas muito parcialmente o sentido, e não é na relação com um mercado que se opera a determinação completa do significado do discurso. Uma parte, e não a menor, das determinações que constituem a definição prática do sentido se transfere de fora automaticamente para o discurso. (BOURDIEU, 2008, p. 24)

Além dos debates sobre discursos, o trabalho também contará com as referências de Bourdieu e Passeron (2014) quanto ao conceito de violência simbólica,

descrito pelo sociólogo como uma forma de coação que independe de agressão física, ocorrendo de maneiras sutis que muitas vezes sequer são percebidos como uma violência, entretanto, causam danos morais e psicológicos em suas vítimas e podem ser até mais letais que a própria violência física. A violência simbólica afeta suas vítimas através do exercício do poder simbólico do agressor, demonstrando sua superioridade com reconhecimento social, econômico ou cultural, por exemplo. No trabalho, esse método de ataque será representado através da exposição sofrida pela mulher, geralmente por uma figura masculina próxima a ela que utiliza de suas imagens e vídeos íntimos para afirmar sua masculinidade e dominação sobre ela, como uma forma de opressão e agressão simbólica – já que não ocorre de forma física.

O compartilhamento de imagens e vídeos íntimos de mulheres por parceiros/conhecidos será abordado no contexto comunicacional, sendo a rede social *WhatsApp* o principal cenário deste crime. Essa exposição da intimidade da mulher será investigada através de imagens e principalmente relatos, considerando os fundamentos de discurso e violência simbólica e inserindo-os no campo da Comunicação para entendê-los e compreender também as responsabilidades do meio em que este está inserido – no caso, a rede social, pois o agressor que comete o crime apenas o faz porque a plataforma isenta-o da culpa, não interferindo no processo da difamação da vítima.

Os exemplos que serão abordados futuramente no trabalho são os casos de: Freya³, vítima de Pornografia de Vingança entrevistada para a pesquisa; Francielle dos Santos Pires, um dos maiores casos de Pornografia de Vingança ocorridos no *WhatsApp* em solo brasileiro; Elimar Reis dos Santos, vítima de vazamento e viralização de imagens íntimas no *WhatsApp*; e o grupo “Ousadia & Putaria”, que ficou famoso em Encantado, RS, por compartilhar inúmeras imagens íntimas de mulheres da região sem o seu consentimento. Apesar de casos como esses serem muitos, a rede social continua sem se posicionar nem se responsabilizar por fazer parte do processo. Por isso, o estudo também abordará a ética da Comunicação e o papel do *WhatsApp* na referida situação.

³ Nome fictício escolhido pela autora a fim de preservar a identidade da vítima entrevistada.

2 MULHER E ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA: O ÍNTIMO, O PÚBLICO E O PRIVADO

A mulher, desde sua inserção no meio social, exerce um papel de extrema importância e representatividade na sociedade, sobretudo, nos dias de hoje. Porque ser mulher vai muito além do sexo biológico designado ao nascer, tampouco fora biológica essa diferenciação entre os sexos, apesar das diferenças físicas entre homens e mulheres cisgênero - aqueles que se identificam com o gênero atribuído ao órgão genital possuído. Embora a frequência de situações como esta, só é possível perceber após um olhar crítico as distinções de tratamento, obrigações e permissões entre homens e mulheres na sociedade, justamente por já estarem enraizados no meio comum. Então, se não foi concebido biologicamente, como ocorreu tamanha discrepância entre os gêneros masculino e feminino? É o que o autor Pierre Bourdieu procura elucidar com o livro “A Dominação Masculina” (2019).

No livro, Bourdieu (2019) analisa a construção social dos corpos feminino e masculino através de associações com elementos opostos de aplicação universal, como alto/baixo, vazio/cheio, quente/frio, entre outros. Essas oposições indicam, em representações objetivas, uma relação de poder dominante pelos traços masculinos utilizando vínculos aparentemente “orgânicos”, como sua fisionomia, com atributos robustos (alto - cheio - quente) perpetuados pelas instituições mais influentes na sociedade (Família, Escola, Igreja e Estado, de acordo com o autor), o que gerou uma assimetria entre a visão e as atribuições dadas a cada sexo, já que, para o feminino, conseqüentemente restou apenas a ligação com os elementos contrários (baixo - vazio - frio) - também validados por suas características físicas.

Retrocedendo até a década de 1940, mas ainda seguindo a mesma linha de raciocínio, a filósofa Simone de Beauvoir (1988) já questionava o papel atribuído à mulher na sociedade. Analisando diversos autores e teorias diferentes, seu estudo foi um dos muitos que, anos depois, foram utilizados como parte dos conteúdos de Bourdieu: “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos 'os homens' para designar os seres humanos [...] A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.” (BEAUVOIR, 1988, p. 9)

Apesar de evoluída em alguns fatores, a sociedade contemporânea não mudou tanto a ponto de desconstruir crenças enraizadas como essa - de que o natural

é o masculino e o feminino é apenas uma ramificação desse relevante gênero. Pode-se perceber a partir de definições de dicionários atuais, onde o significado de masculino é “1 Relativo ou pertencente aos animais machos. 2 Que tem masculinidade, virilidade, força.” (HOUAISS, 2022), enquanto o de feminino é prontamente indicado como o antônimo de masculino. Além de trazer referências à genética e estruturas biológicas, nenhuma outra característica é sinalizada como algo positivo, de força ou virilidade, assim como é disposto no significado masculino: “1 Relativo a ou próprio de mulher. Antônimos: masculino” (HOUAISS, 2022).

Apesar de não apontado nos artigos, a alusão à “intuição feminina” é extremamente comum ao pesquisar sobre a diferenciação entre os gêneros. Entretanto, seu conceito é discutível, pois, segundo pesquisas, mulheres estão mais suscetíveis a compreender sinais não verbais que homens, principalmente as que estão em situação de dominação extrema (THOMPSON, 1967, p. 47-48 *apud* BOURDIEU, 2019, p. 42). Os homens não precisam se atentar aos detalhes e particularidades do cotidiano já que tudo é moldado em seu entorno, sobrando apenas as entrelinhas para as mulheres lerem - a construção da submissão feminina está profundamente ligada com a dominação masculina arquitetada pelo patriarcado, sistema social em vigor há milhares de anos em todo o mundo.

Para entender a relação entre o patriarcado, a dominação masculina, a submissão feminina e o impacto que isso causa até os dias de hoje, é preciso analisar a fundo as raízes do problema, seu início e desenvolvimento, considerando as concepções da sociedade construídas acerca da própria mulher e incluindo as funções e obrigações atribuídas a ela no sistema adotado, já que a figura do homem e seu protagonismo no patriarcado foram essenciais para a visão deturpada das mulheres, construída e aceita pela sociedade.

Entende-se também que os conceitos de íntimo, privado e público devem ser levantados para uma análise mais completa do contexto de dominação sofrido pela mulher e as violências provenientes dessa realidade. Somente o reconhecimento dessas questões fará possível o entendimento das agressões sofridas pela mulher, suas origens, desenvolvimento e desdobramentos até o cenário atual, onde essas agressões e atentados a ela se renovam e tomam proporções diferentes, porém igualmente destrutivas e irreverentes. Por isso, toda essa problemática será questionada e investigada durante todo o capítulo vigente.

2.1 ÍNTIMO, PÚBLICO E PRIVADO NA HISTÓRIA DA MULHER

Ser mulher exige muita responsabilidade e força de vontade, em especial, na atualidade. Considerando o ponto de vista corrompido que fora construído em cima da feminilidade, toda e qualquer pessoa que se intitula mulher passa por certos julgamentos e estereótipos, elaborados pelo dito conjunto da civilização. A autora Buzzi (2015), em sua monografia, destinou um subcapítulo para definir o contexto histórico-social das diferenças na estruturação dos gêneros masculino e feminino. Com enfoque na desvalorização e distorção da posição em que foram incluídas as mulheres na sociedade, ela define que nem a Biologia tampouco a Psiquiatria pode estabelecer como foram idealizados os conceitos de homem e mulher, já que o conjunto da civilização e suas instituições predominantes, como assume Bourdieu (2019), são os reais determinantes para essa significação. Em poucas palavras, Beauvoir (1988) elucidou essa dissociação do gênero biológico à pessoa que exerce o papel da mulher, já que ser mulher é muito mais do que assumir tal forma física: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher." (BEAUVOIR, 1988, p. 9)

Indo além dos conceitos básicos de feminino e masculino, adentra-se em um território obscuro e pouco discutido, uma vez que já é naturalizado na forma em que vemos e associamos as tarefas aos sexos: através da teoria já apresentada por Bourdieu (2019), dos vínculos aparentemente orgânicos entre os gêneros, onde o positivo é vinculado ao masculino e o negativo ao feminino, entende-se também que o exterior, o grandioso e o público são destinados aos homens; enquanto isso, resta às mulheres apenas o escondido, o vergonhoso e o privado - estas não possuem nenhum direito de manifestação a não ser aqueles que são indicados a partir das oposições complementares, distinções construídas pela ordem social de exploração e dominação apoiado na perpetuação da teoria mítica da "ordem das coisas":

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...], que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica [...] e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. (BOURDIEU, 2019. p. 41)

Como sistema perpetuante dessa afirmativa, temos as grandes instituições formadoras de opinião que, assim como a identidade de um grupo é criada, é exercida através do compartilhamento de opiniões, valores e culturas que fazem parte de uma organização social que norteia a conduta de indivíduos que pertencem a um mesmo conjunto de pessoas, como grupo familiar, de amizade, enquanto homem, enquanto mulher, entre outros. “O grupo se constrói seguindo então fatores de ordem social que constituem uma identidade social, fatores de ordem cultural que constituem uma identidade cultural.” (CHARAUDEAU, 2016, p. 27)

Um dos exemplos mais claros e explícitos dessa construção se dá com a Igreja, nas escrituras sagradas das religiões cristãs - a Bíblia. O Antigo Testamento, mais especificamente o livro Gênesis, foi escrito por um profeta chamado Moisés, que, através de um chamado de Deus, registrou os acontecimentos da criação da Terra e dos seres humanos que o foram revelados, já que este não os presenciou. Nos capítulos desse livro, que significa origem, em grego, estão descritos como o Deus cristão arquitetou e gerou o jardim do Éden, culturalmente conhecido como “paraíso”, e a Terra, assim como Adão - o primeiro ser humano presente nela. Após a criação de Adão, ainda presente no jardim, Ele constatou que sua criação precisava de um auxiliador, sendo então concebida Eva para cumprir este papel:

E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. (BÍBLIA SAGRADA, GN, 2:20-22)

Além de, na história, a mulher ser criada como um complemento do homem para ajudá-lo, ela também é constituída literalmente de uma parte do próprio homem, não sendo entendida como uma criação única e irreverente, como Adão - apenas como um apêndice dele.

Em seu desenvolvimento, vê-se que a história caminha para a apresentação do pecado na cultura mítica cristã. A serpente, também criada por Deus, conversa com a mulher - agora também denominada como esposa de Adão -, e a induz a comer da fruta de uma árvore proibida, que Deus deixa claro que não pode ser tocada, pois resultará em morte instantânea, dizendo que o fruto “abriria seus olhos”.

Figura 1 – A representação da serpente na arte.



James Tissot, “A maldição de Deus, Adão e Eva” (God’s Curse, Adam and Eve, 1902), Guache sob tela 18.5 x 26.3 cm. Disponível em: <<https://thejewishmuseum.org/collection/26666-god-s-curse>>. Acesso em: 20 Nov 2022

Após analisar e entender que os frutos da árvore realmente eram comestíveis, comeu e deu ao homem, que também se alimentou. Imediatamente mudaram sua postura perante o ambiente e entenderam a situação em que se encontravam. Deus então apareceu para castigá-los, principalmente a Eva, que, enganada pela serpente, pegou e distribuiu o fruto:

E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto destes ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. (BÍBLIA SAGRADA, GN, 3:16-17)

A partir do ocorrido, Adão e Eva foram expulsos do paraíso e passaram então a viver uma vida de luta e sofrimento na Terra, por causa do erro cometido por Eva - o primeiro pecado.

Superficialmente, já é possível perceber os nítidos sinais da construção da submissão feminina, considerando que, além deste capítulo, há muitos outros livros da Bíblia que seguem na mesma conotação que Gênesis, denominando a mulher como um ser inferior e equivocado. Há milhares de anos uma legião de cristãos usa as escrituras sagradas como um norte para seguir, agir e respeitar. Sendo esses os ensinamentos pregados, conseqüentemente é essa doutrina a adotada na vida de tantas pessoas que se consideram “pessoas de bem”, aqueles que seguem à risca o conteúdo e que, inconscientemente ou não, assumiram-na à sua cultura em casa.

Deu-se assim o início de uma cultura que permaneceu e se mantém na sociedade desde a ascensão do cristianismo, já nos primeiros séculos Depois de Cristo: a cultura da vida doméstica, submissa e privada associada apenas à mulher. “Uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura “cristã”, multidões de pessoas continuam acreditando que Deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico.” (HOOKS, 2018, p. 13)

Contudo, a cultura cristã não é a única a julgar e fadar a mulher à condição de submissa. A cultura judaica, de onde o cristianismo emergiu e evoluiu a ponto de separar-se e reafirmar-se como uma religião diferente, também possui suas crenças determinantes para a mulher – assim como várias outras de diferentes religiões e deuses, porém, prioriza-se contar um dos mitos mais irreverentes da história: o de Lilith. Antes mesmo da efetivação da separação entre as crenças, houve uma lenda de que Eva, na verdade, não foi a primeira mulher criada por Deus. Antes dela, outra mulher teria sido criada por Deus, dessa vez, junto de Adão, como se fossem iguais. Essa mulher seria Lilith, criada de pó negro e dejetos para ser a companheira de Adão. Especula-se que ela fora apagada de muitas doutrinas, inclusive a Bíblia, por sua conduta rebelde e desobediente e até citada como demônia por algumas (SICUTERI, 1985).

A afirmação de que Lilith havia sido criada com pó negro e excrementos nos faz refletir. Sabemos que em hebraico o verbo "criar" é semelhante ao verbo "meditar", por isso é de se supor que Jeová Deus tivesse em mente a criação da mulher como uma criatura predestinada a ser inferior ao homem. Seguramente aqui interveio a agressividade masculina inserida na sociedade hebraica estruturada rigidamente em sentido patriarcal com acentuação dos valores patrilineares. Na criação de Lilith está implícita a perda da unidade mágico-religiosa dos dois sexos na pessoa única do "homem". A mulher, evidentemente, enquanto reprimida e comprimida sob a autoridade do macho, tentava reconquistar, então, a paridade. Lilith nasceu das mãos de Jeová Deus, impura, humana: um Adão, portanto. (SICUTERI, 1985, p. 15)

Mesmo com todas as controvérsias sobre sua existência, Lilith segue sendo um mito importante por representar desde o início dos tempos a reivindicação dos direitos das mulheres antes mesmo disso ser uma questão, onde ela simplesmente negou-se a aceitar um papel que não a cabia, de submeter-se a Adão.

Figura 2 – Representação de Lilith na arte.



Dante Gabriel Rossetti, "Senhora Lilith" (Lady Lilith, 1867), óleo sobre tela, 51.3 x 44 cm. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/337500>>. Acesso em: 20 Nov 2022

Como demonstrado acima, a figura feminina sempre esteve presente na história de diversas maneiras que divergem de si e conflituam-se das visões atribuídas

a ela com o tempo, já que a mulher pode ser representada como virgem, santa e sagrada, como a Virgem Maria, mãe de Jesus, ou como profana e demoníaca, como Lilith. Envoltas de todas as interpretações da mulher, sempre houve um certo medo do sexo oposto por inúmeros motivos, mas principalmente por não entender as nuances femininas, que são muitas – todo o mistério envolvendo sua sexualidade e liberdade que poderia ou não contrapor e até superar tais características masculinas, por exemplo, fez com que o medo do homem pela mulher crescesse no entendimento comum, principalmente com a escalada do patriarcado. (DELUMEAU, 2009, p. 462-463)

O conceito de patriarcado, que pode ser entendido pela mesma premissa da dominação masculina, é um sistema que privilegia homens nas estruturas políticas, econômicas e culturais de uma sociedade. Seu início foi marcado na ordem doméstica, com a mulher assumindo o papel de reprodutora e dona de casa. Por isso,

Integra a ideologia de gênero, especificamente patriarcal, a ideia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. (SAFFIOTI, 2004, p. 54)

Toda essa temática da diferenciação dos gêneros com enfoque na submissão estrutural da mulher é extremamente comentada por pensadoras contemporâneas que, após a primeira grande onda feminista instaurar-se com o movimento sufragista⁴, na virada do século XIX para XX, foram entendendo-se como seres pensantes que tinham o direito de viver uma vida pública, com estudo, trabalho, vidas dignas e independentes, assim como qualquer homem - majoritariamente os brancos, já que sua predominância em cargos de poder e dominação era soberana, sobrando para outras raças e etnias, assim como para todas as mulheres, a submissão.

Apesar da grande revolução causada pelo sufrágio, que garantiu às mulheres mais afortunadas o direito de voto, estudo e trabalho, a realidade estava longe de ser o ideal, já que a vida privada e doméstica ainda estava muito atrelada às mulheres,

⁴ Movimento transcorrido entre os séculos XIX e XX protagonizado por mulheres durante a primeira grande onda feminista que visava conquistar direitos, principalmente civis, políticos e ao voto, com notórias manifestações pelo mundo. (FARIAS MONTEIRO; GRUBBA, 2017).

além de que mulheres pobres e principalmente negras não encontravam acesso aos direitos concedidos, continuando a viver uma vida ainda mais privada e miserável. “A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias.” (DAVIS, 2016, p. 24) Discussões raciais como essa só tomaram grandes proporções após muitos anos, na década de 60, quando o feminismo ganhou força novamente, tentando mais uma vez lutar por sua existência.

Na época, a autora Betty Friedan (1971) analisou na obra “Mística Feminina” a pacata vida da mulher estadunidense, taxada a almejar um marido e um lar com muitos filhos - análise esta que pode facilmente ser adaptada a mulheres de diferentes etnias e nacionalidades:

Todos [colunas, livros e artigos de especialistas sobre a mulher e para a mulher da década de 1950] afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade. (FRIEDAN, 1971, p. 17)

Entretanto, foi a partir de pesquisas como as que Friedan (1971) desenvolveu que se iniciou novamente esse impulso de olhar para a incumbência da mulher dentro da estrutura da sociedade. Mesmo que com alguns direitos, ela ainda não era vista como uma pessoa capaz de conquistar sua independência, escolher seu futuro profissional, estudar e desenvolver assuntos acadêmicos complexos e lutar por todos os seus direitos políticos, econômicos e sociais, pautas básicas defendidas pelas feministas desde o início do movimento.

Apesar desse novo olhar, novos desafios passaram a fazer parte do cotidiano feminino. Wolf (1992, p. 12-13) sustenta que “À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social.”

Levando em conta o espectro de arquétipos que se estabeleceu com o mito da beleza, a aparência da mulher então começou a ser avaliada e julgada pela sociedade como algo essencial e imprescindível para sua existência, principalmente pela parcela masculina que, com essa opressão, acabou por influenciar diversas gerações de mulheres a se verem e tratar-se de maneira sexualizada e disfórica. A

comunicação publicitária possui um histórico extremamente negativo quando se trata deste assunto, já que moldou uma relação de poder visando a autoridade masculina e a subordinação feminina. Apesar do desgosto, como mulher e publicitária, é importante pontuar que infelizmente publicidades em revistas, por exemplo, atrelam até hoje essa narrativa a marcas que vendem luxo, poder e status. Vilas Boas (1996) define que o conteúdo que compõe a redação de revistas no que tange à temática e estilos é mais liberal, já que não se preocupa com investigações e respostas, como o jornalismo diário. Sua maior missão, no entanto, é conseguir uma rápida e mais eficiente adesão ao mercado, visando uma padronização do tópico escolhido pela sociedade. A liberdade designada a esse meio de comunicação desencadeou ainda mais opressão e a perpetuação do mito da beleza, uma vez que a sexualização dos corpos femininos chama atenção e vende. Sendo assim, a dita sexualização nas revistas nada mais é do que a porta de entrada para abusos e a dominação da mulher.

Figura 3 – Anúncio Dieselimpo

QUEM TEM não dispensa e pode até querer Mais...

Os 700 (veja bem, setecentos) Fróntas e Postos de Serviços que já se utilizam do equipamento Dieselimpo, estão plenamente satisfeitos. E muitos até querem mais...
Os Fróntas, por causa da manutenção muito mais econômica e das vantagens do Óleo Diesel Purificado na hora do abastecimento. Os Postos, porque estão lucrando alto graças ao aumento de suas vendas em consequência de mais clientes bem servidos.
Cães já sabem: Dieselimpo é o mais moderno e eficiente equipamento para a filtragem e desidratação de Óleo Diesel. Instalado junto a bomba abastecedora, de operação fácil e simples, tem construção bem cuidada e funciona automaticamente, sem qualquer complicação.
A manutenção do Dieselimpo não oferece qualquer dificuldade: basta, após a filtragem, entre 30.000 e 50.000 litros de óleo diesel, elevar a tampa de carga das Placas de Filtração, de custo insignificante - não



mais que R\$ 6,00 a carga nova. Nada de alta voltagem, nem trocas, nem correias, nem esteras de alta precisão. E va logo esquecendo da ideia de instalar um novo tanque secundário: não há qualquer necessidade disso. Afinal, V. quer e comprar a máquina que evita as dores de cabeça provocadas pelo Óleo Diesel Poluído. Não é justo que para resolver um problema a gente tenha de enfrentar outro. Tá?
Quem tem um Dieselimpo, não dispensa seus serviços. V. já viu que se trata de um equipamento para dar tranquilidade e mais lucros a Você, diminuindo os gastos de manutenção de sua frota. Explicamos: Dieselimpo foi idealizado por quem há 30 anos já trabalha com problemas de óleos e filtração. Tu-

do néle é simples, mas não improvisado. A tal história do Ivo de Colombo...
É muito provável que seu colega (leia concorrente) mais próximo já figure entre os 700 usuários a que nos referimos no princípio. É até possível que ele tenha mais de um equipamento Dieselimpo. Peça-lhe a opinião a respeito. V. verá que o próprio, de tão satisfeito, poderia até ser nosso melhor vendedor. E o que acontece com os 700 clientes do Dieselimpo.
A propósito: Dieselimpo faz também mais dois importantes serviços: a) limpa o tanque de consumo dos veículos a diesel pela recirculação do próprio óleo diesel; b) recupera os Filtros-Cartuchos (elementos de filtro) de óleo diesel dos motores,

já saturados, através do mesmo princípio com que procede à limpeza dos tanques. Já pensou no que apresenta só esta economia?
Os serviços e vantagens que o Dieselimpo pode proporcionar a Você são enormes. Tantos que nem dá para resumir-las aqui. Se quiser saber mais, consulte-nos.

quem entende de motor diesel exige DIESELIMPO

Fabricado e distribuído por **HORUS SERRA LTDA. ENGENHEIROS**
Caixa Postal, 4855 - Endereço Telefônico: "FILTRABEM" - Escritório: Av. Governador de Sal, 833 - 2º 23 - Fone: 34-1948 - São Paulo

REPRESENTANTES AUTORIZADOS, Venda e Assistência Técnica nas seguintes praças: Rio Grande do Sul - Curitiba - Santos - Vale do Paraíba - Guarulhos - Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Teresopolis - Goiânia - Brasília - Bahia - Aracaju - Pernambuco - Paraíba - Rio Grande do Norte - Ceará - Maranhão - Piauí

Reprodução: Revista Veja, Setembro de 1968.

Entende-se que, não importando a época histórica em que está situada, a mulher é continuamente lesada, independentemente se enquadrada na esfera privada ou pública da sociedade. Seja no ambiente doméstico ou no mito da beleza, teorias trazidas anteriormente e comandadas majoritariamente por homens (o chefe da casa e o consumidor de conteúdos que sexualizam o feminino, respectivamente), o caminho lógico que as mulheres são levadas a seguir é o da subordinação, da vergonha e da privação à participação da vida política, econômica e social.

Existe também o conflito da mulher que pertence tanto ao âmbito privado quando ao público, reconhecida como parte da classe de trabalhadoras que compõem a primeira profissão já documentada no mundo: a prostituta. As profissionais do sexo, como podem ser chamadas, transportam a sexualidade de seus corpos do privado ao público, oferecendo-o através de favores sexuais remunerados a quem desejar. Seja pela experiência imoral de aproveitar do ato sexual, considerado íntimo, na esfera pública ou pela hierarquia de gênero construída através dos anos, a prostituta segue sendo um símbolo do feminino apesar das controvérsias, já que há sentido em sua existência que afronta a sociedade desde o início dos tempos, sendo citada até mesmo na Bíblia Sagrada, e que acometa milhares de mulheres até os dias de hoje, que encontram na comercialização de seus corpos a possibilidade de sobrevivência e consumo, considerando os princípios capitalistas de vida. (SILVA; et al., 2013).

Figura 4 – Prostituta de New Orleans em 1917



Fotografia da série “Prostitutas de New Orleans”, de 1912, de Johan Bellocq, publicadas por Lee Friedlander no livro “E.J. Bellocq Storyville Portraits”. Disponível em: <<https://universoretro.com.br/serie-fotografica-mostra-as-prostitutas-de-new-orleans-em-1912/>>. Acesso em: 20 Nov 2022

Hannah Arendt (2020) define que os conceitos de público, privado e posteriormente íntimo foram modificados em diversos períodos da história, sendo marcados principalmente pelas noções grega e romana, que moldaram a concepção vista na contemporaneidade. Adentrando o conceito grego, a vida pública era interpretada como a *pólis*, antigo modelo grego de sociedade chamado de cidade-Estado que tinha como características marcantes a política, a persuasão e a liberdade, mas que foi sucumbida pelo Império Romano, que assumiu então o curso dos costumes e organização da sociedade. Enquanto o íntimo ainda não era reconhecido, a vida privada fora comparada com a domesticidade e a violência associada a esse padrão de vida, contrapontos da *pólis*:

Ser político, viver em uma *pólis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não força e violência. Para os gregos, forçar pessoas mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da *pólis*, característicos do lar e da vida em família, em que o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos (ARENDR, 2020, p. 96)

Como consequência do desmonte do modelo grego e ascensão do romano, ambos conceitos foram difusos em uma nova teoria de vida social, onde “A liberdade

situa-se no domínio do social, e a força e a violência tornam-se monopólio do governo". (ARENDR, 2020, p. 101) Por sua vez, a queda do Império Romano deixou rastros e seus conceitos foram atualizados com as teorias míticas da Igreja Católica, instituição com forte apelo religioso que influenciou, a partir das percepções anteriores, uma nova visão das vidas privada e pública.

O modelo atual atribui conceitos básicos e difere dos anteriores principalmente por suas associações: a privacidade é manter o íntimo em segredo, privado, sendo agora uma oposição à esfera social, uma vez que os seres são entendidos como sociais e devem obedecer a certos padrões para se adequarem ao todo, padrões esses encontrados na vida pública. O próprio íntimo fora instituído como conceito mais recentemente, enquadrando as necessidades do ser humano, como sobrevivência e continuidade da espécie. Deste modo, o público fora então fundido com a idealização da sociedade, abrigando a vida doméstica e administração do lar como preocupações da comunidade justamente pela necessidade padronizar as atividades para adequar-se ao modelo atual - o que não significa que a domesticidade deixou de ser papel atribuído à mulher, apenas que a sociedade agora preocupa-se com esse papel, a fim de uniformizá-lo.

Apesar das imensas mudanças que percorreram historicamente as esferas pública, privada e agora íntima, considerando o contexto factual da feminilidade, a mulher sempre pendeu para a direção do privado, sendo apenas nas construções mais recentes associada ao social e ao público. Essas construções recentes foram de extrema importância para dar luz aos problemas vividos no privado, porém trouxeram à tona novas problemáticas e violências que a exposição da realidade mulher traz a ela mesma, já que, mais uma vez, essa exposição não fora concebida por ela mesma, mas sim por evoluções da sociedade como um todo, o que conseqüentemente gera pontos positivos e negativos a todas as partes envolvidas - o que pesa é que a mulher é o elemento mais fragilizado, sendo também o mais prejudicado.

Em todos os períodos históricos retratados, a obrigação atribuída ao gênero feminino sempre foi a de manter sua intimidade privada a fim de preservar-se como uma mulher de respeito, além de sustentar também a honra de sua família e do homem que a acompanha, seja este seu marido, em períodos mais antigos, ou apenas seu companheiro, na contemporaneidade. Sendo assim, a ideia de expor-se para a sociedade, adentrando o social e as áreas que antes eram dominadas somente por

homens, como a política e a economia, implica em uma visão deturpada da mulher como alguém que não entende desses assuntos e não se dá o respeito, por não se preservar das burocracias para viver de uma vida mais simples e caseira.

Como a própria mulher nunca foi encorajada a adentrar esses espaços e fazer parte como um todo, teve que introduzir-se por conta própria, desafiando assim as leis fictícias estabelecidas pela história, perpetuadas pelas instituições e pelo homem de que este não é seu lugar. À vista disso, empecilhos sempre foram colocados em seu caminho, não só por homens, mas também por toda a sociedade que mantém concepções antigas e naturalizadas.

Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não. (HOOKS, 2018, p. 13)

As concepções de íntimo, público e privado sempre estiveram presentes, apesar de pouco discutidas, na realidade da mulher. A recente atribuição das atividades domésticas como preocupação da opinião pública para adequar-se aos padrões da sociedade implicou também no íntimo que, por sua concepção, deveria manter-se privado. Porém, quando associado às tarefas da mulher, tornam-se de domínio público e acabam expondo-a sem o devido consentimento. Isso se enquadra como uma micro violência, podendo ser conferido ao conceito de violência simbólica - aquela sutil, que não envolve agressões físicas nem a humilhação ou ataque explícito à mulher.

Desde o seu papel como dona do lar, passando pelos estereótipos criados para agradar o paladar masculino até a contemporaneidade, com a mulher ganhando mais liberdade para adentrar espaços públicos, a violência do sexo oposto sempre fez parte de sua realidade e teve consequências para a sua intimidade e privacidade. Levando em consideração as teorias apresentadas anteriormente, o desenvolvimento de todas as épocas envolveu algum tipo de agressão, implícita ou explícita - todas essas envolvendo as esferas da sociedade. A exposição de sua intimidade deu-se como algo hostil e negativo para tornar-se violência a partir do momento em que ultrapassa as barreiras do consentimento, quando um indivíduo - geralmente do sexo masculino - entende que possui direito sobre o corpo e as ações exercidas pela mulher, invadindo assim o seu espaço pessoal e íntimo para tornar domínio público.

Com isso, adentramos a conjuntura das violências vividas pela mulher. Saffioti (2004, p. 67), tratando das violências sofridas pela mulher, compreende que “As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo para a moral.”

A esfera pública, ocupada em manter a ordem zelando pela conjuntura da sociedade e criando leis para que esta fosse cada dia mais civilizada, acabou por deixar de lado a esfera privada, da domesticidade e do íntimo, com o entendimento de que a intimidade deveria ser preservada (ARENDR, 2020) - e em casos de violência doméstica, por exemplo, devesse ser combatida e resolvida entre os envolvidos. Com o passar dos anos, ficou claro que essa não fora uma maneira efetiva de combate, até porque isso não era uma preocupação de domínio público.

Para tratar sobre os métodos de agressão aplicados à mulher, entende-se que, pela lógica adotada pela sociedade, quando o panorama geral da dominação masculina é subvertido por ela, está suscetível a tais atos já que “desobedece” a noção pré-estabelecida pelo homem e, por isso, merece os ataques acometidos a ela. A esfera pública levou anos até entender que isso era uma questão de gênero, por estatisticamente acometer mais mulheres do que homens – por exemplo, em 2021, 26 mulheres eram agredidas a cada hora no Brasil⁵ (FBSP, 2022) – e por seguir um certo padrão, como ocorrer dentro das casas e pela “legítima defesa da honra” do homem, por exemplo. Não à toa o ditado popular “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” é tão conhecido, já que era de compreensão geral que um casal, vivendo sob a ótica privada, dependia apenas de suas próprias leis específicas - até então inexistentes, uma vez que cada “chefe do lar”, o homem, definia o que era “melhor” para sua família. Foi somente quando a domesticidade emergiu da realidade privada que se tornou um tópico importante e passível de resolução, com leis específicas para este tipo de infração e diferenciação de outros crimes de violência que já ocorriam no social, que não envolviam questões de gênero. (PRAIA DOS OSSOS, 2020)

⁵ Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/16o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2022/>>. Acesso em: 21 Nov 2022

Conhecer o histórico de dominação, privação e indiferença vividos pela mulher no âmbito privado e em seu íntimo é fundamental para relacionar essas situações com violências silenciosas, os primeiros sinais que indicam perigo, já que a tendência é que cada vez os episódios sejam mais agressivos e culminem em violências físicas, sexuais e até em morte - chamado de feminicídio, quando o gênero é um fator decisivo para que o homicídio seja consumado.

2.2 MULHER E VIOLÊNCIA: REVELAÇÕES DE HOSTILIDADE

Depois de percorrer toda essa linha de pensamento que visa exemplificar e elucidar o histórico de estereótipos e papéis específicos atribuídos a mulheres, precisa-se pontuar a diferenciação entre violência de gênero e violência, num geral: quando associada ao gênero, a violência encontra suas raízes no culto da domesticidade, onde o homem era considerado o chefe do lar que possui o dever de manter a honra da família e, caso sua esposa não estivesse “dando-se o respeito” devido, tivesse a obrigação de corrigi-la. Por esse motivo, estatisticamente assombra muito mais as mulheres. Pode ocorrer o contrário, de mulheres a homens, mas a quantidade em que isso acontece é bem menor. O Atlas da Violência (2021, p. 36) define que, em 2019, os casos de homicídio feminino equivalem a 3,5 vítimas, a cada 100 mil habitantes. Esse dado pode não ser tão alarmante, mas se agrava ao momento em que a maior parte dessas mortes estão vinculadas com a autoria de um homem, geralmente parente, amigo, familiar ou parceiro afetivo que, por motivo fútil ou torpe de preconceito e diminuição da mulher, acredita estar acima dela hierarquicamente na sociedade e, assim, possui aval para dar fim em sua vida.

Através da análise do subcapítulo anterior, observa-se que essa percepção de superioridade vem da construção social da dominação masculina da vida doméstica e privada, que ainda mantém resquícios de sua existência no presente. Quando um homem entende que está em suas mãos o poder de decisão de uma vida feminina, por ter a concepção de que, metaforicamente, ele é sempre o protagonista da história enquanto a mulher exerce o papel de coadjuvante, apenas para servir e ser um apoio a ele, vê-se que a construção social dos gêneros deu certo e afeta a sociedade até hoje, sendo implicitamente o motivo para agressões e julgamentos masculinos com pessoas do gênero feminino.

O fato de mulheres serem vistas como um objeto de submissão às ações dos homens facilita a fragmentação da mulher como pessoa e produto. Já que a narrativa é masculina, ou seja, o homem é sempre entendido como sujeito e a mulher como objeto, é fácil associar a vítima a uma posse, então o agressor não mede forças para atingi-la física, moral ou psicologicamente, como se fosse seu dever e obrigação, arrebatando todos os direitos de privacidade e independência conquistados pela classe feminina. Tal ato de violência pode ser considerado uma onda de retrocesso em um mar de progressos conseguidos na luta feminista e deve ser estudado e falado cada vez mais com a intenção de encontrar formas de interrupção à essa realidade.

A história da violência contra a mulher é difícil de ser rastreada. Com a naturalização da dominação masculina e os conceitos de vida privada e pública, os tipos de violência demoram a tornar-se um problema público e, conseqüentemente, demoraram mais ainda para serem identificados - principalmente as violências que não são físicas e explícitas. As ocorrências de violência só foram libertas do âmbito privado após a observação de que os mesmos casos de violência estendiam-se para diversas casas - não eram casos isolados, apesar de não serem exatamente os mesmos, sempre possuíam como característica comum o fato das vítimas serem mulheres e os agressores homens, de alguma forma relacionados a elas, por motivos que variavam desde ciúme, mau comportamento, desobediência, descontentamento com as tarefas domésticas, entre outros da mesma distinção.

A violência contra a mulher nunca se inicia exclusivamente na agressão física - entendendo todo o contexto de submissão da mulher aos homens, o próprio tratamento diferenciado recebido por ela perante a sociedade pode ser percebido como uma forma de violência, principalmente quando aplicado por um homem, demonstrando sua condição de superioridade moral. Dessa forma, uma cultura de violência foi sendo incorporada na sociedade, até o momento em que não fosse percebida como um ataque. Felizmente, nos dias de hoje, depois que a violência doméstica se tornou assunto de discussão e incumbência social, já existem formas de identificar os sinais que indicam violências de gênero.

A forma mais discreta de violência é identificada por Bourdieu (2014) como a simbólica, que é descrita pelo sociólogo como uma forma de coação que independe de agressão física, ocorrendo de maneiras sutis que muitas vezes sequer são percebidos como uma violência, entretanto, causam danos morais e psicológicos em

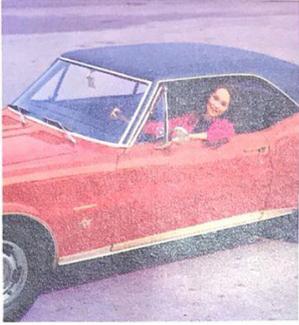
suas vítimas e podem ser até mais letais que a própria violência física. A violência simbólica afeta suas vítimas através do exercício do poder simbólico do agressor, demonstrando sua superioridade com reconhecimento social, econômico ou cultural, por exemplo. Esse método de ataque pode ser representado através de muitos fatores diferentes, como a exposição da intimidade sofrida pela mulher, geralmente por uma figura masculina próxima a ela que utiliza de discursos misóginos e machistas para afirmar sua masculinidade e dominação sobre ela, como uma forma de opressão e agressão simbólica – já que não ocorre de forma física.

Exemplos da violência simbólica não são fáceis de identificar, mas podem ser vistos, por exemplo, no discurso utilizado pela publicidade onde a mulher é retratada como uma serviçal do homem ou, mais explicitamente, na exibição dos corpos femininos dentro de um certo padrão de beleza pré-estabelecido como objeto de desejo, a fim de comercializar o produto ou serviço oferecido a um público masculino, visando manter essa visão de dominação masculina, já que é benéfico para as vendas. Outra situação comum em anúncios são serviços ou produtos, estampando mulheres e falando sobre elas, mas direcionados aos homens, como se elas não tivessem direito sobre o próprio corpo e gostos pessoais - até mesmo isso deveria ser definido pelo marido.

Figura 5 – Anúncio Securit Platiné

Quer vê-la feliz sempre?

Dê-lhe um carro pessoal...



...e uma luxuosa **SECURIT** PLATINÉ

Securit é tradição de luxo em aço.
Securit é também novidade de luxo extra em portas de jacarandá legítimo.
Mas em aço ou jacarandá, o que importa sempre é a
marca Securit - garantia de qualidade incomparável, em todas as linhas



Reprodução: Revista Veja, 23 de Setembro de 1968.

Apesar de anúncios como estes não serem mais comuns em revistas, este é um padrão que se manteve no mercado por muitos anos, sendo até hoje utilizado em menor escala em comerciais tais como de bebidas alcoólicas, principalmente cerveja.

Figura 6 – Anúncio Itaipava



Reprodução: Diário Gaúcho, Itaipava, 2015. Disponível em: <<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/06/conar-suspende-propaganda-com-aline-riscado-por-ser-sensual-demais-4785960.html>>. Acesso em: 25 ago. 2022

A discrepância entre as épocas infelizmente não consegue resolver a questão do abuso da intimidade feminina para o público masculino, anunciando seus corpos como um objeto e expondo sua intimidade, que por vezes acaba sendo explorada e divulgada publicamente até mesmo sem consentimento prévio por outrem. Pode ser em revistas, anúncios, publicidades e muitos outros exemplos, mas essa é uma realidade presente na vida das mulheres que apenas nos últimos anos pôde ser reconhecida como violência, por sua frequente utilização nos meios de comunicação.

Atualmente, o meio digital tem sido um grande agravante para a exposição da vida íntima da mulher, uma vez que as informações se dissipam com mais facilidade e esse tipo de conteúdo - a vida íntima da mulher - continua sendo extremamente consumido, em suma, pelo público masculino.

Segundo Moraes (2007), a dignidade do indivíduo está diretamente relacionada ao direito à vida privativa, à honra e à intimidade, sendo incongruente a divulgação ou utilização de assuntos pessoais que não possuem finalidade pública. Deste modo, não há questionamentos acerca da publicação de imagens ou fatos apelativos, ofensivos, dispensáveis para o interesse público, que ocasione detrimento injustificado à decência humana, sendo autorizada a indenização por agravos morais e materiais. (MORAES, 2007, apud MARTINS; SOUZA, 2016, p.130)

Mesmo não sendo estritamente direcionado às mulheres, o fato de, estatisticamente, terem a sua privacidade invadida desde os primórdios, as enquadra neste papel humilhação e injustiça.

Além da violência simbólica, outros tantos tipos de agressão que antecedem e podem ser percebidos como sinais de que a situação está se agravando e que, futuramente, pode levar a ataques físicos e até mesmo a um homicídio. Se o caminho até a violência física for seguido, a próxima representação de opressão às mulheres seria a violência moral, definida no artigo 7º, inciso V pela Lei Maria da Penha, nº 11.340 (BRASIL, 2006) por condutas configuradas como “calúnia, difamação ou injúria.” Ou seja, expor a intimidade da vítima, inventar acusações mentirosas como a de traição, rebaixar, desmoralizar ou emitir juízos de valores sobre as ações da vítima que refletem sobre o seu caráter. No caso da violência moral, os atos ultrapassam os limites da esfera familiar para constranger a pessoa perante a sociedade, uma vez que envolve a sua exploração e humilhação pública.

A Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) estabelece também outras quatro formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, que fazem parte do conglomerado de violações dos direitos humanos. A violência psicológica se assemelha bastante à moral, tendo como principal diferença estar mais atrelada ao âmbito privado. Condutas prejudiciais e perturbadoras, que visam manipular e controlar o desenvolvimento da vítima com atos de isolamento, perseguição, restrição do direito de ir e vir, chantagens, insultos e distorção de fatos, para confundir memórias, crenças e sua própria sanidades, ou “qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação”. (BRASIL, 2018) Esse tipo de violação dos direitos da mulher é um dos mais comuns e que, nos dias de hoje, trouxeram novamente a discussão sobre os conceitos de violência e sua influência na vida da vítima, já que esta geralmente não percebe os danos causados a sua e acaba por assumir a culpa desses atos, perpetuando o sistema em vigor de dominação masculina. Por mais avançados que a legislação e os estudos feministas possam

estar, ainda há um caráter de conflito entre os gêneros, com uma sobreposição do masculino sobre o feminino, fazendo com que a identificação desses casos desprezíveis, que já são naturalizados em muitas culturas familiares, seja mais trabalhosa.

Embora reconhecida principalmente no âmbito familiar, a violência patrimonial também é reconhecida e amparada pela Lei Maria da Penha. Basicamente, consiste na “retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos” (BRASIL, 2006). Em exemplos práticos, este ato de intimidação pode ocorrer na coação da mulher a não trabalhar, no sentido em que o companheiro provém o sustento da mulher e da casa e esta, por sua vez, não possui nada de renda, não podendo satisfazer seus desejos e necessidades sozinha. Ocorre também o contrário, quando a mulher é quem trabalha e leva o dinheiro à residência, porém é pressionada a entregá-lo nas mãos do companheiro, sendo este o responsável pela destinação total do montante recebido por ela. Destruir objetos pessoais, esconder documentos e não pagar pensão alimentícia também são exemplos comuns que se enquadram nesse caso.

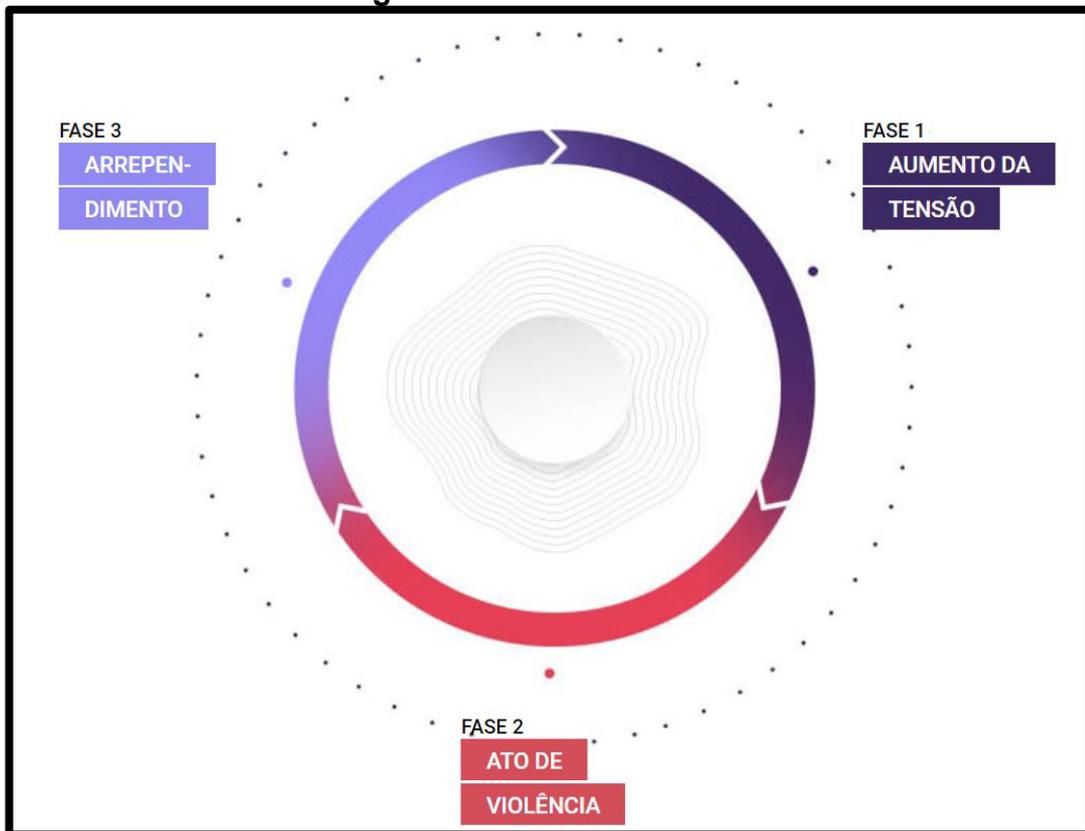
Adentrando o território das violências que oferecem danos físicos à integridade da mulher, temos como um dos exemplos a violência sexual. Apesar de ser entendido como violência somente quando há o ato sexual de penetração por um desconhecido, este segmento vai muito além: toda e qualquer conduta sexual não consensual entre todas as partes envolvidas já é considerada violência sexual - muito difundida também por estupro, quando há relação carnal. Pouco se fala, entretanto, sobre a incumbência deste ato violento entre casais - não é obrigação da mulher realizar qualquer ato sexual se este não for o seu desejo - nesse caso, o crime de estupro ainda é válido e enquadrado na Lei Maria da Penha.

Como ofensa à saúde corporal da mulher, a violência física também se faz presente em forma de agressões como socos, chutes, sufocamento, lesões com objetos, queimaduras e tortura, por exemplo. Não é de hoje que essa violência é imposta às mulheres nem possui uma fórmula que pode ser seguida, então seus desdobramentos vão muito além dos exemplos citados, já que, desde os primórdios, o corpo da mulher é explorado e, como já citado anteriormente, precisa seguir certos padrões para que possa ser respeitado, tanto estéticos quanto comportamentais.

Na era medieval, por exemplo, essa violência foi representada pela caça às bruxas, um movimento marcado pelo preconceito e intolerância religiosa e social contra atos de “bruxaria” iniciados em meados do século XV, focados nas bruxas, mulher consideradas à frente de seu tempo que possuíam atitudes, pensamentos e representações que não atendiam os padrões da época - principalmente religiosos. A publicidade novamente fez parte da concepção desse momento histórico, com a criação e divulgação em massa do livro em latim “O Martelo das Feiticeiras” (KRAMER; SPRENGER, 2000). Conhecido também como inquisição, esse movimento também condenava a bruxaria cometida por homens, mas a maior parte das subversões vinham de mulheres, principalmente de classes mais baixas, que não superaram expectativas da Igreja e, por esta, eram condenadas a queimarem em uma fogueira, além de sofrerem torturas e estrangulamentos. A questão de gênero está novamente muito ligada à essa agressão pelo fato de, estatisticamente, acometer em sua grande maioria mulheres, sendo homens a exceção. Todas essas representações mostram que, de uma forma ou outra, a individualidade tanto quanto a intimidade da mulher nunca foi respeitada pelas instituições, sendo inclusive julgadas a sofrerem esses tipos de violências e torturas físicas.

Atualmente, a execução mais comum continua sendo a violência doméstica. O 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 (FBSP, 2022) determina que, por hora, 26 mulheres são agredidas pelo país. Essa é uma das formas mais perigosas de violência porque, muitas vezes, antecede o feminicídio - crime que, para ser combatido, precisa envolver o enfrentamento de todos os tipos de violência apresentados, incluindo a violência simbólica, base da pirâmide fictícia que dimensiona a repressão e agressão às mulheres.

Figura 7 – Ciclo da violência



Reprodução: Instituto Maria da Penha, 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html> Acesso em: 26 Ago 2022

Apesar do caráter punitivista, a Lei Maria da Penha, responsável por identificar e julgar todas as violências citadas, foi implementada na intenção de mudar essa construção de gênero implementada pela sociedade a partir do início desse ciclo para romper com essa realidade destrutiva para mulheres. Acolher, escutar, ajudar e compartilhar informações sobre o ciclo e as violências relacionadas a ele são algumas das competências desta lei que é considerada transitória - foi imposta com a expectativa de que, no futuro, a realidade seja influenciada por ela, que possa deixar de existir números tão alarmantes de violência doméstica e feminicídios a ponto da questão de gênero não ser mais relevante, já que a construção dos papéis de gênero pode não existir mais da forma que foi conhecida antigamente e continua a reger a sociedade de hoje.

A liberdade da mulher para expressar sua intimidade e sua individualidade sem objetificação e opressão é um requisito para que a sociedade se torne um espaço em que a igualdade de gênero seja possível. Nos moldes atuais, a internet é o canal

que possibilita, ou pelo menos deveria possibilitar, que essa liberdade fosse alcançada dentro dos limites da exposição consentida da mulher. Em futuros capítulos, será constatado que ainda não se pode dizer que a sociedade chegou lá, mas está trilhando um caminho para que esta seja uma realidade no futuro.

3 VIOLÊNCIAS CONTRA A INTIMIDADE DA MULHER NA ATUALIDADE: VINGANÇA E PORNOGRAFIA NAS REDES SOCIAIS

Denúncias de casos de violência contra a mulher nunca estiveram tão em alta. Durante a pandemia de Covid-19 que assolou o mundo em 2020, a subnotificação de casos aumentou bastante, já que mulheres estavam presas em casa com seus agressores e denunciar, uma tarefa que nunca foi fácil, tornou-se quase uma missão impossível. Já no ano de 2021, quando a situação da pandemia já estava mais controlada, foram registradas 67.779 denúncias de violência doméstica contra a mulher e 1.341 casos de feminicídio, só no Brasil⁶ (FBSP, 2022).

Tais casos de agressão extrema são resultado de uma cultura que relativiza violências menores que antecedem casos e denúncias como essas. As violências moral, psicológica e patrimonial, também entendidas no conceito de violência simbólica, de Pierre Bourdieu (2019), são difíceis de serem identificadas, por isso, mais difícil ainda para combatê-las.

Violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2019, p. 9-10)

Na história da mulher, a violência passou por diversas fases, tendo pequenas diferenças nos padrões de execução e nas formas de aplicação dessa violência. Entretanto, algo que não mudou, foi o entendimento de que se a mulher desrespeitou o homem a quem responde ou mesmo não se deu o próprio respeito, ela merece sofrer as consequências, sejam elas físicas ou psicológicas, pessoais ou profissionais.

O momento em que se encontra atualmente é mais sutil, disfarçado em pautas de feminismo e libertação do sagrado feminino, um mito que prega o empoderamento e o desbloqueio de energias femininas, que se conecta com o período atual onde mulheres são incentivadas a mostrarem seu corpo e sua sexualidade de maneira mais explícita, com a justificativa de que, anos atrás, mulheres não podiam ter condutas do

⁶ Dados retirados do 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>>. Acesso em: 30 Ago 2022

gênero na sociedade. Com a imersão da sociedade no meio digital com a chegada dos anos 2000 e o mais recente ainda *boom* das redes sociais alguns anos depois, este se tornou o ambiente propício para a divulgação de materiais e conteúdos como esse.

Assim como foi abordado no capítulo anterior, a utilização dos corpos femininos como objeto é algo naturalizado há muito tempo e, além disso, também foi transformado em produto publicitário para a comercialização de produtos majoritariamente masculinos, sendo um dos vários desdobramentos de como a dominação masculina e a submissão feminina trabalham. Dentro dessa gama de produtos comercializados, pode-se mencionar além de revistas pornográficas, contos eróticos e pinturas explícitas também a venda de itens que se caracterizam pela estética do Kitsch, como algo irreverente que se relaciona com a vulgaridade e o falso, ao mesmo tempo que possui sua própria autenticidade (MOLES, 1986).

Tais objetos podem ser vendidos em forma de canetas que mostram o corpo da mulher nu, baralhos sexuais, bonecas infláveis em tamanho real ou mesmo masturbadores masculinos em formato de boca ou órgãos genitais femininos, por exemplo. A sociedade do consumo utiliza dos corpos femininos para estimular a venda através do desejo masculino e no sentimento de que as mulheres são apenas objetos existentes para única e exclusivamente satisfazer o homem.

Nesse mesmo conceito, a internet potencializou ainda mais esse comércio quando permitiu o crescimento exponencial da conectividade e exposição de conteúdos de muitos para muitos, com a grande evolução dos processos de comunicação e da recepção do público para tais conteúdos. Agora com um espaço propício à exibição em massa, inicia-se uma nova realidade para a exposição da mulher: seu corpo, que sempre fora entendido como privado (ou, pelo menos, como algo que devesse ser mantido apenas nos limites caseiros da domesticidade), para a ser de domínio público, tanto por divulgações consentidas quanto por invasões da sua intimidade para expô-la como forma de vingança devido a motivos pessoais, vindas quase exclusivamente por um homem próximo a ela.

Conceitos como o de pornografia, sua história e influência também serão abordados no capítulo, a fim de incorporá-los no contexto da exploração da intimidade da mulher e também em sua recente inserção na realidade das redes sociais, com impactos e implicações completamente novos, até então. O erótico e o sensual

sempre fizeram parte da sociedade, porém, como isso foi e agora é debatido mudou muito com o tempo, o que pode ser relacionado com a cibercultura e os novos fluxos comunicacionais de reprodução.

Todo o conteúdo presente na internet é elaborado e explorado tão abertamente porque tem público para consumi-lo, então a intenção é entender como, por quais canais e de que maneiras essas situações são apresentadas à sociedade através da exploração do corpo da mulher e de seu potencial de compartilhamento nas redes em que é apresentado, consensualmente ou não. Para tanto, uma análise das redes sociais será concebida não só a partir de uma pesquisa bibliográfica, mas também do olhar crítico da autora que explorou tais ambientes digitais e especificou suas características, a fim de entendê-los em sua totalidade.

3.1 REDE SOCIAL: TERRITÓRIO POTENCIAL DA EXIBIÇÃO

O novo momento de interatividade que a sociedade despretensiosamente imergiu com a naturalização da internet nos anos 2000 resultou em um ambiente onde toda e qualquer informação pode movimentar-se em uma velocidade antes inimaginável. Há vários anos, a cibercultura é uma realidade que inevitavelmente faz parte da vida da maior parte das pessoas, considerando que, em 2022, segundo o relatório *Digital 2022: Global Overview Report*⁷, cerca de 62% da população mundial possui acesso regular à internet, chegando a quase 5 bilhões de pessoas (KEMP, 2022) e com a pretensão de que esse número seja cada vez maior, com a globalização e as ações de combate à desigualdade social no mundo realizadas por diversos governos e instituições.

Por mais intrínseco que seja na sociedade, a cibercultura muitas vezes não é reconhecida por esse nome, apesar de seu conceito já ser internalizado na prática de utilização do âmbito digital: “A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais.” (LEMOS; CUNHA, 2003, p. 11) Ou seja, nada mais é do que os costumes e valores adotados pela sociedade moderna aplicados aos métodos de execução da internet e seus múltiplos canais e plataformas de exibição.

⁷ Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>>. Acesso em: 11 Set 2022

Diferentemente de como as teorias da comunicação entendiam a sociedade, a cibercultura atribuiu novos significados a esse conceito já pré-estabelecido e utilizado como base de meios de comunicação um-para-muitos, como rádio, televisão e revistas, por exemplo, sendo agora trabalhado como muitos-para-muitos: devido a sua grande quantidade e possibilidade de armazenamento de informações, que podem ser acessadas de qualquer lugar e por qualquer pessoa com acesso à rede de conexão local, muitas pessoas compartilham, escrevem, falam e reproduzem um conteúdo que chega a outras milhares de pessoas, num clique. Apesar de ainda comunicar-se com a sociedade de massa, já que esta “é constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos que, enquanto seus membros, são essencialmente iguais, indiferenciáveis, mesmo que provenham de ambientes diferentes, heterogêneos, e de todos os grupos sociais” (WOLF, 2006, p. 7), o mecanismo para chegar até essa população de consumo de massa é feita de maneira dispersa por canais que entregam o conteúdo à muitas pessoas e receptores que consomem e reproduzem tal conteúdo dessa mesma forma, num ciclo contínuo de comunicação.

Neste fluxo, a questão da exibição torna-se extremamente diversa, já que pode apresentar-se de diferentes formas, dependendo da rede ou plataforma escolhida para o compartilhamento do conteúdo desejado. Elas variam principalmente entre texto, imagem e vídeo, mas cada uma dessas variáveis pode adotar uma grande diversidade de formatos. Associando às redes sociais, o maior meio de reprodução desse tipo de conteúdo na internet, temos, por exemplo: a empresa Meta, que une a gestão dos aplicativos *Facebook*, *Messenger*, *Instagram* e *WhatsApp*.

No *Instagram*, há um *feed de notícias* também conhecido como *Timeline*⁸, onde os perfis, as páginas e as hashtags que o usuário segue aparecem. Cada usuário pode compartilhar imagens ou vídeos nesse *Feed* para aparecer aos perfis que está conectado ou para a rede social em geral, se o perfil for aberto para público, além de vídeos ao vivo e vídeos curtos que somem em 24 horas, os *Stories*. Possui também a opção de os usuários trocarem mensagens diretas, ou seja, “privadas”, pois não aparecem na *Timeline* - aqui também entra um recurso de enviar imagens ou vídeos de reprodução única, onde a pessoa pode visualizar por poucos segundos antes do conteúdo sumir.

⁸ “Linha do tempo”, em tradução livre da autora.

A comunicação no *Facebook* é feita através de publicações em texto, imagem ou vídeo, que podem ser feitas por empresas, pessoas, páginas de interesse comum e grupos, possuindo também o recurso dos *Stories*. Juntamente ao *Facebook* está o aplicativo de mensagens que conecta pessoas dessa rede, o *Messenger*. Aqui, os *stories* também estão presentes, além de mensagens individuais onde as pessoas compartilham texto ou enviam imagens e vídeos a pessoas específicas ou grupos de pessoas, de sua preferência.

No *WhatsApp* a dinâmica é bem parecida com este último citado, com sutis diferenças - no *Whats*, apelido carinhoso dado à rede por seus usuários fiéis, os *Stories* são chamados de *Status* e o sistema é um pouco mais funcional que o *Messenger*, já que foi criado antes e masterizou suas técnicas de comunicação. Lá, o compartilhamento de mensagens (seja texto, imagem ou vídeo) pode ser espalhado entre usuários de maneira muito simples, pelo *Encaminhamento*. Dessa forma, apesar da conversa ser individual ou entre um pequeno grupo, ela pode transpassar os limites dessa conversa para se tornar algo viral, mesmo que aparentemente não seja público. Assim como o *Instagram*, o *WhatsApp* dispõe de um artifício recente de visualização única de imagens e vídeos. Porém, assim como as redes vizinhas, ainda há a possibilidade de capturar a tela e divulgar o seu conteúdo, tirando-o do âmbito privado para o público.

Algo a ser destacado no funcionamento de cada rede social é a sua relação entre privado e público. *Instagram* e *Facebook* possuem um compartilhamento de conteúdos público, que pode ser visto por qualquer pessoa, basta acessar o perfil ou página desejado. Há também a opção de deixar o perfil trancado apenas para amigos (ou, pessoas selecionadas pelo usuário) acessarem este conteúdo, mas uma vez que está na internet, as pessoas podem facilmente burlar essas regras e, com uma captura de tela, espalhar um conteúdo antes disponível somente para alguns tornando-o de domínio público. Uma relação parecida acontece com os outros dois aplicativos citados, já que, por trabalharem com mensagens individuais e grupos específicos, sem uma *Timeline* de compartilhamento de conteúdo alheio, como as redes anteriores, dá a sensação de que os assuntos debatidos nele são privados, somente entre as pessoas incluídas na conversa. Entretanto, para viralizar qualquer conteúdo nessas redes sociais é extremamente fácil, principalmente em grupos com várias pessoas, com os recursos de encaminhamento.

Considerando as redes sociais como parte dos maiores meios de comunicação em massa da atualidade, o potencial de exibição dos conteúdos compartilhados nelas é enorme, uma vez que qualquer pessoa consegue usar o seu livre arbítrio para compartilhar qualquer tipo de informação, sem nenhum tipo de filtro. Os autores Miguel; Meireles (2021, p. 315) afirmam que o ciberespaço, em sua definição, deveria ser um instrumento de consumo muito mais do que um objeto de autoexpressão, como vem sendo definido e utilizado. Num geral, o exercício da autoexpressão não seria algo negativo, se não inclísse a exibição de materiais íntimos que dependem do consentimento de outros usuários para tal.

Entrando no âmbito dos conceitos já apresentados de íntimo, privado e público na história da mulher e das violências que a relação de poder existente nesses espaços desencadeou, a exibição dos corpos femininos deve entrar em pauta no que tange ao reconhecimento do papel de diminuição do gênero perante o masculino, portanto, diminuído de diversas formas durante a sua cronologia e, na atualidade, sendo admitido na dinâmica de exibição pela internet. A partir desse entendimento, a exposição de materiais de teor íntimo sem consentimento não pode e nem deve ser considerado um movimento de autoexpressão, mas sim de violência - mais especificamente, violência contra a mulher.

Estatisticamente falando, mulheres são cerca de 70,5% dos casos de exposição de conteúdo íntimo e *sexting* na internet⁹ (SAFERNET BRASIL, 2017) - *sexting* é um termo em inglês que surgiu na junção das palavras *sex*¹⁰ e *texting*¹¹, também em inglês, já que foi popularizado nos Estados Unidos baseando-se na troca de textos, imagens e vídeos íntimos de conotação erótica entre duas ou mais pessoas, podendo ser consensual ou não. No caso da pesquisa em questão, a abordagem retratada é dos casos não consensuais.

Para que situações como esta sejam uma realidade, tanto a forma como a mulher se expressa na internet quanto a forma que terceiros a representam, principalmente homens, são relevantes. Assim como nos espaços *off-line*, a influência dos padrões de beleza pré-estabelecidos é perceptível, tal qual a utilização destes

⁹ Dados retirados da SaferNet Brasil. Disponível em: <<http://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 12 Set 2022

¹⁰ "Sexo", em tradução livre da autora.

¹¹ "Trocar mensagens de texto", em tradução livre da autora.

contra as mulheres, o que as faz repensar as maneiras de se apresentar na vida *online* - filtros que emagrecem e diminuem linhas de expressão, novos métodos de edição de imagem e vídeo para distorcer partes do corpo pouco atraentes perante a sociedade e por aí vai. Cada dia está mais difícil alcançar os modelos que o corpo social sustenta como ideal para as mulheres, posto isso, quando se expõe no ciberespaço, a mulher sente-se livre para expressar-se de maneira aparentemente livre, já que dispõe de diversos artifícios para editar detalhes de si mesma que, na vida real, não seriam possíveis tão facilmente. Este comportamento pode ser explicado também pela relação problemática historicamente entre homens e mulheres, o tom de superioridade incorporado ao gênero masculino impacta de modo direto na autoestima do feminino. E a normalização desta realidade faz com que sua visão fique deturpada e, para aderir um padrão quase que impossível, busque uma exibição esteticamente agradável aos olhos de terceiros.

A partir de pesquisas realizadas como a de Abdala (2008), entende-se através de entrevistas em profundidade a relação da mídia com esse modelo praticamente impossível de aparência que é empurrado à força às mulheres pela sociedade e corroborado não exclusivamente, mas com grande frequência e veemência, pela comunicação em geral: “os padrões de beleza são construções sociais e culturais identificadas com projeções midiáticas criadas, ou ao menos alimentadas pela mídia.” (ABDALA, 2008, p. 67)

Reafirmando o sentimento de invalidação e necessidade de alcançar exemplos inatingíveis de beleza, a objetificação da mulher está muito ligada à percepção masculina sobre seu corpo e suas necessidades como homem, que estes acreditam estar vinculada com ações femininas, já que esta deve sempre estar disponível a seu serviço, de acordo com a interpretação do patriarcado. Desta forma, a mulher está fadada a perpetuar o machismo invalidando sua própria individualidade para seguir tais padrões da sociedade, indicativo que reverbera no ciclo de violência vivido por ela, tendo início nesta violência simbólica de descaracterizar-se inconscientemente para receber uma aprovação do outro. O âmbito virtual é a adaptação para a realidade atual dessa ação já naturalizada na sociedade, de entender o corpo feminino como um objeto de desejo e prazer masculino.

A erotização dos corpos femininos durante a história é um exemplo factual da objetificação que assola o gênero. Na internet, essa exploração da sexualidade

majoritariamente da mulher se torna mais uma forma de exibição da sua intimidade, sendo esta consentida ou não. De qualquer forma, imagens e vídeos íntimos agregam muito mais ao potencial de exibição de conteúdos compartilhados no ciberespaço porque envolvem instrumentos de desejo, como já utilizado na publicidade impressa e, neste caso, representado pelo apelo da silhueta feminina nua. E não é de hoje que situações como essa são comuns na publicidade, já que o erotismo é um recurso que, se explorado corretamente, pode ser extremamente eficiente para a venda de produtos, visando seduzir o comprador atraindo sua atenção para induzi-lo a consumir, sendo uma realidade analisada há vários anos:

É no fluxo da cultura de massa que se desfecha o erotismo: não só os filmes, os comics, as revistas, os espetáculos estão cada vez mais apimentados com imagens eróticas, mas quotidianamente pernas levantadas, peitos estofados, cabeleiras escorridas, lábios entreabertos nos convidam a consumir cigarros, dentifrícios, sabões, bebidas gasosas, toda uma gama de mercadorias cuja finalidade não é, propriamente falando, erótica. (MORIN, 2002, p. 119)

Esse fluxo pode ser revisitado também nas obras de Gil Elvgren (1996), pintor americano que trabalhava com a estética das *pinups*¹², tendo seu auge nos anos 1950 e usufruindo exatamente dessa questão da sexualidade feminina como um importante objeto de desejo objetivando o comércio de algum produto através da exibição do corpo da mulher, sendo explícito ou não.

¹² “Moça bonita, sexualmente atraente; modelo fotográfico; A reprodução de uma foto sua, p.ex., num pôster.” (HOUAISS, 2022). Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2>. Acesso em: 25 Nov 2022

Figura 8 – Pinups de Gil Elvgren



Gil Elvgren, (esquerda) “Esperto e Astuto” (Up and Cunning, 1955); (direita) “Troca de Outono” (Fall Change-over, 1955). Disponível em: <<http://www.thepinupfiles.com/elvgren5.html>>. Acesso em: 28 Nov 2022

Independentemente do teor das imagens disseminadas em publicidades, elas dependem da interpretação do consumidor que as recebem – nem todo mundo irá interpretar os corpos femininos como algo vulgar e desejar tais mulheres e produtos, mas sempre há a contemplação de algum objeto, quando se fala em imagens publicitárias.

Tal objetificação pode ser representada pelo erótico contido em diferentes discursos que, nos dias de hoje, se atualizam diariamente conforme a modernização de cada rede social acontece, progressivamente, com o tempo. Por exemplo, a plataforma Instagram, que comporta imagens e vídeos, está com uma grande ascensão de influenciadores digitais, os formadores de opinião da atualidade. Os influenciadores podem seguir diversas categorias de criação de conteúdo - incluindo o conteúdo íntimo e sexual, segmento adotado por várias mulheres que atuam no digital e monetizam suas redes. Uma pesquisa encomendada pelo projeto Dove Pela Autoestima¹³ e conduzida pela Edelman Data & Intelligence determinou que, no Brasil, 35% das mulheres sentem-se menos bonitas ao verem fotos de influenciadoras e 70%

¹³ Dove: aos 13 anos, 84% das meninas já usam filtros e os danos são imensos. Disponível em: <<https://exame.com/marketing/dove-aos-13-anos-84-das-meninas-ja-usam-filtros-e-os-danos-sao-imensos/>>. Acesso em: 20 Set 2022

teriam menos preocupações e se sentiriam menos julgadas caso se vissem representadas no meio digital. (REVISTA EXAME, 2020).

Figura 9 – Imagens do Instagram da influenciadora digital Mirella



Imagem da tela inicial do Instagram da Mirella; imagem retirada do vídeo de um destaque do Instagram da Mirella; e imagem publicada por ela em seu feed do Instagram (respectivamente). Reprodução: Instagram @mirella. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mirella/>>. Acesso em: 18 Set 2022.

Conteúdos como estes, publicados pela cantora e influenciadora digital Mirella Fernandez, são comuns e amplamente consumidos pelos usuários da internet. Uma pesquisa organizada pelas agências Hootsuite e We Are Social¹⁴ (KEMP, 2022) determinou que 44,3% dos usuários brasileiros da internet que utilizam as redes sociais seguem influenciadores digitais, além disso, o Brasil é o segundo país que mais segue influenciadores digitais. O estudo leva em consideração influenciadores de diversos segmentos, mas a parcela de influenciadoras de conteúdo íntimo também é levada em conta.

Nas redes sociais, principalmente no *Instagram*, o discurso aplicado é aquele que transcende a língua e é abordado especialmente em imagens e vídeos que mostram bastante a pele e partes do corpo tidas como sensuais, como a barriga, o colo, os seios e os glúteos - parcial ou totalmente nus, despertando o desejo do espectador. Esta é uma nítida demonstração de como é feita a utilização dos corpos femininos como objeto de sedução, muitas vezes exibido na internet inclusive para a

¹⁴ Digital 2022: Brazil. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil/>>. Acesso em: 18 Set 2022

venda desses conteúdos, como no caso da Mirella - ela compartilha em suas redes públicas apenas uma parte dos conteúdos íntimos que produz, aqueles mais moderados e implícitos, que adequam-se às diretrizes das redes, que em sua maioria opõem-se a essa exposição exacerbada do corpo, seja de homens ou de mulheres, já que sua política permite que adolescentes de 13 anos (no caso do *Instagram*) utilizem a rede. Infelizmente, tais normas não são suficientes para impedir que o tópico seja abordado de maneira velada, já que imagens sensuais não são proibidas, apenas aquelas explícitas, que mostram órgãos genitais visíveis. A técnica empregada por Mirella e por várias outras pessoas e páginas presentes no ciberespaço que produzem ou compartilham tal conteúdo é divulgar uma prévia das imagens e vídeos nas redes públicas e sinalizar que, para visualizar o conteúdo completo e explícito, é necessário acessar outra plataforma, geralmente específica para imagens e vídeos eróticos e, principalmente, paga.

O mercado de venda não só de imagens e vídeos eróticos, mas também de materiais excêntricos que utilizam o corpo da mulher nu como chamariz, tal como as já citadas canetas explícitas e bonecas infláveis, por exemplo, é extremamente vasto e será abordado com mais profundidade no próximo subcapítulo, mantendo a ênfase no comércio realizado virtualmente, especialmente em *e-commerce*¹⁵. Registra-se aqui apenas a grande quantidade de acessos das plataformas de assinatura que comportam conteúdos adultos, botando em evidência assim o potencial de visualização das representações íntimas nessas plataformas.

O aplicativo de assinatura do segmento de compartilhamentos de materiais eróticos *OnlyFans*, por exemplo, é um dos maiores do mundo no assunto e conta com cerca de 326.7 milhões de acessos mundiais, de acordo com o SimilarWeb¹⁶. Já o *Privacy*, outro aplicativo com a mesma premissa criado no Brasil, tornou-se o maior da América Latina no segmento e seus acessos já estão em torno de 10.9 milhões, baseado em uma pesquisa do mesmo site¹⁷. Ferramentas como as citadas não foram feitas necessariamente para o compartilhamento apenas de conteúdos íntimos, sua criação foi no intuito de proporcionar ao criador de conteúdo uma plataforma onde

¹⁵ “Comércio eletrônico”, em tradução livre da autora.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.similarweb.com/pt/website/onlyfans.com/#overview>>. Acesso em: 18 Set 2022

¹⁷ Disponível em: <<https://www.similarweb.com/pt/website/privacy.com.br/#overview>>. Acesso em: 18 Set 2022

este pudesse monetizar através da assinatura direta com o consumidor a geração de materiais de qualquer área, porém, a capacidade de comportar sem restrições imagens e vídeos explícitos elevou a experiência do usuário e do criador, tornando-os assim os canais ideais para tal exibição. Nas mesmas pesquisas do SimilarWeb, encontrou-se que, apesar de não conter apenas materiais eróticos, nos dois sites citados a principal categoria nos interesses do público que consome, é a categoria “Adulto”, justamente a que compreende imagens e vídeos sensuais.

Para Menin *et al.* (2019, p. 60), a internet é um reflexo da realidade palpável, portanto absorve todas as opressões ocorridas para tal:

As facilidades decorrentes do uso desse mecanismo revolucionário [internet] não escondem as incertezas quanto à segurança no mundo midiático, uma vez que o ser humano, ao se tornar paralelo ao crescimento virtual, acabou por transpor a violência do mundo externo para o interno, de modo que parte da população dada como minoria se tornou oprimida tanto fora do mundo virtual quanto dentro dele. [...] As mulheres são mais suscetíveis a arcar com as constantes agressões no meio digital, visto que a violência gerada pelos usuários torna o ambiente virtual como lugar inóspito para elas, uma vez que ao adentrarem como usuárias, as mulheres são submetidas à chamada hierarquia de gênero, de modo que se tornam vítimas de crimes cibernéticos que podem variar de uma divulgação de fotos ou vídeos privados a distribuição de sexo explícito não autorizado.

Dentro deste contexto, a violência contra a mulher é adaptada para os meios em que se é executada. Nas redes sociais, o fenômeno chamado “Pornografia de Vingança” ganha força com a facilidade em que parceiros afetivos (em sua maioria, homens) conseguem expor a intimidade da outra parte envolvida. Para que os conceitos de pornografia e pornografia de vingança possam ser compreendidos em sua totalidade e relacionados com a violência contra a mulher no subcapítulo em sequência, a importância do potencial de exibição de imagens e vídeos íntimos assim como a volatilidade dos fluxos de comunicação no meio digital precisa estar completamente esclarecida, a fim de vincular tais tópicos com o curso percorrido pelo conteúdo quando divulgado na internet, seja qual for o canal escolhido para a divulgação. A erotização dos corpos femininos, consentida ou não, foi transformada em produto pela sociedade e, quando aplicada à realidade atual, é corroborada pelas novas formas de utilização e venda de conteúdos considerados “adultos”.

3.2 PORNOGRAFIA DE VINGANÇA: QUANDO O OBSCENO VIRA DISCURSO DE ÓDIO

A pornografia existe há centenas de anos, mesmo que seu conceito não seja exatamente como é apresentado nos dias de hoje. O sexual quase sempre foi associado, em sua história, como algo sujo e errado, algo a se ter vergonha e aversão. De acordo com Michel Foucault (2007, p. 10), a chamada Idade da Repressão, momento em que essa aversão à sexualidade ganhou força, foi instaurada no século XVII coincidindo com a ascensão do capitalismo, já que seria empregado pela burguesia e endossado por instituições que pregavam o conservadorismo, como a Igreja. A sexualidade feminina, então, considerando as relações de poder já estabelecidas anteriormente com o gênero masculino, era praticamente nula, uma vez que cabia apenas à seu parceiro a intimidade desse ato entendido como santo e puro no campo do doméstico da burguesia - onde a mulher era o berço da maternidade, a progenitora e a dona de casa do âmbito doméstico, não servindo para mais nada na sociedade - e nefasto quando relacionado com mulheres de baixa renda, aquelas que subvertiam as tradições e moralismos impostos pela Igreja - citadas no capítulo anterior, as bruxas por muitas vezes expressavam sua opinião e sexualidade abertamente, o que era extremamente mal visto e condenado na sociedade da época.

Porém, desde o século XVI a pornografia já era abordada, em muitos casos, de maneira sutil e modesta, mesmo ainda não conhecida por essa denominação, com contos e livros criticando a política e o social enquanto mostram a obscenidade dos corpos, dos desejos e dos atos sexuais (LEITE JR, 2006, p. 46). Além disso, também foi muito representado na arte, principalmente no movimento renascentista que, pela interpretação da pintura que “copia o real”, estimulava a iniciativa e o consumo de materiais como esse, principalmente pela população que era iletrada e não podia acompanhar os contos.

Figura 10 – Os Amantes, por Giulio Romano



Giulio Romano, “Os Amantes” (The Lovers, 1525), óleo sobre tela, 163x337 cm Disponível em: <https://www.wga.hu/html_m/g/giulio/various/lovers.html>. Acesso em: 20 Set 2022.

A arte de Giulio Romano é uma obra histórica, que pode ser encontrada até em museus para sua contemplação, porém é um dos vários exemplos do que a pornografia viria se tornar já que, por ganância do responsável pela gravação de seus quadros, teve suas obras reproduzidas e vendidas, o que era proibido na época, para o alcance de outros públicos que enxergavam a obra como algo promíscuo e sensual e a utilizavam para outros fins, relacionados à sexualidade - assim como acontece nos dias de hoje, com a pornografia online e sua distribuição que ultrapassa os limites do consentimento, indo além das próprias leis e sendo repassado através da pirataria *on* e *off-line*.

A lógica da distribuição e reprodução ilegal dos itens pornográficos continua agindo da mesma forma, tornando materiais de conteúdo “adulto” mais atrativos e cativando o consumidor a conectar-se cada vez mais com obras do gênero que, deste modo, ganham o caráter de secretas e exclusivas, uma vez que, apesar de sua grande visibilidade e aceitação, envolve o segredo.

Além de Giulio, diversos artistas, pintores e filósofos apoiaram-se na obscenidade em momentos e de maneiras diferentes durante a história para contrapor, de acordo com o autor Jorge Leite Jr. (2006, p. 47) “a suposta devassidão dos inimigos políticos, a incompetência dos nobres, a corrupção dos juízes e a hipocrisia daqueles que detinham qualquer forma de poder [...], [visando] o abalo das

estruturas sociais através do prazer sexual.” Entretanto, essa aplicação do erotismo por teóricos de época apenas antecedeu o que seria conhecido como pornografia.

Nas pesquisas de Leite Jr. para o livro “Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento” (2006), este delimitou que outra grande influência para a pornografia moderna foi Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido por Marquês de Sade, um dos primeiros e talvez o mais conhecido libertino - aquele que é desapegado às amarras religiosas, morais e sexuais, seguindo sua própria ideologia e repudiando as alheias. Regado a crueldade, tortura e brutalidade, Sade possuía a crença de que o ser humano é um indivíduo apoiado no egoísmo e que por isso não deveria preocupar-se com convicções, virtudes e prazeres dos outros, uma vez que não acreditava no amor e baseava-se na cultura da violência e na ideia de que “o prazer deve ser arrancado, conquistado à força, jamais cedido.” (LEITE JR, 2006, p. 51). Extrapolando qualquer limite estabelecido pela sociedade, Sade vivia a libertinagem ao extremo como um estilo de vida e não se aproveitava apenas do corpo físico de suas vítimas - preferencialmente mulheres -, mas sim do que elas representavam, sua “essência” de submissão e delicadeza adotados pela sociedade que contrapõe seus princípios.

Dadas suas influências e predecessores, a pornografia então foi tomando forma definitivamente a partir dos séculos XIX e XX, quando se transformou efetivamente em comércio e passou a ser um grande gerador de lucros para o modelo já instaurado de sistema econômico: o capitalismo. Seguindo a mesma linha de raciocínio das pinturas e dos livros de temática sexual vistos anteriormente, porém evoluindo conforme as tecnologias e também meios comunicacionais progrediram, seu início foi marcado pelo comércio de escritos em livros e revistas obscenas, brinquedos sexuais e conteúdos audiovisuais, como fotografias e vídeos explícitos, além das já conhecidas pinturas, que ficaram para trás dando lugar à materiais cuja experiência de utilização fosse mais vívida e atual. Por mais que seu início tenha sido marcado pela censura e pela proibição de distribuição, à medida que foram ganhando adesão do grande público - classes antes menos favorecidas que conseguiram adquirir certo poder aquisitivo a ponto de consumir conteúdos de seu interesse - através do desejo concebido pela própria proibição do material e, assim, gerando lucros, começaram também a ser absorvidos pelo mercado e, portanto, fazer parte deste e produzir materiais com esta temática apenas para a finalidade da venda.

O papel da mulher nesse cenário foi de extrema importância, já que, invertendo as atribuições dadas pelas instituições que pregavam a domesticidade, as mulheres consideradas “impuras”, de classes mais baixas, que não se adequavam aos padrões ou que simplesmente escolhiam o estilo de vida da libertinagem, as cortesãs, foram símbolo de status e luxúrias aos burgueses e inspiração para os materiais adultos, divulgados através de conteúdos físicos, disponíveis para consumo. Leite Jr. (2006, p. 62) analisou que:

O luxo da aristocracia é substituído pelo conforto da burguesia. Se no chamado Antigo Regime a esfera pública era formada em torno do rei, com o burguês vivendo excluído deste mundo, no XIX, a "intimidade" torna-se um valor fundamental e alcança a posição de padrão comportamental, no qual o mundo privado torna-se a expressão da individualidade burguesa. A "obscenidade", ou seja, aquilo que deveria estar fora de cena, ganha uma nova manifestação: o particular em público, a intimidade fora da esfera privada. Não é por acaso que os termos *private* e *privé*, surgidos no século XVI para designar o espaço social excluído da esfera pública (o rei e a corte), vão ambos se tornar, no século XX, marcas registradas de produtos relacionados à pornografia.

Relacionando a participação da mulher na produção passada e presente dos conteúdos - já que permanecem muito parecidos e com a mesma temática, baseada na sexualização das curvas e atos sexuais -, a intimidade que passa a ser pública é a sua, seu corpo sendo exposto e consumido como um objeto de desejo, apesar da luxúria e status almejados serem comumente relacionados ao sexo masculino, uma vez que a maior parte das produções eram e ainda são feitas pensando no prazer do homem. Uma pesquisa encomendada em 2018 pelo canal de conteúdos adultos Sexy Hot, produzida pela agência Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado e divulgada na íntegra pelo G1¹⁸ identificou que, no Brasil, cerca de 22 milhões de pessoas assumem o consumo de pornografia. Desta população, 76% dos consumidores são do gênero masculino (MURARO, 2018) - sendo este o público de maior engajamento e procura, certamente a geração dos conteúdos teria que ser, de uma forma ou outra, relacionada com os interesses dos homens.

Dos variados materiais que a pornografia pode se apoiar para a produção de conteúdo destinado ao público adulto, destaca-se “a representação realista, escrita ou visual, de órgãos genitais ou condutas sexuais, que implica transgressão deliberada

¹⁸ 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 27 Set 2022

da moral e dos tabus sociais existentes e amplamente aceitos”, não à toa é a definição de pornografia explorada por Peter Wagner (1988, p. 7 *apud* HUNT, 1999, p. 26) em sua obra destinada ao tema, que trata das criações de Pietro Aretino, autor de alguns dos principais livros eróticos da história, como “Sonetos Luxuriosos” (1525), que foram escritas para acompanhar as artes sexuais de Giulio Romano, citado anteriormente.

O conceito do pornográfico instituído por Wagner (1988, p. 7 *apud* HUNT, 1999, p. 26) é de extrema importância para entender a separação entre pornografia e erotismo, muito discutido por autores que trabalham principalmente com o estudo de obras literárias históricas, já que estas ilustram de maneira mais clara a separação e as divergências entre os dois termos. De maneira didática, comparações antagônicas exemplificam bem as diferenças:

A distinção entre pornografia e erotismo é atravessada por uma série de oposições, tanto nas afirmativas espontâneas quanto nas argumentações elaboradas: direto vs. indireto, masculino vs. feminino, selvagem vs. civilizado, grosseiro vs. refinado, baixo vs. alto, prosaico vs. poético, quantidade vs. qualidade, chavão vs. criatividade, massa vs. elite, comercial vs. artístico, fácil vs. difícil, banal vs. original, unívoco vs. plurívoco, matéria vs. espírito etc. (MAINGUENEAU, 2010, p. 31)

Pode-se compreender então que, enquanto o erótico preocupa-se em transparecer a sensualidade dos corpos de maneira poética, elegante e de certa forma, até romântica, a pornografia prende-se na expressão gráfica e lasciva dos atos sexuais, tendo como sua principal intenção a demonstração da excitação humana através de palavreados chulos e aumento frenético da movimentação e dos elementos presentes no conteúdo - essa “fórmula” que descreve tais temáticas pode ser vista e aplicada em materiais tanto textuais como audiovisuais, fotográficos e artísticos. Dessa forma, a pornografia mantém sua representação como fora apresentada e idealizada há tantos anos, com grafias explícitas e exposição dos corpos nus, com enfoque nos órgãos genitais e nos atos sexuais de forma explícita e aberta.

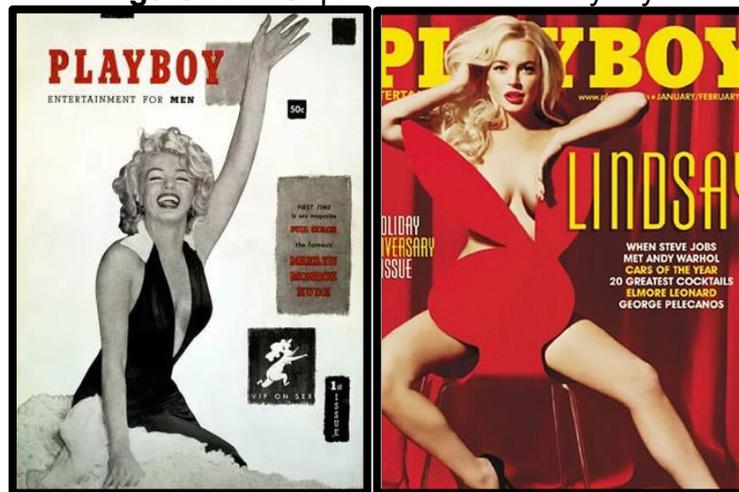
Dependendo do contexto em que está inserido, tanto o conceito do pornô quanto do erótico pode variar, já que é relativo às vivências do leitor que está recebendo o material. O autor Didi-Huberman (1998, p. 29) demonstra com a frase “O que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha” que a percepção de uma imagem, independentemente de seu teor, varia através de sentidos presentes na experiência de cada espectador e de sua intenção ao consumir tal conteúdo – por exemplo, a ilustração de uma mulher nua pode ser exposta em um museu para

apreciação e até estudos sobre sua elaboração mas, ao mesmo tempo, uma fotografia feita dessa mesma ilustração pode repercutir em sites de conteúdo adulto na internet.

Como apontado em discussões anteriores, com o tempo, técnicas de reprodução e conteúdo produzidos foram evoluindo com as tecnologias - inclusive, a maior aderência da pornografia enquanto produto foi durante a crescente escalada dos materiais impressos, evoluindo gradativamente para uma das reproduções mais conhecidas da pornografia: as revistas explícitas.

A marca de revistas Playboy foi pioneira no assunto, tendo sua primeira edição em 1953 após seu criador Hugh Hefner, que já trabalhava no ramo, identificar uma necessidade no mercado para tal já que as revistas com temáticas masculinas na época não produziam nenhum tipo de conteúdo do gênero, apesar do interesse de Hugh e de outros homens em consumir produtos como este. Sendo assim, ele comprou por uma bagatela imagens sem direitos autorais que a atriz Marilyn Monroe protagonizou antes de sua carreira de sucesso, para um calendário destinado ao público adulto. Depois de definir a capa, o nome Playboy foi escolhido para acompanhar Marilyn e outras mulheres nas edições seguintes que, com a grande aceitação do público, passou a ser mensal.

Figura 11 – Capas da Revista Playboy



(esquerda) Capa da primeira Revista Playboy, com a atriz Marilyn Monroe; (direita) Capa da Revista Playboy em 2012. Disponível em: < <https://gente.ig.com.br/celebridades/2017-10-04/capas-historicas-playboy.html>>. Acesso em: 25 Nov 2022

Estima-se que mais de 5 milhões de revistas tenham sido vendidas na década

de 1970¹⁹, tamanha a popularidade conseguida pela marca - que continua até hoje crescendo e expandindo seus negócios conforme o meio digital cresce. Diversos países possuem suas próprias edições da Playboy, inclusive o Brasil que, fora os Estados Unidos, onde a marca foi idealizada, é o maior consumidor dos produtos produzidos por ela.

Assim como seu início, marcado na escalada das revistas impressas, a marca precisou se adaptar ao mercado assim que novas evoluções foram ocorrendo para garantir seu espaço no mercado - no Brasil, com a decadência das vendas das revistas impressas em 2016 e os altos *royalties* pagos à *Playboy Enterprises* pela Editora Abril, esta optou por não trabalhar mais com a marca que, no mesmo ano, foi adquirida pela PBB Editora Ltda. Após essa mudança, para conseguir manter a marca em terras brasileiras, a PBB primeiramente mudou a periodicidade das publicações impressas, a fim de fomentar o segmento on-line. Entretanto, depois de escândalos envolvendo a gestão, a Playboy realmente acabou no Brasil pouco tempo depois, em 2018²⁰ - para esta pesquisa os motivos desse declínio que gerou o fechamento da empresa no Brasil não são importantes, mas sim a visão que esta teve ao migrar para o digital, entendendo sua força exponencial e também a sua própria necessidade de adaptação para continuar existindo no país.

Sites específicos que hospedam imagens de conteúdo pornográfico contendo características do audiovisual ou da fotografia erótica são extremamente comuns e acessados no dia de hoje, sendo inclusive impulsionado o consumo após o aumento do trabalho remoto, durante a pandemia de Covid-19. De acordo com uma pesquisa desenvolvida pela empresa americana de softwares de segurança Netskope²¹, os acessos a sites pornôs cresceram cerca de 600% quando comparado ao mesmo período, no ano anterior (NETSKOPE, 2020). Sites como Pornhub, um dos maiores no segmento, seguem sendo campeões de acesso e impulsionando não só o mercado como o interesse do público, que é incentivado a consumir desde cedo: pesquisas

¹⁹ Vendas da 'Playboy' sem nudez crescem 28% nos EUA. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/09/vendas-da-playboy-sem-nudez-crescem-28-nos-eua.html>>. Acesso em: 28 Set 22

²⁰ "Playboy" acaba no Brasil e editora é acusada de usar nome indevidamente. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/11/playboy-e-encerrada-no-brasil-e-presidente-e-suspeito-de-crimes.htm>>. Acesso em: 02 Out 22

²¹ Cloud and Threat Report: August 2020 Edition. Disponível em: <<https://www.netskope.com/lp/cloud-and-threat-report/>>. Acesso em: 02 Out 22

apontam que o consumo de pornografia inicia-se entre 9 e 11 anos de idade²² (SAHD; FERREIRA, 2020), o que não molda somente a visão de sexo que essa criança leva para a vida, mas também uma nova necessidade é criada de estar sempre consumindo materiais como estes e de compartilhar imagens, vídeos e textos com o mesmo teor, porém sem a mesma produção - categoria chamada de “amadores”, nos sites pornográficos.

Considerando toda essa linha de pensamento, faz todo o sentido o compartilhamento de conteúdos íntimos, principalmente por homens, nas redes sociais, já que são estes os mais interessados no assunto e também os que mais consomem, de acordo com os dados apresentados. Nas mídias digitais, o mais comum é a divulgação dos chamados nudes - imagens e vídeos íntimos focados nas genitálias, por vezes sem nem mesmo mostrar o rosto, para não identificar a pessoa presente na imagem. Não há uma ascendência de um gênero ou outro quando se trata de nudes, tanto homens quanto mulheres utilizam deste método para compartilhar sua intimidade com o outro no ciberespaço. O que impressiona é a divulgação desse conteúdo, que geralmente sai de conversas íntimas com uma ou mais pessoas escolhidas pela pessoa que está se expondo, para o âmbito público, redes sociais que permitem a entrada e visualização de muito mais gente que, na teoria, não teriam o devido consentimento para receber, compartilhar e visualizar tais materiais.

Este fenômeno chama-se Pornografia de Vingança e está estritamente associado ao descontentamento de uma das partes envolvidas - aquela que recebeu as imagens. Por motivos íntimos geralmente relacionados à relacionamentos afetivos, a pessoa que recebeu as imagens sente-se lesada na relação e, sem consentimento, divulga os materiais em outras redes que permitem mais facilidade no acesso. Também conhecida como Pornografia de Revanche, essa modalidade de agressão às mulheres vem da expressão em inglês *Revenge Porn* e é caracterizada por Mocho (2016, p. 14) como “imagens íntimas consensualmente entregues a um parceiro que posteriormente as distribui sem o seu consentimento.”

²² O Pornô Desconstruído. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/pornografia-sera-que-voce-devia-parar-de-assistir-a-esses-conteudos-na-internet/>>. Acesso em: 02 Out 22

Num mundo virtual, onde todos têm seu espaço para compartilhar suas ideias, realidades e aspirações, há também espaço para a mentira, corrupção e a crueldade. O Revenge Porn ganha força total com o advento da tecnologia, a qual impulsiona ainda mais o compartilhamento de momentos que deveriam ser íntimos, para o público, pautando-se na impunidade atual para esse tipo de crime. Uma vez na internet, nunca mais poderá ser apagado. Essa é a realidade de uma vítima de Pornografia de Vingança. Nunca mais ela terá paz, pois em algum momento em seu futuro sua foto, ou vídeo poderá ressurgir. (MOCHO, 2016, p. 14-15)

O agressor que comete a Pornografia de Vingança tem o intuito de constranger e culpabilizar a vítima, que é geralmente a mulher, com a divulgação de conteúdos íntimos. Justamente por conter esse viés vingativo que “ocorre mais frequentemente na fase de término dos relacionamentos afetivo-sexuais” (FLACH & DESLANDES, 2017, p. 10).

[A Pornografia de Vingança é praticada] quando um dos ex-parceiros ou ambos compartilham na Internet fotos e vídeos íntimos criados durante a vigência do relacionamento afetivo-sexual, sem o consentimento de um dos envolvidos, com o intuito de difamar, humilhar, chantagear e/ou se vingar. (FLACH & DESLANDES, 2017, p. 10-13)

Uma outra maneira de reverberar essa violência nas redes sociais é o ato do *sexting* que, como já exemplificado na abertura do capítulo, baseia-se na troca de mensagens de texto, imagem ou vídeo de conotação sexual entre duas ou mais pessoas, podendo ser ou não consensual. Flach e Deslandes (2017, p. 10) afirmam que “o sexting como prática consensual não é designado como uma violência, todavia, sua postagem não consentida constitui, como forma de revenge porn, um tipo de abuso digital nas relações afetivo-sexuais.”

Como consequência dos crimes citados acima, muitas mulheres têm sua carreira, seus relacionamentos afetivos ou não e basicamente sua vida comprometida “[...] por pessoas que tiveram algum laço afetivo com a vítima, como companheiros, cônjuges ou amantes.” (SOUZA; SILVA, 2020, p. 105)

A partir de tudo que foi apresentado, será possível analisar com maior profundidade casos e expor essa trágica maneira em que a privacidade da mulher é atacada por um terceiro que, geralmente após o término de um relacionamento mal resolvido, decide externar sem consentimento esses arquivos compartilhados entre vítima e agressor num momento de confiança, com a finalidade de atingir a moral e o psicológico dela no núcleo da intimidade das partes envolvidas no caso.

4 ESTUDO DE CASO: PORNOGRAFIA DE VINGANÇA E OUTRAS VIOLÊNCIAS DA INTIMIDADE FEMININA A PARTIR DO WHATSAPP

Desde a sua idealização em 2009, a rede social *WhatsApp* foi uma proposta inovadora e extremamente prática para usuários de *smartphones*, tendência que aumentava progressivamente conforme o tempo. Estima-se que, em 2009, mais de 1 milhão de brasileiros já acessavam a internet por outros meios, senão o computador (IBOPE, 2009)²³. A 21ª edição do Internet Pop, realizado pelo antigo IBOPE Mídia, indicou que o crescimento mais percebido durante a realização da pesquisa foi a utilização da internet como um meio de relacionamento e comunicação através de mensagens instantâneas e comunidades on-line (IBOPE, 2009)²⁴ - a principal função atribuída ao *WhatsApp*, quando foi criado.

Sua facilidade, simplicidade e praticidade atribuída ao uso para diversos fins, principalmente quando relacionado com o telefone móvel - apesar de atualmente já existir a sua versão para desktop -, foi muito responsável para a grande aderência da rede tanto em terras brasileiras quanto estrangeiras, acumulando mais de 500 milhões de usuários do *WhatsApp* em 2015²⁵, principalmente com a sua utilização no aparelho móvel. (ALECRIM, 2019). A interface básica e intuitiva permite que as pessoas aprendam e se adaptem rapidamente à multiplataforma, que agora é unanimidade no segmento, deixando apenas um pequeno espaço para que outras empresas do mesmo nicho se estabeleçam no mercado - até agora várias surgiram com a mesma premissa, mas nenhuma obteve tamanho sucesso como o *WhatsApp* teve e continua a ter mundialmente.

A partir da relevância conferida ao aplicativo opositor ao Serviço de Mensagens Curtas - tradução livre de *SMS*, *Short Message Service* - no Brasil, o presente trabalho visa apresentá-lo, delimitar sua presença no meio digital e caracterizar as especificidades dessa rede que parece estar longe de cair em desuso no país. Seu papel de significação e utilização impacta diretamente nos casos de violência contra a mulher na internet e, principalmente, nos casos de Pornografia de

²³ Internet para as massas. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/134186595-Internet-Para-as-Massas.pdf>>. Acesso em: 08 Out 22

²⁴ Ibid. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/134186595-Internet-Para-as-Massas.pdf>>. Acesso em: 08 Out 22

²⁵ Dez anos de WhatsApp: como o serviço de mensagens conquistou o mundo. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/especiais/whatsapp-dez-anos-historia/>>. Acesso em: 13 Out 22

Vingança, *sexting* e exposição da intimidade feminina, que serão tratados com maior profundidade na segunda parte do capítulo. Além disso, os discursos relacionados com a violência e como estes podem ser percebidos e realizados de diferentes formas na ferramenta também será abordado.

Diante das muitas funcionalidades da rede, uma pesquisa foi realizada em uma das seções mais estimadas e utilizadas no *WhatsApp* - os grupos. Neste trabalho, a abordagem realizada é a observação do contexto digital baseado na netnografia, então quatro grupos de reprodução de pornografia foram escolhidos para tal. Para a seleção dos grupos estudados, houveram alguns critérios analisados antes de iniciar a observação - estes foram encontrados dentro de sites adultos direcionados apenas para a divulgação e venda de grupos de *WhatsApp* com compartilhamento de conteúdo pornográfico e somente foram considerados passível de fazerem-se presente na pesquisa por conterem uma série de regras e limitações para não comprometer nem o trabalho nem a integridade física da pesquisadora. Sendo mulher, poderia facilmente ser perseguida e assediada por se tratar de um ambiente inóspito para o gênero feminino e habitado majoritariamente por homens que utilizam dos conteúdos para seu próprio prazer - das 261 pessoas contidas nos grupos analisado, 88 possuíam foto de perfil ou *username*²⁶ associado ao gênero masculino, enquanto somente 19 pessoas possuíam identificação feminina (dados retirados da pesquisa nos grupos).

Dentre as regras dos grupos, mantidos por administradores que diziam controlar os locais, determinou-se proibido materiais e discursos de pedofilia, zoofilia, discriminação e desrespeito, além de não ser possível “invadir” o espaço pessoal dos participantes sem consentimento - ou seja, não pode haver conversas privadas entre os participantes, a não ser que seja consentido por ambas as partes -, nem imagens do órgão genital masculino, dando a entender que o grupo é estritamente direcionado para o compartilhamento de imagens que exploram os corpos femininos.

Por isso, pensando na segurança da pesquisadora, foi utilizada a técnica de observação disfarçada, amplamente discutida por vários teóricos, uma vez que pode comprometer a ética envolvida no desenvolvimento da pesquisa. Para Jaccoud; Mayer (2014), esta opção é válida por ser a única alternativa para analisar casos complexos,

²⁶ “Nome de usuário”, em tradução livre da autora.

devido a uma questão de acessibilidade. Entretanto, para Churchill; Brown; Suter (2011), todos os seres humanos têm o direito de permitir ou não sua participação na pesquisa, tornando-a assim antiética quando os observados não consentiram tal situação. Apesar da validade da reflexão, no caso do presente trabalho, considerou-se a importância da observação no grupo para o trabalho e também a questão do risco para a pesquisadora, conseqüentemente optando pelo método clandestino.

Em grupos como este, a intimidade de mulheres, muitas vezes sem o seu próprio conhecimento, é exposta por homens em favor de seu próprio prazer e necessidades, sem pensar nas conseqüências e implicações que tais compartilhamentos sem consentimento podem vir a ter na vida da mulher exposta. Uma análise sobre essa situação que ocorre com certa frequência em sites gratuitos e pagos na internet será apresentada para, ao final do trabalho, ser explorada juntamente com outros componentes da pesquisa para chegar a conclusões satisfatórias sobre a rede em questão e as violências vividas por mulheres dentro delas - através deste compartilhamento em grupos, do potencial de viralização em contatos individuais, da falta de controle do próprio *WhatsApp* em fiscalizar conteúdos deste nível que são inclusive tipificados criminalmente no Brasil.

Ao mesmo tempo, realiza-se entrevistas em profundidade com uma especialista em violência de gênero e com uma vítima que teve seus nudes vazados na internet e sofreu tal violência para entender as principais características e efeitos dos atos de constrangimento que decorrem da divulgação de imagens e vídeos íntimos sem consentimento de mulheres no ciberespaço, além de perceber também os materiais compartilhados e os discursos envolvidos nessa violência.

Juntamente com as entrevistas, apoia-se também em casos midiaticamente relevantes e com repercussão no *WhatsApp* para entender as diversas maneiras que a intimidade feminina pode ser exposta. Assim, a relação entre intimidade, privacidade e a progressão desses dois estados para o âmbito público também serão observados por terem ligações diretas com a violência contra a mulher, como já mostrado em capítulos anteriores.

Desta forma, a intenção deste capítulo é compreender não só como funciona a multiplataforma *WhatsApp* em seu todo, mas também como funciona o esquema de divulgação de pornografia dentro da rede e como as pessoas que fazem parte de

todos os elementos incluídos no processo de violência simbólica contra a mulher comportam-se e reagem a tais acontecimentos.

Para isso, uma separação estrutural foi necessária visando analisar como ocorre o processo de vazamento de nudes no *WhatsApp* desde seu princípio: quando a imagem íntima é produzida por uma mulher e compartilhada com alguém de confiança na rede social; passando por manipulações de imagem ou não; até o momento em que a imagem é disseminada tanto para grupos como para pessoas importantes para a vítima, com o objetivo de lesa-la; e também quando essa imagem ultrapassa os limites do *WhatsApp*, adentrando novos espaços dentro da cibercultura e impactando em diversos âmbitos a vida da vítima. No desenvolvimento, principalmente, todos os dados coletados dos grupos analisados, das entrevistas e dos casos midiáticos serão cruzados para relacionar os assuntos à estrutura idealizada.

4.1 REDE SOCIAL WHATSAPP: CONTEXTUALIZAÇÃO

Atualmente, é impossível imaginar como seria a vida sem o advento das TICs²⁷, já que boa parte das interações sociais são baseadas em recursos derivados delas. Em 2019, só no Brasil, cerca de 82,7% dos domicílios possuíam acesso à internet, de acordo com o IBGE²⁸. Para além disso, a principal finalidade da internet para os brasileiros em 2019 foi justamente a troca de mensagens instantâneas, seja através de vídeos, imagens, mensagens de voz ou de texto - um total de 95,7% das pessoas que responderam à pesquisa²⁹ - dados bastante expressivos que demonstram um interesse explícito do brasileiro em simplificar as relações sociais adaptando-as para a realidade e utilizando as novas tecnologias como aliadas nesse processo de evolução humana.

Essa troca é concebida através das chamadas mídias sociais, canais que proporcionam o compartilhamento e a disseminação de informações em diversos

²⁷ Tecnologias de Informação e Comunicação.

²⁸ Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>. Acesso em: 20 Out 22

²⁹ Ibid. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>. Acesso em: 20 Out 22

formatos que podem ser transmitidos digitalmente, criando uma conexão entre pessoas. “Formou-se, então, um ambiente enredado que emula algumas das necessidades humanas, entre elas, o convívio por meio de comunidades.” (LIMA JR., 2009, p. 97) Esse ambiente é ilustrado em muitos formatos diferentes dentro do ciberespaço, cada um com seu viés específico que é caracterizado por motivos distintos. O *WhatsApp*, rede social analisada no estudo, é uma das mídias sociais mais influentes e utilizadas atualmente no mundo, sendo considerada a plataforma favorita em 2022, em uma pesquisa feita a nível mundial³⁰.

Criado em 2009 por dois ex-funcionários do portal *Yahoo* que, após 20 anos na empresa situada no Vale do Silício - local na Califórnia, Estados Unidos, conhecido internacionalmente por ser o “berço da tecnologia”, já que diversas empresas gigantes do segmento iniciaram seus trabalhos por lá -, entenderam a oportunidade de espaço no mercado e perceberam a grande evolução das empresas que eram criadas naquele espaço, então decidiram desenvolver seu próprio negócio que, à época, era focado apenas em definir “status”, como “ocupado”, “trabalhando” ou “em ligação”, que eram conectados com os contatos já presentes no telefone do utilizador. Entretanto, poucos meses após sua criação, já com atualizações para corrigir *bugs*³¹ contidos no aplicativo e com a emissão de notificações, para que os contatos recebessem um sinal quando o status de alguém era modificado, os usuários começaram a utilizar esses status como forma de comunicação, deixando mensagens para seus contatos, como “alguém quer ir ao cinema hoje?”, por exemplo. Percebendo a nova interação gerada diretamente pelos usuários, uma nova versão foi atualizada para que fosse possível a troca de mensagens instantâneas pouco tempo depois. (ALECRIM, 2019)

Ainda no mesmo ano, o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* migrou para diversos países, já que enfrentava problemas sendo oposição ao *SMS* apenas nos Estados Unidos, visto que no país o serviço era de graça. Ambicionando a expansão da empresa, os fundadores adentraram então diversos territórios a nível mundial, incluindo o Brasil, como uma proposta inovadora e, principalmente, gratuita

³⁰ Digital 2022: Global Overview Report. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>>. Acesso em: 11 Set 2022

³¹ “Falha ou erro num programa informático, dispositivo, site etc., que impede o seu funcionamento correto ou causa um mau desempenho.” (DICIO, 2022). Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bug/>>. Acesso em: 28 Out 2022

de trocar mensagens rápidas, solução para os brasileiros que pagavam tarifas absurdas das operadoras de celular com a mesma finalidade. Não é à toa que há no Brasil cerca de 120 milhões de contas, ficando apenas atrás da Índia e se consagrando como o segundo país no mundo com mais usuários no *WhatsApp*³² (STATISTA, 2021). Pensando no significado do título que nomeia o aplicativo, ele referência a expressão norte-americana “*what’s up?*”, que significa em tradução livre “e aí?”, uma saudação geralmente utilizada em conversas informais, praticamente a principal função atribuída ao *WhatsApp* - ser uma plataforma descomplicada e multifacetada para conectar pessoas com diversos fins, inclusive o bate papo do dia a dia -, contendo também um trocadilho sonoro com “*up*” e “*app*”³³. (WHATSAPP LLC, 2022)

Desde sua popularização no país a multiplataforma apenas progrediu, sendo possível fazer ligações por áudio, vídeo, compartilhar momentos no *status* e até mesmo transferir dinheiro, em uma recente atualização. Com o tempo, ocorreu também uma fusão com a empresa *Meta* - antiga *Facebook*, que engloba não só o *WhatsApp*, mas também as plataformas *Facebook*, *Messenger* e *Instagram*, incluindo também algumas ferramentas de organização para empresas presentes nas mídias sociais. Essa junção trouxe novas tecnologias e uma evolução para a rede de mensagens, que foi adaptando utilidades das outras redes do conglomerado *Meta* para a realidade da multiplataforma e conseguindo resultados muito positivos. Além disso, “[o *WhatsApp*] está disponível para smartphones, iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia.” (SOUZA; ARAÚJO; PAULA, 2015, p. 140).

Apesar de já existir sua versão de utilização para desktop desde 2015, onde o site espelha as mensagens do *smartphone* para a tela do computador ou para o aplicativo que pode ser baixado também no computador, a versão mais utilizada e, talvez, favorita dos usuários ainda é via telefone móvel. Seja por questões envolvendo custos, funcionalidades ou simplesmente preferência, o brasileiro continua escolhendo o celular para consumir o acesso à internet. Estima-se que, em 2019,

³² Dados retirados do site Statista. Disponível em: <<https://de.statista.com/statistik/studie/id/99085/dokument/messenger-whatsapp-in-brasilien-brand-report/>>. Acesso em: 22 Mai 2022

³³ Sobre o WhatsApp. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about>>. Acesso em: 24 Out 2022

98,6% da população usava o telefone móvel como dispositivo para entrar no ciberespaço (IBOPE, 2009)³⁴.

O valor agregado de poder manter contato de qualquer lugar para qualquer lugar e socializar com pessoas ao redor do mundo de maneira simples e fácil certamente influencia, mas é importante pontuar também no preço físico desses materiais e sua manutenção - com o destaque que o aparelho celular ganhou desde sua ascensão em meados de 1990 e o sucesso comercial atingido na década de 2010, atribuído às várias opções de dispositivos móveis para compra e dos diversos planos de internet e ligação, que eram comercializados a partir de R\$10,00/mês, o celular tornou-se unanimidade não só, mas principalmente entre os jovens. (DUTRA, 2016).

A partir dessa utilização em massa, a criação de redes sociais pensadas em prover uma manutenção da interatividade social se faz necessária para que o consumo dos aparelhos siga crescendo e, cada vez mais, a tecnologia evolua a ponto de substituir parcialmente as atividades que antes careciam de esforço físico, como por exemplo, ter uma conversa particular com um amigo, que pode ser compensado por uma conversa via chamada de vídeo no *WhatsApp*, ou até mesmo transferir dinheiro, operação que antes exigia ir até o banco e agora pode ser feito diretamente pelo aplicativo para a pessoa desejada.

Porém, nem só de vantagens vive a rede social. Assim como outras desse segmento, como *Messenger* e *Telegram*, por exemplo, no *WhatsApp* também não há um controle de quais são os conteúdos compartilhados entre seus usuários. No que tange ao sistema de privacidade, a multiplataforma frisa principalmente “criptografia de ponta-a-ponta”, um sistema de protocolos que visa manter privados materiais compartilhados através de mensagens individuais ou grupais, desde que sejam realizadas no *WhatsApp*.

As conversas protegidas com a criptografia de ponta a ponta são claramente identificadas com uma mensagem assim que a conversa é iniciada. Todas as mensagens e chamadas ficam somente entre você e os participantes da conversa, e nem mesmo o *WhatsApp* pode ler ou ouvi-las. (WHATSAPP LLC, 2022)

Entretanto, tal protocolo somente é efetivo para evitar que mensagens, imagens, vídeos, documentos entre outros materiais trocados via *WhatsApp* sejam

³⁴ *Op. cit.* Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/134186595-Internet-Para-as-Massas.pdf>>. Acesso em: 08 Out 22

“vazados” através de *hackers*³⁵ mal-intencionados que consigam interceptar as mensagens no momento em que eles são enviados ou sejam vendidos e acessados por anunciantes e empresas, semelhante a casos que já ocorreram na rede vizinha *Facebook*, em 2018³⁶ (AGÊNCIA EFE, 2018).

Seguindo as políticas do território brasileiro a fim de evitar que situações como a citada acima sejam recorrentes e se espalhem para a rede social de conversas, a plataforma se responsabiliza com a LGPD - Lei Geral de Proteção de Dados -, como todas as empresas vigentes no país, e oferece através de uma central de ajuda auxílio com os principais tópicos de dúvida dos usuários. Entre os artigos mais buscados, de acordo com a própria Central³⁷, estão “Como manter a segurança no *WhatsApp*”, “Sobre contas temporariamente banidas” e “Sobre a confirmação em duas etapas” (WHATSAPP LLC, 2022), por exemplo, demonstrando assim o interesse e a preocupação dos usuários em manter a intimidade das conversas realizadas no aplicativo privadas. Contudo, não há nada muito específico na Central de Ajuda acerca da exposição e compartilhamento de conteúdo explícito e sexual entre usuários do *WhatsApp*, principal tema abordado no presente trabalho - presume-se que, pelas nítidas declarações encontradas no site, a empresa não se responsabiliza pelas trocas de informações realizadas na plataforma, uma vez que não tem acesso a nenhum desses conteúdos, de acordo com as premissas da criptografia de ponta-a-ponta.³⁸ (WHATSAPP LLC, 2022).

O conceito de privacidade acaba por ser deturpado no *WhatsApp*, visto que há diversas barreiras que impedem a rede social de manter-se completamente privada. Um grande exemplo dessa dificuldade são os grupos.

[...] o *WhatsApp* é uma mídia social poderosa, capaz de levar uma mesma mensagem a vários usuários espalhados pelo país num período muito curto de tempo [...]. Isso acontece devido sua topologia de rede com a formação de grupos de conversa, sendo vários destes com uma grande quantidade de membros. Ainda, é possível observar alguns usuários participando de vários

³⁵ “Quem invade sistemas computacionais ou computadores para acessar informações confidenciais ou não autorizadas, apontando possíveis falhas nesses sistemas.” (DICIO, 2022). Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hacker/>>. Acesso em: 25 Out 2022

³⁶ Facebook cedeu dados pessoais dos usuários a gigantes da tecnologia, revela jornal. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/19/facebook-compartilhou-mais-dados-com-gigantes-tecnologicos-do-que-o-revelado-diz-jornal.ghtml>>. Acesso em: 25 Out 2022

³⁷ Central de Ajuda do WhatsApp. Disponível em: <<https://faq.whatsapp.com/>>. Acesso em: 25 Out 2022

³⁸ Privacidade para suas mensagens. Liberdade pra você. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/privacy>>. Acesso em: 25 Out 2022

grupos ao mesmo tempo, podendo compartilhar mensagens e ultrapassar facilmente as fronteiras dos grupos e transitando rapidamente através da rede. Essas características possibilitam à população o uso do *WhatsApp* como fonte de notícias e informação. (VIEIRA et. al., 2019, p. 408-409)

Em contraste, há também dados que afirmam que 90% das conversas dentro da rede são individuais, dentro do entendimento das conversas privadas, além de que a média de pessoas em grupos era de apenas 6 pessoas, em 2018³⁹ (DANIELS, 2018). No subcapítulo seguinte será abordado com mais profundidade a questão dos grupos e a disseminação de informações em massa que podem ocorrer neste canal, abrindo margem para as mais diversas violências que invadem a intimidade feminina dentro do *WhatsApp*. Entretanto, esse não é o único empecilho que interfere na segurança da rede social, já que os encaminhamentos de materiais enviados pela multiplataforma podem ser efetuados facilmente, seja para grupos ou em conversas individuais.

Para evitar o encaminhamento em massa de informações, principalmente nos grupos, a plataforma também em atualizações recentes definiu um limite de encaminhamentos para seus conteúdos, de forma em que as mensagens, originadas em forma de texto, áudio, imagens, vídeos ou documentos, podem ser encaminhadas no máximo para 5 pessoas, ou, caso já seja uma mensagem encaminhada com frequência - cuja mensagem aparece em cima do material compartilhado -, esse limite diminui apenas para uma pessoa. Contudo, essa estratégia não é muito eficiente por ser facilmente burlada. No caso de uma mensagem de texto sem limite para mais encaminhamentos, é só copiar e colar no chat da pessoa desejada. Com fotos, vídeos e documentos é tão simples quanto: salva-se o conteúdo no celular e envia-se como se fosse algo novo, para quantas pessoas desejar. Por esse e outros motivos, não é recomendada a utilização de redes sociais como esta para o compartilhamento de arquivos íntimos e pessoais.

Mestre e Doutora em Processo Penal pela PUC-SP, a promotora de justiça Valéria Scarance é uma renomada pesquisadora e autora de artigos e livros na temática da violência de gênero e, além de atuar na área combatendo casos de violência contra a mulher diariamente, promove também palestras nacional e

³⁹ How WhatsApp Is Fighting Misinformation in Brazil. Disponível em: <<https://about.fb.com/news/h/how-whatsapp-is-fighting-misinformation-in-brazil/>>. Acesso em: 25 Out 2022

internacionalmente. Sobre a temática do envio de imagens íntimas através do *WhatsApp*, Valéria comenta:

"É sempre um risco, então, para mulheres que publicam, que têm essas fotos, assim, ter consciência de que infelizmente, infelizmente, nós vivemos ainda numa sociedade machista, numa sociedade que está em transformação, mas uma sociedade que ainda é muito conservadora. Que ainda é muito machista, que ainda culpa demais das mulheres."

Apesar de seu aviso não impedir ninguém de tal ato, a promotora deixa claro que a mudança precisa ocorrer no pensamento comum da sociedade, pois sempre há possibilidade de vazamentos com o envio de conteúdo explícito pela internet. Neste contexto de exposição da intimidade feminina, o *WhatsApp* é um dos aplicativos mais escolhidos para o compartilhamento em massa de imagens e vídeos íntimos - em 2015, uma pesquisa realizada pela Qualibest⁴⁰ apurou que 46% dos entrevistados, entre homens e mulheres, já compartilharam imagens e vídeos íntimos na internet, sendo o *WhatsApp* a rede social mais utilizada para tal, com 87% dos entrevistados escolhendo-a para o envio desse conteúdo (CORREIO BRAZILIENSE, 2015). Em grupos compostos majoritariamente por homens, a troca de imagens de teor sexual seja de parceiras, ex-parceiras ou mesmo de pornografia encenada disponível em sites adultos na internet é extremamente comum - inclusive, existe uma rede de grupos somente com essa finalidade, alguns deles até pagos e/ou com conteúdos à venda.

A multiplataforma possui um formato diferenciado, já que seu propósito é ser uma rede de conversas privadas. Dito isso, não é de se estranhar que esses grupos sejam criados dessa forma, sem nenhum tipo de dificuldade, uma vez que a ferramenta não exige critérios para a criação destes. Todo o formato em que o *WhatsApp* é disponibilizado dá a impressão ao usuário de que a rede é 100% segura e de que toda e qualquer intimidade pode ser compartilhada através dela, carregando um tom de privacidade para as conversas realizadas no aplicativo. Contudo, o viés da rede continua a ser público, já que há diversas formas de viralizar um conteúdo na plataforma, fazendo-o percorrer longos caminhos e chegar a pessoas que o próprio

⁴⁰ Quase metade dos usuários da internet já mandou nudes, diz pesquisa. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/12/17/interna_tecnologia,510979/manda-nudes-pesquisa-consulta-jovens-de-16-a-30-anos-para-saber-opini.shtml>. Acesso em: 27 Out 2022

emissor da mensagem nem tem noção, ultrapassando os limites de exibição conhecidos pela pessoa envolvida e exposta.

O próprio conceito de privacidade concedido à rede entra em conflito quando há necessidade de acessar informações compartilhadas ali na investigação de algum crime cibernético, por exemplo. No Brasil, entre 2015 e 2016, o *WhatsApp* foi alvo de bloqueios através de notificações judiciais por se negar a colaborar com investigações criminais. Das 4 vezes em que foi notificado, 3 vezes o bloqueio foi efetivado, deixando a plataforma fora do ar no país por 14 horas em dezembro de 2015, 24 horas em maio de 2016 e durante o período de uma tarde em julho de 2016⁴¹. (G1, 2022).

Apesar disso, a luta da empresa *Meta* em determinar maneiras para conseguir cada vez mais um aplicativo seguro para a utilização do usuário é constante. Em novas atualizações, o *WhatsApp* implementou na seção de “Privacidade” do app as mensagens temporárias, onde o usuário pode escolher a duração padrão das mensagens trocadas ali. Dentre as opções estão 24 horas, 7 dias, 90 dias e desativada, caso o usuário prefira manter as conversas arquivadas na plataforma. De acordo com o *WhatsApp*, esse sistema atua para que as pessoas se sintam mais seguras em compartilhar todos os tipos de conteúdo na rede, que dá a opção de escolha para que cada pessoa decida “[...] por quanto tempo as mensagens podem permanecer na conversa antes que desapareçam.” (WHATSAPP LLC, 2022).

Entre outras opções de privacidade do usuário oferecidas pela rede, estão a visualização única, para que imagens e vídeos desapareçam ao serem vistos apenas uma vez; a confirmação em duas etapas, visando adicionar uma camada extra de segurança durante o acesso à conta; backups criptografados de ponta a ponta no *iCloud* e no *Google Drive*⁴²; opções para proteger o *WhatsApp* através de sistemas de bloqueio do próprio aparelho celular, como *Face ID*, *Touch ID* e bloqueio por impressão digital; a escolha de quem pode ser o visto por último e o on-line do usuário; configurações de privacidade em grupos, definindo quem pode adicionar o usuário em grupos; e a opção de bloquear e denunciar mensagens e pessoas indesejadas pelo usuário. (WHATSAPP LLC, 2022)

⁴¹ *WhatsApp* já foi bloqueado por decisão judicial em 2015 e 2016 no Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/18/whatsapp-ja-foi-bloqueado-por-decisao-judicial-em-2015-e-2016-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 28 Out 2022

⁴² Sistemas de armazenamento de dados na nuvem da Apple e da Google, respectivamente.

Independentemente de quantas são as opções de se proteger, o usuário ainda está suscetível a ataques e disseminação de conteúdos de todos os gêneros ao se expor, já que a rede social não se responsabiliza pelo tipo de mensagens trocadas nem checa a viralização de conteúdos internamente, em grupos e afins.

4.2 ANÁLISE DA VIOLÊNCIA FEMININA NO WHATSAPP

Considerando esse cenário, além de não checar, o *WhatsApp* também não disponibiliza dados da própria multiplataforma para serem analisados - mesmo que sejam assuntos antiéticos - por fugir do projeto inicial da rede. Entretanto, algumas pesquisas foram realizadas para mensurar ataques à intimidade da mulher na rede com a disseminação de materiais explícitos sem consentimento, um tipo de violência contra a mulher no ambiente digital, principal tema abordado no trabalho e analisado em diversos fatores neste subcapítulo. As autoras Souza; Silva (2020, p. 108) analisaram alguns casos de mulheres que tiveram suas imagens íntimas expostas na internet: “O principal meio de divulgação [de imagens e vídeos íntimos] foi o *WhatsApp* (42%), todavia, foram elencados [na pesquisa] outros como sites pornográficos, murais da escola e diversos aplicativos da internet”. Dito isso, é fundamental para que o cenário da divulgação de imagens e vídeos íntimos de mulheres na rede social seja delimitado, explorar não só o principal canal onde isso acontece, mas também as circunstâncias que reverberam mediante tais atos.

De acordo com um estudo realizado sobre o processo de disponibilização de conteúdo íntimo sem consentimento por Borrajo et al. (2015 apud FLACH; DESLANDES, 2017, p. 5) “verifica-se que mais de 50% dos casos relatados de abusos digitais ocorridos nos relacionamentos afetivo-sexuais foram praticados via serviço de mensagem ou aplicativos de mensagens, como *WhatsApp*.” Entende-se a partir dessa afirmação que os casos de exposição, além de possuir uma relação direta com relações íntimas interpessoais que comumente ocorrem através de mensagens instantâneas nos dias de hoje, possuem ainda mais impacto na vida da vítima e acontecem com certa frequência, tratando-se dos acontecimentos ditos como Pornografia de Vingança. A Pornografia de Vingança é considerada mais uma vertente da violência contra a mulher, justamente por ocorrer predominantemente com mulheres e também, em suma, cometido pelo sexo oposto.

As questões de gênero perpassam por diversas reflexões acerca das construções da “dominação” de um gênero sobre o outro e todo emaranhado de narrativas, preconceitos e discriminações, produzidas e reproduzidas historicamente. Reproduções essas que na atualidade acontecem e se reafirmam de forma presencial e virtual, por meio das mídias sociais. Mais do que canais e aplicativos, as mídias sociais são responsáveis por comportamento. (CANDIDO & VASQUEZ, 2016, p. 16).

O fato da rede social *WhatsApp* permitir e não controlar que casos como esse aconteçam, colocam-no como uma fração ativa e participante dessa triste realidade de muitas mulheres. Por isso, neste subcapítulo, serão apresentadas e analisadas as formas de exposição de conteúdos íntimos femininos no aplicativo, seguindo uma linha de raciocínio iniciada na troca de imagens e vídeos de cunho sexual na rede, entendendo quais são e como são os materiais utilizados nessa troca, a manipulação dessas imagens, quando há, a disseminação desses materiais pela pessoa que recebeu, sem o consentimento da pessoa que realizou o envio primeiramente, em grupos ainda no *WhatsApp* e quando essa divulgação ultrapassa os limites da rede e repercute em outros canais, como redes sociais diversas e até sites pornográficos, onde há categorias específicas e muita procura de materiais reconhecidos como “vazados”.

Para exemplificar cada um dos tópicos, casos reais de Pornografia de Vingança e outras violências da intimidade feminina serão explorados e analisados em diversos âmbitos, com trechos de fontes primárias e secundárias que esclarecem como ocorrem cada fragmento do processo que resulta na exposição sem consentimento da mulher.

Freya, codinome escolhido para a vítima de Pornografia de Vingança entrevistada para este trabalho, vivenciou essa situação quando possuía entre 13 e 14 anos - como seu caso ocorreu há cerca de dez anos, ela não se recorda exatamente quando foi que aconteceu, mas lembra-se da repercussão e dos sentimentos vividos à época, quando mantinha um relacionamento à distância com um menino da mesma idade que gravou a tela enquanto ela se expunha via *Skype* e depois divulgou em grupos de mensagens instantâneas assim que eles se desentenderam e acabaram com o romance.

Já Francielle dos Santos Pires foi um caso que ocorreu diretamente no *WhatsApp*, no ano de 2013. Provavelmente um dos mais reconhecidos casos de Pornografia de Vingança em solo brasileiro, “Fran”, como ficou conhecida, teve um vídeo íntimo exposto na rede por um ex-namorado, após terminar o relacionamento

de mais de três anos⁴³ (R7, 2015). Sérgio Henrique de Almeida Alves, de 22 anos, com quem mantinha a relação, convenceu-a ainda quando estavam juntos a gravarem vídeos durante a relação sexual. Ela, mesmo relutante, aceitou após o então namorado a confirmar que para acessar o material seria necessário entrar em duas pastas salvas no celular dele, com uma senha que só ele saberia. No entanto, depois de uma briga onde ela afirmou que não queria mais vê-lo, Sérgio tentou entrar em contato diversas vezes sem sucesso e, por isso, decidiu expô-la em alguns grupos de *WhatsApp* com conhecidos. Quando Fran ficou sabendo, já era tarde demais - seu vídeo já estava tão viralizado na rede que inclusive chegou a ultrapassá-la, chegando a outras mídias e transformando-a em meme⁴⁴ por um gesto que ela fez com as mãos - até famosos chegaram a reproduzi-lo. (BUZZI, 2015, p. 49-52)

Ainda sobre o potencial negativo dos grupos, além do estudo netnográfico realizado em grupos de *WhatsApp* pela pesquisadora exclusivamente para este trabalho, haverá também a explanação do acontecido em Encantado, no Rio Grande do Sul, em 2015. Um grupo chamado “Ousadia & Putaria” fora criado inicialmente com poucas pessoas na intenção de, consensualmente, trocar nudes entre os seis participantes que iniciaram o grupo. Entretanto, o grupo cresceu em proporções inimagináveis para os criadores e, em menos de um ano, já contava com mais de cem pessoas que expunham intimidades de outras, principalmente de mulheres e meninas que nem sequer sabiam da existência do grupo⁴⁵ (MARTINI, 2015).

Repercutindo outras formas de violência contra a intimidade da mulher, o caso de Elimar Reis dos Santos também será explorado - enfermeira e empresária de Simões Filho, na Bahia, teve fotos íntimas compartilhadas no *WhatsApp* por um conhecido, após vender seu aparelho celular para ele. Mesmo não sendo um ex ou parceiro atual de Elimar, o agressor conhecia-a e, sendo essa a intenção ou não, acabou atingindo-a e levando consequências terríveis para a vida da empresária, que

⁴³ Fui julgada como criminosa e pensei em me matar, diz vítima de vídeo que virou meme. Disponível em: <[https://noticias.r7.com/cidades/fotos/fui-julgada-como-criminosa-e-pensei-em-matar-diz-vitima-de-video-que-virou-meme-22072015#/>. Acesso em: 31 Out 2022](https://noticias.r7.com/cidades/fotos/fui-julgada-como-criminosa-e-pensei-em-matar-diz-vitima-de-video-que-virou-meme-22072015#/)

⁴⁴ “Imagem, vídeo, frase, expressão, parte de um texto etc., copiada e compartilhada rapidamente e através da Internet, por um grande número de pessoas, geralmente com um teor satírico, humorístico ou para zoar uma situação ou pessoa.” Disponível em: <[https://www.dicio.com.br/meme/>. Acesso em: 01 Nov 2022](https://www.dicio.com.br/meme/)

⁴⁵ Jovens de Encantado têm fotos íntimas expostas em redes sociais. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2015/05/jovens-de-encantado-tem-fotos-intimas-expostas-em-redes-sociais-4754902.html>>. Acesso em: 31 Out 2022

precisou se ausentar de seu comércio tamanha era a humilhação causada pelo ocorrido, já que imagens dela nua e montagens viralizaram em grupos pela rede social (BRANDÃO, 2018).

Para entender os princípios organizadores utilizados na construção das seções que compõem este subcapítulo em sua integridade, é fundamental percorrer um trajeto desde antes da violência acontecer, compreendendo a produção imagética e o poder de repercussão dessa imagem íntima no *WhatsApp*. Ainda antes de sair do espaço da conversa privada, a imagem pode passar por alterações como montagens que explicitam mais do corpo da mulher a fim de expô-la ou incluir até discursos de ódio nessas imagens, declarando a intenção de prejudicá-la. Até o momento em que a imagem é repassada sem o consentimento da vítima, sendo em grupos orgânicos ou artificiais⁴⁶, viralizando e superando a própria rede social para chegar em novos ambientes dentro do meio digital.

Todos esses tópicos serão explicados isoladamente dentro deste subcapítulo, trazendo uma análise sobre as violências da intimidade sofridas pela mulher no *WhatsApp* em 4 categorias distintas: o princípio: a produção imagética; imagens manipuladas; imagens disseminadas; e furando a bolha do *WhatsApp*: a repercussão. Tal configuração foi pensada e organizada pela autora do projeto após a realização da pesquisa bibliográfica, percebendo a necessidade de comentar separadamente cada temática e suas particularidades para entendê-los como um todo.

4.2.1 O princípio: a produção imagética

Antes de um material de teor sexual viralizar na internet, ele precisa ser produzido e posteriormente enviado ou capturado por alguém, para que assim se espalhe pela internet. Dito isso, a maior parte dos casos inicia-se em um cenário de *sexting*, onde as pessoas trocam mensagens sensuais em um determinado canal podendo ou não elevar a conversa para diversos fatores que ajudam a aproximar os envolvidos, que estão em contato somente via internet. Além de mensagens instantâneas escritas, outros materiais podem ser trocados durante a situação para

⁴⁶ Conceito de Vieira et. al. (2019, p. 7) que será explicado com mais profundidade na seção 4.2.3.

aumentar a tensão sexual e contribuir para uma evolução do contato interpessoal pelas redes - mensagens ou chamadas de voz, chamadas de vídeo e efetivamente envio de imagens e vídeos de teor sexual.

Dados estatísticos comprovam que cerca de 37,62% das mulheres e 38,97% dos homens já enviaram imagens contendo nudez para outra pessoa (DOLNY, 2018), um número extremamente próximo entre os sexos, demonstrando o quão comum é essa situação para ambos, tornando-se praticamente um hábito da sociedade atual. Essas imagens que são trocadas podem ser apresentadas estaticamente, com fotos, e com movimento, representando um vídeo sexual.

De todas as formas que podem ser representadas, Freya escolheu se expor através da *webcam* ao conversar com um rapaz com quem mantinha um “relacionamento à distância” - eles se conheceram por um jogo on-line e mantiveram uma relação de amizade, até que a conversa no jogo foi evoluindo para um aplicativo de mensagens instantâneas onde rolavam muitos flertes e então surgiu a vontade de se ver pela câmera. A plataforma escolhida foi o *Skype*, onde ligações por vídeo podiam ser feitas. Papo para cá, roupas para lá - quando percebeu, os dois estavam apenas de roupas íntimas, ela de calcinha e sutiã e ele de cueca -, o que ela não sabia é que esse momento estava sendo registrado por ele através de um print. Além desse momento, em outro mensageiro que a vítima não se recorda qual foi, por ter ocorrido há vários anos, Freya também compartilhou com o rapaz um nude explícito, com seu corpo nu amostra.

“Eu fiquei só de calcinha e sutiã no vídeo. E ele também mostrou, e tal. E era mais ou menos como se fosse um *strip-tease* assim, né, que acontecia, via vídeo. Só que eu não tinha ideia de que assim eu tinha sido gravada, não é porque eu é, não tinha. Eu tinha essa noção, mas não acreditava, né? [...] E aí acabou que nesse dia que aconteceu esse vídeo, e depois, nesse mesmo contexto, eu não me lembro se foi via *WhatsApp* ou foi algum aplicativo de conversa que eu mandei uma foto também e aí nessa foto já era mais nude mesmo. E esses 2 conteúdos, tanto um print do vídeo quanto essa foto é que foram as partes mais expostas, assim.”

A maior parte das representações que viralizam são imagens como essas de Freya, que mostram a pele e a nudez evidente da mulher. Seja através do erotismo, trabalhando a sensualidade sem mostrar exatamente a intimidade, mas insinuando-a mostrando curvas, decotes, o corpo escondido em poucas peças, uma toalha ou um cobertor onde o expectador pode imaginá-lo pelas referências presentes na cena, ou também por entre o corpo exposto em vídeos ou fotos estáticas baseadas mais na

pornografia, onde ficam claras as intenções de mostrar órgãos genitais, cenas de sexo ou masturbação, a intenção é excitar as pessoas envolvidas no *sexting* para que assemelhe-se a uma relação sexual física.

A cultura da pornografia continua extremamente presente na sociedade e, por isso, qualquer representação que corresponda às ações encenadas são alvo de busca e interesse de telespectadores. Da mesma pesquisa realizada por Donly (2018) que comprovou o envio de nudes, estimou-se também que “98,5% dos respondentes afirmaram que já viram conteúdo pornográfico”, independentemente se foi através da pesquisa por conta própria ou involuntariamente, recebendo materiais por aplicativos de mensagens ou mesmo sem querer, em alguma produção audiovisual. Sendo assim, entende-se que o discurso é importante para iniciar o processo de *sexting*, mas a visualização do conteúdo é o que realmente chama a atenção e imerge os envolvidos na situação da exposição, pois além de serem um estímulo ao prazer não só de quem recebe, mas também de desconhecidos que podem receber e aprovar o material, são a demonstração prática da privacidade de alguém, neste caso, mulheres, tornando-se públicas em um ambiente questionável.

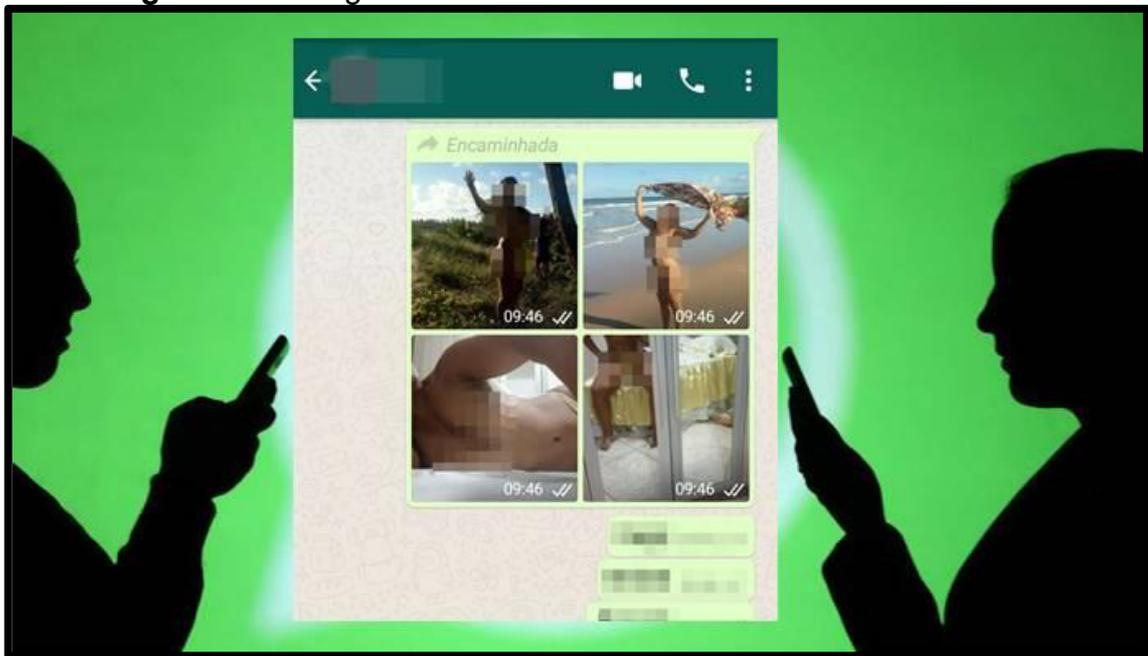
4.2.2 Imagens manipuladas

Quando são compartilhadas, as imagens e vídeos explícitos podem sofrer mutações e alterações feitas pela pessoa que recebe tal conteúdo ou mesmo enquanto está sendo espalhada por terceiros, sem o conhecimento da protagonista que está passando por essa situação. Geralmente as manipulações de imagem ocorrem tanto para criar imagens, às vezes com o rosto da vítima em corpos diferentes do seu ou mostrando alguma parte do corpo que ela não havia mostrado nas imagens originais, quanto para inserir mensagens, palavras, desenhos e figuras nas imagens primárias, na intenção de difamar ou ridicularizar a pessoa que está sendo exposta.

Tal situação aconteceu com Elimar Reis dos Santos, baiana da região metropolitana de Salvador. A enfermeira e empresária havia tirado fotos mostrando a região do abdômen e dos seios sem mostrar o rosto para compartilhar em um grupo de *WhatsApp* com outras mulheres que, assim como ela, fizeram um procedimento estético no abdômen. Apesar de apagar sempre as imagens, Elimar esqueceu que mesmo apagadas do celular, as imagens podem ser recuperadas pela nuvem, um

sistema do *Google* que faz *backup* das imagens. Ao vender o celular para um conhecido de segurança, Elimar viu sua vida virar de cabeça para baixo: o rapaz conseguiu recuperar as imagens e espalhou na internet através de grupos no *WhatsApp* - em pouco tempo, a cidade toda já estava sabendo. Para piorar a situação, começaram a circular imagens junto com as de Elimar, insinuando que eram dela, mesmo não sendo.⁴⁷ (SIMÕES FILHO apud OBSERVADOR INDEPENDENTE, 2018).

Figura 12 – Imagens íntimas vazadas de Elimar Reis dos Santos



Reprodução: Simões Filho Online. Disponível em: <<https://simoesfilhoonline.com.br/empresariatem-imagens-vazadas-no-whatsapp-apos-vender-celular-simoes-filho-entenda-caso/>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Estão pegando outras fotos de mulheres mostrando a genitália e colocando no meio das minhas imagens. Nunca tirei foto mostrando a genitália. É como eu disse, minhas fotos eram apenas para expor como ficou a cirurgia estética, sempre cortando o rosto em um grupo privado de mulheres. (OBSERVADOR INDEPENDENTE, 2018)

Apesar de não ocorrer com a mesma frequência que a disseminação de imagens vazadas, diversas mulheres vivenciam o problema da manipulação de suas imagens íntimas. Com Freya a situação foi diferente, mas igualmente devastadora para a vítima. Freya, uma mulher gorda, à medida que tinha seus nudes espalhados

⁴⁷ Empresária tem fotos íntimas vazadas no WhatsApp após vender celular. Disponível em: <<https://www.observadorindependente.com.br/2018/07/simoes-filho-empresaria-tem-fotos.html>>. Acesso em 04 Nov 2022

pelo seu agressor, via as imagens sendo modificadas com mensagens ofensivas sobre seu peso.

“De primeira não [havia manipulações], mas depois eles usaram justamente essa parte da gordofobia para me chamar de gorda, não é? E aí ficavam escrevendo na foto, ridicularizando, né? Mas de primeira não, foi depois, ao longo do tempo. Quanto mais se espalhava, mais esse tipo de coisa acontecia.”

Houve também, na internet, a criação de um aplicativo que utilizava da inteligência artificial *deepfake*⁴⁸ para criar imagens de mulheres despidas a partir de imagens dessas mulheres com roupa. O aplicativo chamava-se *DeepNude*⁴⁹ e durou poucos meses, já que a legislação de diversos países, incluindo o Brasil, não possuía nenhuma lei específica nem posicionamento oficial sobre a questão das *deepfakes*, além da falsa caracterização no contrato do *app* que dizia que a inteligência artificial não promovia imagens sexualmente explícitas - o que não era verdade⁵⁰ (TIMACHI, 2022).

Assim como a divulgação de imagens e vídeos explícitos sem consentimento, a manipulação de materiais íntimos também é crime, tipificando tanto os casos de Freya e Elimar quanto qualquer caso envolvendo também os *DeepNudes*, por exemplo. Desde 2018, a Lei nº 13.772 altera a redação do inciso da Lei Maria da Penha que tipifica a violação da intimidade da mulher como uma violência psicológica parte do âmbito das violências domésticas, tendo assim consequências para o ato da modificação de conteúdos íntimos⁵¹ (ANTUNES, 2018).

4.2.3 Imagens disseminadas

Como descrito na contextualização do *WhatsApp*, a rede social é berço de muitos dos vazamentos de imagens e vídeos íntimos de mulheres. “A divulgação de foto íntima, normalmente, o compartilhamento acontece pela internet. Ali perto, por

⁴⁸ “Manipulação avançada e automatizada de imagens”. Disponível em: <<https://www.rotajuridica.com.br/artigos/o-que-e-deepnude/>>. Acesso em 04 Nov 2022

⁴⁹ “Nudez profunda”, em tradução livre da autora.

⁵⁰ Op. cit. Disponível em: <<https://www.rotajuridica.com.br/artigos/o-que-e-deepnude/>>. Acesso em 04 Nov 2022

⁵¹ Gravar ou manipular imagens íntimas sem autorização passa a ser crime. Disponível em: <<https://jornaldebrasilia.com.br/noticias/brasil/gravar-ou-manipular-imagens-intimas-sem-autorizacao-passa-a-ser-crime/>>. Acesso em: 01 Nov 2022

redes de *WhatsApp*, por redes de amigos” (Valéria Scarance). Dentre as muitas funcionalidades da multiplataforma, o item que mais se destaca no quesito de compartilhamento de fotos íntimas ainda é o grupo de *WhatsApp*, como sinalizado por Valéria em diversos dos casos em que já atuou - a promotora recebe entre 20 e 100 casos de violência de gênero diariamente, dentro e fora da internet.

A imagem ou vídeo, antes da disseminação, é compartilhada pela mulher na rede social com alguém de confiança que, até aquele momento, não possui interesse em repassar tal material, já que muitas vezes é um nude trocado por ambas as partes envolvidas. A motivação para espalhar a intimidade de uma mulher geralmente vem após uma decepção com a vítima: término de namoro, brigas e desinteresse são algumas delas. Motivações essas que, muitas vezes, geram ameaças justamente pelo teor do material enviado - essas pessoas que reproduzem o padrão da violência contra a mulher já se mantêm preparadas para atacar quando necessário, guardando as imagens explícitas para ameaçar a mulher com discursos como “Se você não me responder, vou compartilhar suas imagens nuas!”, por exemplo. Tal compartilhamento pode acontecer em conversas individuais, mas em sua maioria realiza-se em pequenas redes de amigos e vão se espalhando pouco a pouco.

A disseminação de imagens íntimas ocorre majoritariamente em um cenário de Pornografia de Vingança, onde o conteúdo explícito é usado como arma contra a vítima para vingar-se de uma situação mal resolvida ou que chateou a outra parte envolvida. Por isso, os grupos mais escolhidos são sempre aqueles que possuem pessoas próximas à vítima, como amigos próximos, colegas de escola, faculdade e/ou trabalho, parentes e familiares, como um ato que visa manchar a imagem da mulher - não é a toa que as imagens são enviadas acompanhadas de discursos e xingamentos como “puta” e “vagabunda” ou de narrativas, seguindo a linha de “Você acha que ela é santa? Olha o que ela faz!”.

“Normalmente, um discurso à honra. A ofensa mais comum nos nossos processos é vagabunda, né, a palavra mais comum do nosso processo. As ofensas normalmente são relacionadas à honra. Não importa o que a mulher faça, né? [...] Não importa o motivo pelo qual ele esteja ofendendo. [...] Mas ele xinga de vagabunda. As ofensas normalmente são relacionadas à honra.”
(Valéria Scarance)

Os grupos citados, que conectam pessoas pela proximidade e afinidade para trocar amenidades do dia a dia, são caracterizados por Vieira et. al. (2019, p. 7) como grupos orgânicos: “o uso interpessoal, feito na conversa par-a-par [...] onde usuários

se mantém conectados com familiares e amigos, numa relação muito mais particular que requer segurança e anonimato na rede”. Porém, há uma segunda categoria de grupos tão importante quanto na rede social *WhatsApp*, os grupos artificiais: “onde existe uma comunicação em massa em que o objetivo do usuário é ler notícias, se manter bem-informado dos acontecimentos da sociedade, realizar um ativismo virtual ou promover algum discurso ou ideia.” (VIEIRA et. al., 2019, p. 7)

Cruzando a teoria dos grupos artificiais com o contexto da exposição da intimidade feminina na internet, encontram-se diversos grupos, majoritariamente compostos por homens, que se juntam para trocar os mais variados tipos de pornografia no *WhatsApp* - existem inclusive diversos sites que hospedam links para esses grupos que podem ser achados facilmente com uma pesquisa no buscador *Google*. Basicamente, a ideia é que as pessoas se reúnam nesses grupos que aceitam todos os tipos de membros através de “temas” específicos, relacionados a pornografia, relacionamentos e sexo.

Para entender como funciona a violação da intimidade feminina dentro de grupos como esses, a pesquisadora deste trabalho entrou em 4 grupos distintos através de sites de hospedagem de grupos adultos. Quando eram separados por categorias, escolhidas foram sempre na temática “*Caiu na net*”⁵², “Nudes” e “Nudes Vazados”, para entender quais eram os conteúdos compartilhados, se havia procura desses conteúdos, visualizar o discurso utilizado nos grupos e se, nesses grupos, eram compartilhados casos de Pornografia de Vingança. Abaixo, segue tabela com algumas informações que foram retiradas dos grupos para serem analisadas.

Tabela 1 – Grupos de Pornografia no WhatsApp

(continua)

Grupos	Total de membros (ao final do período de análise)	Período analisado	Conteúdos publicados	Novos membros no período analisado	Configuração de mensagens temporárias

⁵² “Expressão quando algum vídeo relacionado ao sexo, geralmente caseiro é colocado na internet.” Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/caiu%20na%20net/>>. Acesso em: 07 Nov 2022

Grupo 1	133 pessoas.	07 dias.	Nenhum.	52 pessoas.	Mensagens temporárias ativas - mensagens desaparecem em 24 horas.
Grupo 2	76 pessoas.	09 dias.	Nenhum.	68 pessoas.	Mensagens temporárias desativadas, porém somente administradores podem publicar no grupo.
Grupo 3	33 pessoas.	08 dias.	01 vídeo de sexo e 01 mensagem escrita vendendo conteúdos explícitos.	34 pessoas.	Mensagens temporárias ativas - mensagens desaparecem em 7 dias.

(conclusão)

Grupos	Total de membros (ao final do período de análise)	Período analisado	Conteúdos publicados	Novos membros no período analisado	Configuração de mensagens temporárias
---------------	--	--------------------------	-----------------------------	---	--

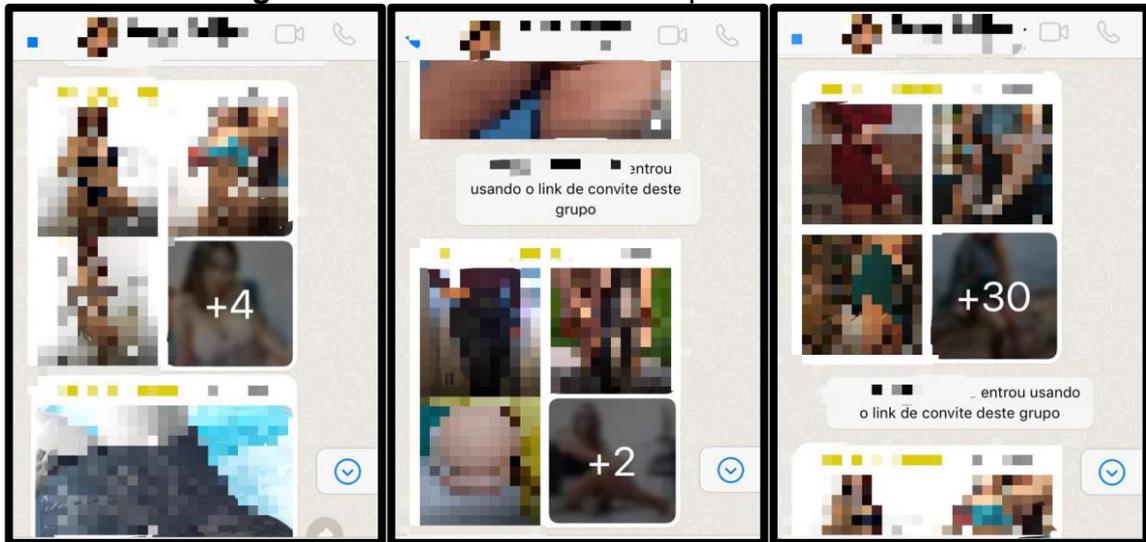
Grupo 4	19 pessoas.	03 dias.	10 mensagens escritas vendendo conteúdos explícitos, 05 mensagens cotidianas, 04 vídeos de sexo e 48 imagens de mulheres.	07 pessoas.	Mensagens temporárias desativadas.
----------------	-------------	----------	---	-------------	------------------------------------

Fonte: Elaboração própria (2022).

Apesar do período de estudo ter sido curto, as análises propostas puderam ser observadas, como descrito na tabela acima. A procura por material explícito, principalmente na categoria “Nudes Vazados”, é extremamente grande, considerando que a entrada de pessoas nos grupos era constante. A saída não pôde ser observada pois em nenhum dos grupos ficava sinalizada a saída dos membros, entretanto, pode-se ver que no Grupo 3 há mais pessoas que entraram no grupo no período analisado do que membros, ao final dos 08 dias. Nota-se também que apenas 2 grupos foram ativos e somente um deles realmente teve o compartilhamento de nudes em grande quantidade - talvez por isso a entrada e saída de tantos membros, já que a participação não era de todos: o interesse no conteúdo mostra-se muito presente, mas a participação dos membros é baixa.

Dentro dos conteúdos compartilhados, pode-se observar um grande volume de imagens de mulheres no Grupo 4 - algumas eram fotos vestidas, que pareciam ter sido retiradas de outras redes públicas das mulheres expostas e algumas imagens explícitas, todas enviadas por um único membro que aparentava ter um arsenal de conteúdos guardados em seu celular.

Figura 13 – Screenshots do Grupo 4 Censurados



Fonte: Elaboração própria (2022).

Além disso, tanto o Grupo 4 quanto o Grupo 3 precisaram deixar de ser analisados após um curto período porque, apesar de possuírem regras de convivência descritas ou na descrição ou no link que dá acesso ao grupo, a maior parte das regras não são respeitadas - foram enviadas mensagens por um número não identificado, provavelmente um perfil falso, vendendo conjuntos de imagens de pornografia infantil, incesto e nudes vazados.

Grupos como estes que fizeram parte do estudo, que podem ser associados aos grupos artificiais, são facilmente achados na internet e, como perceptível nas análises, há um público interessado em consumir esse conteúdo.

Um caso que ganhou repercussão nacional e pode ser entendido como um grupo orgânico que evoluiu a ponto de se tornar artificial ocorreu no ano de 2015 em Encantado, no Rio Grande do Sul. O grupo “Ousadia & Putaria” iniciou com poucos membros e compartilhamento de imagens e vídeos sexuais consentidos, onde só era permitida a visualização dos materiais pelos presentes no grupo, criado em 2015. Cerca de 1 ano depois, já sem controle da quantidade de pessoas que entraram no grupo e do conteúdo que estava sendo disseminado ali, diversas meninas tiveram sua privacidade violada ao terem vídeos e imagens íntimas compartilhadas no grupo, várias delas inclusive eram menores de idade. O caso gerou uma grande repercussão na região durante a época, com dezenas de comentários sobre o assunto nas redes sociais públicas, como o *Facebook*, quando o grupo foi exposto e virou notícia nos portais gaúchos. Embora toda a repercussão negativa e as consequências

irreparáveis para a vida das vítimas que sofreram a exposição através do grupo, a partir dessa ocasião foi criado um coletivo feminista na região repudiando os comentários negativos e a culpabilização das vítimas que isso gerou:

Esse crime tem vitimado, humilhado e perseguido mulheres, levando algumas delas ao suicídio. Enviar imagens sensuais requer uma relação de confiança e em nenhum momento acreditamos que o crime está no envio das mídias, mas sim, na QUEBRA DESSA CONFIANÇA e na DIVULGAÇÃO SEM A PERMISSÃO delas. Portanto, se existe um CULPADO pela viralização das mídias, é tão somente o responsável por difundi-las (MARTINI, 2015).

Mesmo que o caso de Encantado tenha acontecido há alguns anos, a utilização de grupos no *WhatsApp* como instrumento de violência continua sendo extremamente atual e de fácil acesso, reverberando casos de Pornografia de Vingança e imagens vazadas na rede social enquanto interfere e traz inúmeras consequências para a vida de quem sofre com esse ato de agressão tão brutal.

4.2.4 Furando a bolha do *WhatsApp*: a repercussão

Quando as imagens e vídeos íntimos ultrapassam os limites do *WhatsApp* e chegam até outros meios de comunicação, como as redes sociais públicas e sites de pornografia explícita e encenada, já se perdeu o controle da situação e é quase impossível de conter os danos causados sem gerar nenhuma sequela à vítima que sofreu esse ataque. Neste momento, as imagens estão também suscetíveis à opinião pública.

Ao sair do âmbito privado da conversa íntima no *WhatsApp*, as imagens compartilhadas em grupos já podem ser julgadas por um olhar crítico, mas quando excedem ainda mais essa fronteira e passam a estar presente em outros ambientes da internet, o ponto de vista comum pode ser ainda mais incisivo nos julgamentos. Charaudeau (2016, p. 31) explica que “um grupo que se sente superior a outro grupo pode procurar, por motivos diversos, impor-se a este último.”

Após a divulgação das imagens íntimas, a interatividade proporciona um julgamento moral em que milhares de pessoas desconhecidas comentam as imagens, compartilham e promovem um ciclo de violência contínua às vítimas, que não atinge supostamente apenas a uma vida virtual, mas principalmente a sua vida real no seu cotidiano, através de humilhações e ameaças virtuais ou físicas. (NOGUEIRA, 2017, p. 3)

Observado por Nogueira (2017), esse é o efeito de crimes virtuais que atentam a intimidade da mulher, como a Pornografia de Vingança, atribuído às vítimas, que varia desde ataques on e off-line até consequências para a saúde mental da mulher, como depressão, ansiedade, crises de pânico e episódios suicidas. Entender como acabar com essa situação se faz necessário para sanar as consequências sofridas pela mulher e assim encontrar uma maneira de tornar o ambiente cibernético cada vez mais igualitário e abrangente para as mulheres.

O caso de Francielle, citado acima, é um dos muitos que exemplifica o quão longe uma imagem ou vídeo íntimo pode chegar e também as consequências que essa exposição tem na vida de quem as sofre. Ao fazer um gesto indicando “sexo anal” durante o vídeo que foi divulgado por seu ex-parceiro na internet, Francielle foi ridicularizada e diversas pessoas chegaram a repetir o símbolo em fotos publicadas nas redes sociais, chegando até mesmo em famosos como Leonardo e Neymar.

Figura 14 – Repercussão do gesto de Francielle como meme.



Reprodução: (esquerda) R7, 2015. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/fotos/fui-julgada-como-criminosa-e-pensei-em-me-matar-diz-vitima-de-video-que-virou-meme-22072015>>. Acesso em: 07 Nov 2022.; (direita) DIÁRIO NEWS, 2014. Disponível em: <https://jornalismoaceso.files.wordpress.com/2014/10/noticia_80815.jpg>. Acesso em: 07 Nov 2022

Mesmo relutante no início, Francielle entendeu seu papel como vítima e resolveu conceder diversas entrevistas para servir de exemplo para tantas outras

vítimas de Pornografia de Vingança que passam por situações como a dela e levou um apelo à entrevista que concedeu ao R7, em 2015:

Não adianta depois que acontecer tentar consertar. A gente tem que evitar. Nenhum amor vai durar para sempre e a gente tem que pensar nas consequências que esse amor pode trazer. Então, não gravem. Não deixem se levar pela emoção da hora e pelo sentimento que você sente pela pessoa. (R7, 2015)

Como consequência de casos como o de Fran, no Brasil, a Lei 13.718/18 foi modificada com o art. 218- C: “Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.” (BRASIL, 2018). Dentro dessa lei, também está inserida implicitamente a criminalização da Pornografia de Vingança. Nada mais justo que a repercussão dessa disseminação sem consentimento, que viola os direitos da mulher, seja punida.

A partir dessa circunstância [da Pornografia de Vingança], foi incluído na mesma lei um aumento de pena para esses casos: “§ 1º A pena é aumentada de 1/3 (um terço) a 2/3 (dois terços) se o crime é praticado por agente que mantém ou tenha mantido relação íntima de afeto com a vítima ou com o fim de vingança ou humilhação.” (BRASIL, 2018)

É necessário também entender que não só é crime expor imagens e vídeos íntimos de alguém sem consentimento, mas também repassar caso se tenha recebido tal material também é crime. Ainda que seja mais difícil de identificar, ainda pode e deve ser responsabilizada toda e qualquer pessoa que compactua com esse tipo de atitude fazendo com que a situação escale e se torne cada vez mais fora de alcance para a recuperação desse conteúdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da elaboração deste trabalho, diversos temas foram abordados para que fosse possível compreender o fenômeno da adaptação da violência contra a intimidade da mulher no meio digital. Em especial seu desdobramento dentro do *WhatsApp*, levando em conta o cruzamento do limite entre os âmbitos privado e público na rede citada. Percebendo assim quais os discursos aplicados enquanto a violência é praticada e as formas em que a intimidade e a privacidade feminina são exploradas dentro do ambiente virtual.

Considerando o tamanho da responsabilidade de pesquisar sobre um assunto tão atual e delicado ao mesmo tempo, principalmente sendo mulher, foi um desafio que demandou muita disciplina, paciência e confiança no processo, já que muitos dados recolhidos na hora da pesquisa foram extremamente difíceis de obter e, sobretudo, conformar-se. Porém as dificuldades não impediram que o estudo fosse executado da melhor maneira possível, sempre respeitando a ética e os limites das informações, das pessoas envolvidas, das plataformas, dos dados e, em especial, da própria pesquisadora.

Cumprindo essas diretrizes, buscou-se responder a seguinte questão que norteou este trabalho de conclusão de curso: **“Quais seriam os novos contornos envolvendo a exposição da privacidade feminina a partir da divulgação de imagens íntimas nas redes sociais, especialmente a partir do *WhatsApp*?”**

Através de uma pesquisa bibliográfica, duas entrevistas em profundidade e uma pesquisa netnográfica realizada em grupos de *WhatsApp* focados em disseminar pornografia - técnicas essas que foram a principal base da metodologia científica do trabalho -, objetivando entender a manifestação de conteúdos íntimos de mulheres no aplicativo *WhatsApp*, na busca de aspectos que envolvem dinâmicas de violências, muitas vezes simbólicas, contra a intimidade da mulher neste espaço específico de comunicação e trazer um cenário sobre os novos contornos da exposição da privacidade feminina a partir da divulgação de imagens íntimas nas redes sociais.

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica foi realizada para identificar o histórico e o padrão de violências vividas pela mulher desde o início dos tempos, contando com a construção do ideal de dominação masculina (BOURDIEU, 2019) que guiou, como consequência, as manifestações de hostilidade sobrepostas à mulher. Os meios íntimo, privado e público foram também caracterizados demonstrando que, para a

mulher, sempre fora imposto a vida privada e obediente, fortalecendo a crença de que o homem é o ser mais íntegro enquanto a mulher é uma mera protagonista em sua vida, existindo apenas para satisfazê-lo e considerando o prazer como algo íntimo e sagrado, feito para ser visto somente na privacidade, onde encontrava-se a mulher. Quando a mulher começou a adentrar espaços considerados sociais, equivalente ao público, introduziu-se um olhar às violências vividas por ela no âmbito privado, dando início, aos poucos, a um processo de evolução na sociedade. Tais conclusões foram percebidas na elaboração do segundo capítulo, que se relacionou também com o terceiro objetivo específico que estimula o conceito de violência simbólica, também trazido por Bourdieu (2019). Compreendeu-se que a violência simbólica é a consequência da construção de gênero idealizada pelas grandes instituições, como o Estado e a Igreja, e é caracterizada por micro agressões praticamente invisíveis aos olhos da sociedade que desvalorizam a honra da mulher com comentários, achismos e insinuações, por exemplo. Atualmente, esses discursos podem também ser chamados de machismo, pois deslegitimam a mulher mantendo a percepção de submissão imposta a ela ao decorrer dos anos.

Já a aplicação dos discursos de opressão à mulher existentes nas redes sociais, um método genérico de violência simbólica que ocorre durante os dias atuais, começou a ser abordado ainda no segundo capítulo, relacionando as agressões vividas pela mulher no off-line e estruturando a ideia e as formas como essas violências foram adaptadas à cibercultura, assunto desenvolvido com maior profundidade no terceiro capítulo, que abordou da mesma forma o conceito de Pornografia de Vingança, sendo esse um dos métodos mais conhecidos entre as violências que atingem a intimidade feminina nas redes sociais, principalmente no *WhatsApp*.

A interpretação do meio digital fez parte do processo para ser possível entender seu potencial de exibição e o esquema de compartilhamentos, visto que as violências da intimidade da mulher na internet envolvem diretamente sua exibição em massa nas redes. A compreensão de sua idealização no capítulo permitiu visualizar na definição das redes sociais muitas das ações e vivências da sociedade fora do espectro tecnológico, como a própria ideia da interação social e da conectividade sentimentalmente entre as pessoas, onde uma comunidade ou tribo precisa estar em contato para então seguir um dado padrão definido entre si para identificação e

sensação de pertencimento. O mesmo acontece na internet, de maneiras similares, mas através de espaços distintos.

Ainda considerando o terceiro capítulo como base, foi passível de interpretação as diretrizes adotadas dentro do ambiente virtual para a exposição da intimidade, já que o local é extremamente povoado e, dentro de sua própria cultura, é viável e até certo ponto importante que os usuários lá inseridos se exponham para que haja uma maior conexão entre si. Contudo, é necessário pontuar que existe uma ampla discrepância entre a inevitabilidade de expor-se para sentir-se parte de um corpo social e de expor alguém contra a sua vontade, apenas para satisfazer desejos alheios e punir este por não exceder as expectativas idealizadas para tal. Dentro do contexto da exposição da mulher durante a história, uma linha de raciocínio foi continuada ao revisar as percepções das violências do meio virtual através da pornografia, uma noção que, assim como a submissão feminina, foi criada há muitos anos e apenas adaptou-se aos meios onde foi praticada, com o tempo.

Por ser historicamente mais consumida por homens, a pornografia é normalizada na sociedade. Sendo assim, é entendível porque o compartilhamento de imagens íntimas é tão comum a eles, ao mesmo tempo em que viola tanto as vítimas que sofrem com a exibição de seus corpos. O sofrimento das mulheres é relacionado com o conceito de privacidade, estabelecido no segundo capítulo, uma vez que elas desde sempre foram associadas a esse ambiente ao mesmo tempo que o ato sexual tido como sagrado também pertencia à privacidade do lar; enquanto a sociedade tratava homens de forma prioritária e produzia conteúdos de temática erótica e sexual pensando somente em seu prazer, mantendo a noção geral e inconsciente de que a superioridade masculina permite que atitudes como a exposição do corpo da mulher à público seja minimamente aceitável, já que a atitude condenável é a da própria mulher de se expor ao homem em primeiro lugar - mesmo que essa exibição ao outro tenha sido realizada em forma de troca e em um momento de intimidade -, não “se dando respeito”.

Depois de captar tanto a essência da dominação masculina, da intimidade da mulher, dos âmbitos privado e público, da cibercultura e da pornografia quanto a relação desses elementos um ao outro, as especificidades da rede social *WhatsApp* foram investigadas visando conhecer de forma mais aprofundada o conceito da plataforma estabelecendo relações com o íntimo, o privado e o público e suas

potencialidades, especialmente como espaço de exibição. Para tanto, foi preciso ir à fundo na história da empresa, as motivações e interesses que estimularam seus criadores ao idealizar a atual multiplataforma, que visou desde seu início conectar pessoas através da comunicação fácil, simples e gratuita - quando conectado à internet -, além de permitir conversas aparentemente privadas entre seus usuários, diferentemente de outras redes sociais de sua época. Entretanto, conforme atualizava-se com as tendências do momento e com novas tecnologias pensando na evolução do *app*, o *WhatsApp* tornou-se maior do que o esperado.

A percepção de privacidade atribuída a rede é deturpada a partir do instante em que permite o contato entre duas ou mais pessoas em grupos que podem trocar informações entre si, entre outros grupos e até mesmo outros indivíduos de fora da cadeia de amizades através dos encaminhamentos, gerando um vínculo e um espalhamento muito maior de informações entre pessoas, independentemente do teor do conteúdo compartilhado - não à toa o fenômeno das *fake news*⁵³ explodiu na rede social beneficiando, no contexto das eleições, candidatos à presidência tanto do Brasil quanto dos Estados Unidos, por exemplo⁵⁴.

Ao se tratar de assuntos delicados e pertencentes ao âmbito privado aos olhos da sociedade, como atos sexuais e cenas de nudez principalmente com o corpo da mulher à mostra, a situação é a mesma: percebeu-se o interesse da população, em destaque ao público masculino, de consumir conteúdos como esses, então a facilidade proporcionada pela rede social ao consumo e disseminação desses materiais, sobretudo imagens, vídeos e mensagens íntimas, impulsionou que tal exposição se tornasse uma prática comum e até aceitável. No entanto, assim como a pornografia progrediu com a chegada da cibercultura, a maneira como não só a obscenidade, mas também a violência contra a mulher evoluíram e adaptaram-se aos meios de aplicação do *WhatsApp* implicaram em uma nova modalidade de agressão que já prejudicou e ainda prejudicará milhares de mulheres pelo Brasil e pelo mundo através da disseminação de suas imagens e vídeos íntimos sem consentimento na plataforma.

⁵³ “Notícias falsas”, em tradução livre da autora.

⁵⁴ Eleições 2018: a relação entre fake news e os candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Disponível em: <<https://cpop.ufpr.br/eleicoes-2018-a-relacao-entre-fake-news-e-os-candidatos-jair-bolsonaro-e-fernando-haddad/>>. Acesso em: 17 Nov 2022

Analisando as formas de exposição dos conteúdos íntimos de mulheres na internet, especialmente a partir dos casos da Francielle, da Freya, da Elimar, do grupo Ousadia & Putaria e dos grupos habitados pela pesquisadora deste trabalho no *WhatsApp*, além da entrevista e depoimento da promotora de justiça Valéria Scarance, percebeu-se que, apesar de ocorrer de maneiras distintas, o corpo da mulher ainda é usado como objeto de desejo e prazer para além da reciprocidade das trocas de intimidade mútua, na intenção de ferir a honra e a integridade da mulher, como se o envio de imagens e vídeos íntimos para outrem tornasse-a inferior e sem valor à sociedade, sem ter em conta as formas de exposição em si, que podem variar de vídeos, imagens, mensagens comprometedoras e até mesmo montagens explícitas. O que todas essas identificações têm em comum são os fatos de inevitavelmente envolver a violação de corpos femininos e levar consequências negativas a todas as mulheres que passam por essa violência.

Posto isso, os novos contornos envolvendo a exposição da intimidade feminina no *WhatsApp* baseiam-se nas facilidades proporcionadas pela rede que, apesar de evoluir com o tempo e buscar melhorias para o aplicativo no quesito privacidade, com a criptografia de ponta a ponta, as mensagens temporárias e a opção de denunciar mensagens, por exemplo, ainda peca em alguns detalhes que acabam dificultando a resolução da exibição do corpo da mulher na rede, tal como a não identificação de imagens explícitas, a falta de controle dos conteúdos compartilhados e a indiferença da rede em apoiar dados coletados para investigações policiais, inquéritos e pesquisas.

A partir da pesquisa e do desenvolvimento do presente trabalho, foi possível compreender a importância dos cuidados que a própria mulher precisa ter com a sua imagem, já que terceiros não possuem este mesmo cuidado e os canais de divulgação são propensos a isentar-se da responsabilidade do vazamento de informações, porém não só. Infelizmente, a responsabilização de agressores que cometem crimes envolvendo a intimidade feminina na internet também pode ser irrelevante, por muitas vezes, por isso o cuidado de mulheres para mulheres se faz tão significativo, sem falar na luta para que a justiça seja feita e que, em um futuro próximo, crimes como esse possam se tornar exceções.

Como mulher, entender o que, como, onde e por que ocorrem essas situações é de extrema relevância para saber como agir e como informar outras mulheres que

possam sofrer de tal violência que, no momento, se faz amplamente comum no Brasil – a exposição da intimidade da mulher não é premeditada e pode acontecer com qualquer uma, incluindo a autora deste estudo.

Além disso, a profundidade da problematização apresentada também sensibiliza e mostra a sua importância no dia a dia brasileiro, considerando a normalização dessas manifestações na sociedade. Iniciando um debate mais complexo sobre o assunto, mais mulheres podem ser contempladas com essas constatações e mais homens podem ser conscientizados da gravidade desse crime, que afeta tanto na vida de quem o sofre.

Como publicitária, a intenção de iniciar uma discussão sobre o tópico foi concluída levantando informações relevantes sobre o ambiente cibernético e relacionando-as com a violência contra a mulher no meio e com as características dessa violência no *WhatsApp*, visando uma maior abertura no âmbito comunicacional para buscar soluções para essa situação. Relacionando também com a aplicação dessas noções em anúncios e na Publicidade como um todo, a ética e a quebra do padrão de objetificação da mulher serão refletidas diariamente e mais bem aplicadas na rotina de trabalho, uma vez que fora entendido suas consequências e implicações para a vida da mulher

REFERÊNCIAS

ABDALA, P. R. Z. **Vaidade e consumo**: Como a vaidade física influencia o comportamento do consumidor. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14147/000656887.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 Set 2022

ALECRIM, E. **Dez anos de WhatsApp**: como o serviço de mensagens conquistou o mundo. [S. l.]: Tecnoblog, 2019. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/especiais/whatsapp-dez-anos-historia/>>. Acesso em: 13 Out 22

ANTUNES, J. **Gravar ou manipular imagens íntimas sem autorização passa a ser crime**. Jornal de Brasília, [S. l.]: 2018. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/noticias/brasil/gravar-ou-manipular-imagens-intimas-sem-autorizacao-passa-a-ser-crime/>>. Acesso em: 01 Nov 2022

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. Ed. 13. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788530991937/>>. Acesso em: 20 Ago 2022

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 1 v.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 2 v.

BELLOCQ, J. **Prostitutas de New Orleans**, 1912, 1 fotografia. Disponível em: <<https://universoretro.com.br/serie-fotografica-mostra-as-prostitutas-de-new-orleans-em-1912/>>. Acesso em: 20 Nov 2022

BÍBLIA SAGRADA, **Gênesis**. Português. *In*: Bíblia Online. Cap. 2, vers. 20-22. Cap. 3, vers. 16-17. [S.l.]. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>> <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>> Disponível em: 17 Ago. 2022

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. Ed. 2. Tradução de Sergio Miceli et. al. São Paulo: Edusp- Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-A-economia-dastrocas-lingu%C3%ADsticas.pdf>>. Acesso em: 18 Jun 2022

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Os Herdeiros**: os estudantes e a cultura. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 25 Ago 2022

BRANDÃO, J. **Empresária tem fotos íntimas vazadas no WhatsApp após vender celular em Simões Filho**; veja vídeo e entenda o caso. Simões Filho Online: Simões Filho, 2018. Disponível em: <<https://simoesfilhoonline.com.br/empresaria-tem-imagensvazadas-no-whatsapp-apos-vender-celular-simoes-filho-entenda-caso/>>. Acesso em: 22 Jun 2022

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006** (Lei Maria da Penha). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. **Lei n. 13.772, de 19 de dezembro de 2018**. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para reconhecer que a violação da intimidade da mulher configura violência doméstica e familiar e para criminalizar o registro não autorizado de conteúdo com cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo e privado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13772.htm#art2>. Acesso em: 26 Ago 2022.

BUZZI, V. de M. **Pornografia de Vingança**: contexto histórico-social e abordagem no direito brasileiro. 2015. 110. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Direito, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133841>>. Acesso em: 13 Ago 2022

CANDIDO, C. G.; VASQUEZ, A. L. **As imagens/representações da mulher nas redes sociais**. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_unespar-curitibai_cristianagonzagacandidodesouzacastro.pdf>. Acesso em: 22 Mai 2022

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016. 192 p. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/37062>>. Acesso em: 20 Nov 2022

CHURCHILL, G. A.; BROWN, T. J.; SUTER, T. A. **Pesquisa básica de marketing**. 7. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CORREIO BRAZILIENSE. **Quase metade dos usuários da internet já mandou nudes, diz pesquisa.** [S. l.]: 2015. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/12/17/interna_tecnologia,510979/manda-nudes-pesquisa-consulta-jovens-de-16-a-30-anos-para-saber-opini.shtml>. Acesso em: 27 Out 2022

DANIELS. C. **How WhatsApp Is Fighting Misinformation in Brazil.** [S. l.]: Meta, 2018. Disponível em: <<https://about.fb.com/news/h/how-whatsapp-is-fighting-misinformation-in-brazil/>>. Acesso em: 25 Out 2022

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf>. Acesso em: 19 Ago 2022

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800:** uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado; Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIÁRIO NEWS. **Acusado de divulgar vídeo íntimo foi julgado nessa quarta-feira, em Goiânia.** [S. l.]: 2015. Disponível em: <https://jornalismoaceso.files.wordpress.com/2014/10/noticia_80815.jpg>. Acesso em: 07 Nov 2022

DICIO, DICIONÁRIO ONLINE EM PORTUGUÊS. **Bug.** [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bug/>>. Acesso em: 28 Out 2022

DICIO, DICIONÁRIO ONLINE EM PORTUGUÊS. **Hacker.** [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hacker/>>. Acesso em: 25 Out 2022

DICIO, DICIONÁRIO ONLINE EM PORTUGUÊS. **Meme.** [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/meme/>>. Acesso em: 25 Out 2022

DICIONÁRIO INFORMAL. **Caiu na net.** São Paulo: 2014. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/caiu%20na%20net/>>. Acesso em: 07 Nov 2022

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha.** Prefácio de Stéphane Huchcr. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

DOLNY, M. **Hábitos no consumo de pornografia.** Hora Luterana, São Paulo: 2017.

DUTRA, F. A história do telefone celular como distinção social no Brasil. Da elite empresarial ao consumo da classe popular. [S. l.]: **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 5, n. 2, p. 102-116, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4798/3087>>. Acesso em: 24 Out 22

ELVGREN, G. **Fall Change-over**. [S. l.]: Brown & Bigelow, 1955. Disponível em: <<http://www.thepinupfiles.com/elvgren5.html>>. Acesso em: 28 Nov 2022

ELVGREN, G. **Up and Cuning**. [S. l.]: Brown & Bigelow, 1955. Disponível em: <<http://www.thepinupfiles.com/elvgren5.html>>. Acesso em: 28 Nov 2022

FARIAS MONTEIRO, K.; GRUBBA, L. S. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>>. Acesso em: 20 Nov 2022

FILIPPE, M. **Dove**: aos 13 anos, 84% das meninas já usam filtros e os danos são imensos. Revista Exame, [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://exame.com/marketing/dove-aos-13-anos-84-das-meninas-ja-usam-filtros-e-os-danos-sao-imensos/>>. Acesso em: 20 Set 2022

FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. Regras/rupturas do “contrato” amoroso entre adolescentes: o papel do abuso digital. **Ciência & Saúde Coletiva**: Rio de Janeiro, v. 26, p. 5033–5044, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.34242019>>. Acesso em: 27 Abr 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. FBSP: São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/16o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2022/>>. Acesso em: 30 Ago 2022

FRIEDAN, B. **Mística Feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Editora Vozes Limitada: Petrópolis, 1971. Disponível em: <https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf>. Acesso em: 19 Ago 2022

G1. **Vendas da 'Playboy' sem nudez crescem 28% nos EUA**. [S. l.], 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/09/vendas-da-playboy-sem-nudez-crescem-28-nos-eua.html>>. Acesso em: 28 Set 22

G1. **WhatsApp já foi bloqueado por decisão judicial em 2015 e 2016 no Brasil**. [S. l.]: 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/18/whatsapp-ja-foi-bloqueado-por-decisao-judicial-em-2015-e-2016-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 28 Out 2022

GENTE, IG. **Capas históricas da Playboy**, 2 figuras. Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/celebridades/2017-10-04/capas-historicas-playboy.html>>. Acesso em: 25 Nov 2022

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Trad. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

HOUAISS. **Feminino**. [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 21 Nov 2022

HOUAISS. **Masculino**. [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 21 Nov 2022

HUNT, L. **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**. Trad. Carlos Szlak. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019**. [S. l.]: 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>. Acesso em: 20 Out 22

IBOPE MÍDIA. **Internet para as massas**. [S. l.]: Meio e Mensagem, 2009. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/134186595-Internet-Para-as-Massas.pdf>>. Acesso em: 08 Out 22

INSTAGRAM. @mirella. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mirella/>>. Acesso em: 18 Set 2022.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Ciclo da violência**. [S. l.], 2018. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>> Acesso em: 26 Ago 2022

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Tipos de violência**. [S. l.], 2018. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>>. 26 Ago 2022

JACCOUD, M.; MAYER, R. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: Poupard, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 254-294.

KEMP, S. **Digital 2022: Brazil**. DATAREPORTAL, [S.I.], 2022. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>>. Acesso em: 18 Set 2022

KEMP, S. **Digital 2022: Global Overview Report**. DATAREPORTAL, [S.I.], 2022. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>>. Acesso em: 11 Set 2022

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014. 9788565848978. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848978/>>. Acesso em: 18 Jun 2022.

KRAMER, H.; SPRENGER, J.. **O martelo das feiticeiras**. 14.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

LEITE JR., J. **Das maravilhas e prodígios sexuais: A pornografia "bizarra" como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=u_W8dGXrFqwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 Set 2022

LEMO, A.; CUNHA, P. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, pp. 11-23. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 11 Set 2022

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Editora 34: São Paulo, 1999.

MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINI, F. **Jovens de Encantado têm fotos íntimas expostas em redes sociais**. [S. I.]: Diário Gaúcho, 2015. Disponível em: <<http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/noticia/2015/05/jovens-de-encantado-tem-fotos-intimas-expostas-em-redes-sociais-4754902.html>>. Acesso em: 31 Out 2022

MARTINS, L. P. M.; SOUZA, S. R. E. de. Crimes cibernéticos, exposição da mulher na mídia e sua subjetividade. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 1. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13589/10481>>. Acesso em: 22 Ago 2022

MENIN, M. M.; et al. **A violência contra a mulher no ambiente digital**. Direito e Sociedade: Rev. Estudos Jurídicos e Interdisciplinares, Catanduva, v. 14, n. 1, p. 53-68. 2019. Disponível em: <http://unifipa.com.br/site/documentos/revistas/direito/dir_2019_vol14_n1.pdf#page=53>. Acesso em: 26 Set 2022

MIGUEL, L. F.; MEIRELES, A. V. O fim da velha divisão? Público e privado na era da internet. **Tempo Social**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 311-329, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.TS.2021.176201>>. Acesso em: 11 Set 2022.

MOCHO, N. de A. **Crimes cibernéticos: pornografia de vingança**. 2016. 65. Monografia (graduação) - Universidade Federal Fluminense, Direito, Niterói, 2016. Disponível em: . Acesso em: 10 Mai 2022

MOLES, A. A. **O Kitsch: a arte da felicidade**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. 9º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, V. 1- Neurose, 2002. Disponível em: <<https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Cultura-de-Massas-no-s%C3%A9culo-XX-Neurose.pdf>>. Acesso em: 18 Set 2022

MURARO, C. **22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa**. [S.l.]: G1, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 27 Set 2022

NETSKOPE. **Cloud and Threat Report: August 2020 Edition**. Santa Clara: 2020. Disponível em: <<https://www.netskope.com/lp/cloud-and-threat-report/>>. Acesso em: 02 Out 22

NOGUEIRA, L. de R. **Mídias sociais: uma nova porta de entrada para a violência contra a mulher**, [S.l.], p. 1-13, 2017. Disponível em: <<http://ihs.sites.uff.br/wpcontent/uploads/sites/47/2019/08/MIDIAS-SOCIAIS-porta-de-entrada-para-violenciacontra-mulher-de-LucianaRezende.pdf>>. Acesso em: 22 Mai 2022

PINHEIRO, F. **"Playboy" acaba no Brasil e editora é acusada de usar nome indevidamente**. São Paulo: UOL, 2018. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/11/playboy-e-encerrada-no-brasil-e-presidente-e-suspeito-de-crimes.htm>>. Acesso em: 02 Out 22

PRAIA DOS OSSOS. Locução de Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZOg?si=5ZKP6Xk-TxiwjYl5E_k_QA>. Acesso em: 25 Jul 2022

R7. **Fui julgada como criminosa e pensei em me matar, diz vítima de vídeo que virou meme**. [S. l.]: 2015. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/fotos/fui-julgada-como-criminosa-e-pensei-em-me-matar-diz-vitima-de-video-que-virou-meme-22072015#>. Acesso em: 31 Out 2022

ROMANO, G. **Os Amantes**, 1525, óleo sobre tela, 163x337 cm. Disponível em: <https://www.wga.hu/html_m/g/giulio/various/lovers.html>. Acesso em: 20 Set 2022.

ROSSETI, D. G. **Senhora Lilith**, 1867, óleo sobre tela, 51.3 x 44 cm. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/337500>>. Acesso em: 20 Nov 2022

SAFERNETBRASIL. Institucional/SaferNet, [S.l.], 2017. Disponível em: <<http://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 12 Set 2022

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/relacoes-de-genero-no-brasil/Genero-%20Patriarcado-%20Violencia%20%20-livro%20completo.pdf/view>>. Acesso em: 22 Ago 2022

SAHD, L; FERREIRA, C. **O Pornô Desconstruído**. [S. l.]: Uol, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/pornografia-sera-que-voce-devia-parar-de-assistir-a-esses-conteudos-na-internet/>>. Acesso em: 02 Out 22

SICUTERI, R. **Lilith, a Lua Negra**. Trad. Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3. Ed. [S. l.]: Paz e Terra, 1985. Disponível em: <<https://wicalivros.files.wordpress.com/2015/03/lilith-a-lua-negra-roberto-sicuteri.pdf>>. Acesso em: 20 Nov 2022

SILVA, K. A. T.; BORGES, G. F.; MAFRA, F. L. N.; CAPPELLE, M. C. A. SER PROSTITUTA: O SENTIDO DO TRABALHO MORALMENTE INACEITAVEL. **Gestão.Org**, Pernambuco, v. 11, n. 2, p. 215-246, jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21885>>. Acesso em: 20 Nov 2022.

SIMILARWEB. **Onlyfans.com**. São Paulo: 2022. Disponível em: <<https://www.similarweb.com/pt/website/onlyfans.com/#overview>>. Acesso em: 18 Set 2022

SIMILARWEB. **Privacy.com.br**. São Paulo: 2022. Disponível em: <<https://www.similarweb.com/pt/website/privacy.com.br/#overview>>. Acesso em: 18 Set 2022

SOUZA, L. C. S. de; SILVA, R. C. “PORNOGRAFIA DE VINGANÇA”: Uma análise acerca das consequências da violência psicológica para a intimidade da mulher. **Interfaces Científicas – Direito**: [S. l.], v. 8, n. 2, p. 103–116, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.17564/2316-381X.2020V8N2P103-116>>. Acesso em: 27 Abr 2022.

STATISTA. **Social Media/Statista**. [S. l.]: 2021. Disponível em: <<https://de.statista.com/statistik/studie/id/99085/dokument/messenger-whatsapp-in-brasilien-brand-report/>>. Acesso em: 22 Mai 2022

VEJA. São Paulo: Editora Abril S/A ,1968-. 1968.

TIMACHI, K., B. **O que é DeepNude?** Rota Jurídica, [S. l.]: 2022. Disponível em: <<https://www.rotajuridica.com.br/artigos/o-que-e-deepnude/>>. Acesso em 04 Nov 2022.

TISSOT, James. **God's Curse, Adam and Eve. 1902**. Guache sob tela, 18.5 x 26.3cm. Disponível em <<https://thejewishmuseum.org/collection/26666-god-s-curse>>. Acesso em 20 Nov 2022.

VIEIRA, C. C.; et. al. **O Paradoxo da Viralização de Informação Criptografada no WhatsApp**. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES E SISTEMAS DISTRIBUÍDOS (SBRC), 37., 2019, Gramado. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019 . p. 403-416. Disponível em: <<https://sol.sbc.org.br/index.php/sbrc/article/view/7375>>. Acesso em: 25 Out 2022.

VILAS BOAS, S. **O Estilo Magazine - O texto em revista**. Summus. São Paulo: 1996.

WHATSAPP LLC. **Privacidade para suas mensagens**. Liberdade pra você. [S.l.]: 2022. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/privacy>>. Acesso em: 25 Out 2022

WHATSAPP LLC. **Sobre o WhatsApp**. [S.l.]: 2022. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about>>. Acesso em: 24 Out 2022

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 8.ed. Lisboa, Portugal: Presença, 2006. Disponível em: <<https://www.inovaconsulting.com.br/wp-content/uploads/2016/09/teorias-da-comunicacao-by-mauro-wolf.pdf>>. Acesso em: 11 Set 2022

WOLF, N. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf>. Acesso em: 19 Ago 2022

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yinmetodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 18 Jun 2022

APÊNDICE A – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET

Bruna: Pronto, já liguei o gravador. Antes de começar eu tenho alguns tópicos aqui, assim, e vou te fazer algumas perguntas, eu gostaria que tu respondesse elas, assim, como uma profissional da área que trabalha muito com vítimas, né? Qual é a experiência com as vítimas e com os casos de violência doméstica que eu sei que tu vê diariamente e fala sobre isso diariamente. Eu vi que tu também dá várias palestras sobre isso, enfim. E aí eu vou te fazer várias perguntas sobre o gênero assim, e aí eu acredito que tu vai saber é me explicar super bem, né, porque faz super parte do teu dia a dia.

Valéria: Agora, deixa eu te falar, tem uma meia hora dessa gente fazer em meia hora. Dá pra gente fazer em meia hora?

Bruna: Eu Acredito que sim. Eu imagino que...

Valéria: Tá... Eu tenho... eu tenho outros processos urgentes esperando... eu arrumei esse intervalinho na agenda porque “cê” disse que estava com pressa. Mas eu tenho um monte de processo que eu preciso despachar ainda hoje das audiências acabaram ainda hoje... Encaixei, a gente faz uma meia horinha, pode ser?

Bruna: Pode. Pode ser. Se não der para terminar todas as perguntas depois, eu te mando por e-mail ou por “whats”, pode ser?

Valéria: Então, eu acho. Que eu prefiro já terminar, porque minha agenda está uma loucura, tá bom?

Bruna: Tá, tá ótimo para mim também.

Valéria: Vamos tentar terminar... porque depois dessa, eu tenho um milhão de coisas depois para fazer se a gente conseguisse terminar, tudo bem, para mim é melhor.

Bruna: Tá, pra mim também é melhor.

Valéria: Mas se não der tudo bem, você me manda, porque aí... eu tenho uma agenda maluca e um monte de gente aí para atender também me esperando. Aí eu prefiro a gente já terminar, tá bom?

Bruna: Tá ótimo, para mim também é melhor.

Bruna: Já entrando sobre a violência contra a mulher, né, num geral, assim, sem ser nichado. Sabe me dizer quantos casos de violência contra a mulher tu atende mensalmente?

Valéria: Em números, não tenho nem ideia. Eu teria que fazer um levantamento, mas, assim... teria que fazer um levantamento, tenho muito, muito, muito, muitos casos. É preciso fazer um levantamento lá na Vara, mas eu atendo, muitos, muitos. Não tenho nem noção para te falar, mas eu tenho muitos, muitos. Eu recebo assim, por dia, pra você ter uma ideia, pelo menos a média de processos é de 20 processos por dia a 100 processos por dia. Os processos variam de 20 a 100. Então, assim, tem uma variação grande, de 20 a 100 processos por dia. Essa tem sido a variação de processos. Então, por exemplo, eu recebi dia 1º 50 inquéritos policiais de violência contra a mulher, mas aí tem muita variação, assim, mas é uma média de casos que eu atendo, que chegam para mim... de 20 a 100 por dia de caso, mas aí eu não falo diretamente com todas as vítimas, mas eu chego... recebo de 20 a 100 casos por dia.

Bruna: Entendi. E desses casos, quais são os principais tipos de violência contra a mulher que chegam até ti, assim?

Valéria: Normalmente, chegam... ameaça e lesão... São os mais comuns, a ameaça e a lesão. Também agora tem chegado perturbação à tranquilidade e perseguição. Na escala de frequência é ameaça, lesão, vias de fato que é a agressão física sem marca, tá bom? E também tem chegado, agora que eu te falei, esses casos de perseguição que são de *stalking* e violação à intimidade. E tem também os casos

de estupro, estupro não tem a mesma quantidade, a mesma intensidade que os outros casos. Antigamente, eu recebia muitos processos de divulgação fotos íntimas. O que você está pesquisando na internet. Né? A divulgação de foto íntima, normalmente, o compartilhamento ele acontece pela internet. Ali perto, por redes de *WhatsApp*, por redes de amigos, mas depois surgiram os tipos penais específicos de... que punem essa divulgação de fotos íntimas... tipos penais... está com bastante rigor essa divulgação de fotos íntimas... Essa conduta parece que ela tem surgido com menor frequência. Mas ainda acontece.

Bruna: Sim. E desses casos de violência contra a mulher que tu atende, esses que têm com mais frequência agora, que chegam até ti com mais frequência... quanto tu atende essas vítimas, qual é o sinal em comum entre elas, sabe? Tipo, como começa essa violência?

Valéria: A violência contra a mulher, ela é muito semelhante, no Brasil e no mundo. Uma característica comum da violência contra a mulher é que ela é praticada por homens acima de qualquer suspeita, em regra. E socialmente não demonstram esse comportamento, então são homens... tem 'Mários' de bons antecedentes, que não praticam... Muitas vezes não têm, assim, nenhum processo anterior ou só têm boletins de ocorrência que não se transformaram em processo porque as vítimas desistiram, ou só boletins de ocorrência mesmo... e esses homens no começo da relação, eles são homens... que se dedicam a parceira, homens às vezes mais carinhosos até do que o normal. Então hoje mesmo eu fiz uma audiência de um caso bastante grave, e a vítima disse que no começo ele era o marido que qualquer mulher queria ter. Do portão para fora, ele era um príncipe, mas do portão da dentro, ele era um monstro. Ele se transformou em um monstro. Então, o perfil dos homens autores de violência é assim: no começo eles não demonstram essa personalidade, são carinhosos, se dedicam a parceira. E, aos poucos, eles começam a praticar pequenos atos de violência, atos de controle, atos de isolamento, atos de ciúmes. Alguns evoluem para a violência física, outros não. Outros praticam violência psicológica, ameaça, mas que são violências igualmente danosas. Violências que também trazem *stress* pós traumático, também trazem danos para a saúde. Esses autores de violência também têm uma característica comum, que é... eles justificam a sua violência com

base em comportamentos da parceira. Eles não assumem essa responsabilidade. Eles dizem que a parceira é que é responsável porque a parceira é ciumenta, porque a parceira provoca, porque a parceira não acata as suas, entre aspas, “ordens”. Essas são as características mais comuns. E um outro aspecto também importante é o seguinte: homens autores de violência praticam a violência em razão de um padrão comportamental aprendido. A violência não é inata, a violência é aprendida. Esses homens, em regra, eles vêm de lares em que acontecia a violência, em que a violência era normalizada. Então, em que os pais destratavam as mães, que desrespeitavam as mães ou agrediam as mães. São as famílias em que se praticava a violência. É muito comum que nos processos, esses homens tenham convivido com a violência nas suas famílias de origem. Isso é tão frequente que histórico de violência na sua vida consta como fator de risco não só no Brasil, como em todos os estudos de violência do mundo. Então, eu me lembro de um processo... eu sempre conto esse caso porque foi bem marcante... de um homem, autor de violência que ele havia agredido a namorada universitária, ele era universitário. E na audiência, eu perguntei para ele se ele tinha antecedentes criminais, se ele tinha algum histórico e ele disse que tinha um probleminha... que ele tinha matado o pai. É, eu também tive essa cara, esse susto, porque ele tinha matado o pai... Aí ele disse não, não, doutora, perafá... eu matei o meu pai porque ele batia na minha mãe. Em legítima defesa,. Então um homem que cresceu num lar violento... um garoto que cresce em um lar violento, quando ele se torna adulto, ele repete o único padrão de amor que ele aprendeu na vida, um padrão de amor violento. Não é uma relação de causa e efeito porque nós falamos de pessoas, é uma relação matemática... mas 70%, 80% dos jovens, dos meninos que crescem em lares violentos, reproduzem o padrão.

Bruna: E os sinais que indicam o início de uma violência são esses que tu citou antes, né? De começar com algo muito amoroso e aí vai evoluindo para algo mais agressivo? É aquela violência psicológica, não é?

Valéria: Existem vários indicadores de que uma relação pode se tornar violenta. Envolvimento muito rápido, um isolamento, os ciúmes excessivo, comportamento possessivo. Aquele homem em que ele sempre fala das ex-namoradas como sendo pessoas... que critica muito, às ex-namoradas, trata as ex-

namoradas como loucas, como possessivas, né. E diz que perdeu a cabeça com uma ex-namorada em razão do comportamento da ex-namorada pra justificar a violência. Então, existem alguns sinais... esses homens autores de violência, eles mostram o perfil deles. Mas em pequenos sinais que, para a sociedade, são os mais imperceptíveis porque a nossa sociedade ainda é machista e ainda tolera comportamentos de ciúmes, de violência, de possessividade, mas é possível perceber um homem... perceber esses sinais se a mulher compreende uma relação abusiva. Em regra, uma relação abusiva, ela envolve, como se fosse um código: ciúmes, controle, isolamento e ciúmes excessivo. Essas são as 3 características marcadas de uma relação abusiva. Ciúmes excessivo, controle da vida da pessoa, isolamento. Essas são as principais características. Então, quando isso acontece, isso é um sinal de alerta. É um sinal de que aquela jovem ou aquela mulher deve ficar atenta, impor limites, porque aquela relação pode se tornar uma relação violenta.

Bruna: Sobre a violência contra a mulher, assim, no geral, era mais ou menos isso que eu queria perguntar. Agora eu vou perguntar um pouquinho também sobre a violência contra a mulher na internet. Eu sei que tu já me comentou que agora tu não trabalha muito mais com esses casos, porque eles chegam menos até ti, mas acontece com bastante frequência, mesmo assim? Saberá me dizer mais ou menos qual a frequência que isso acontece nos casos que tu atende?

Valéria: O uso na internet não acontece com muita frequência, mas o uso do *Instagram* como instrumento de crime é muito frequente. O *Instagram* aparece com muita frequência nos processos, o *Instagram* como instrumento... a internet, ela aparece como um instrumento de controle, né? Comumente, como instrumento de controle, então, para saber onde a vítima tá... tirar satisfações, assim.. a respeito da vida da vítima, não é? Os casos de rastreadores são mais incomuns, mas às vezes aparecem casos de rastreadores. Então, uma vez por mês, uma vez a cada 2 meses, aparece um processo em que nós temos... em que o agressor colocou um rastreador de telefone da vítima, por exemplo. É, são mais incomuns, mas usar o celular como instrumento de controle é extremamente comum. Não sei, numericamente, mas é muito comum. Então, o celular tem sido usado como instrumento de controle, instrumento de ameaça, de intimidação. E, também, fazer um instrumento também

para, assim, de perseguição também, né. Eles usam assim, às vezes até por meio de terceiros, quando o agressor, ele por si não pode manter contato com a vítima, terceiras pessoas mantêm contato com a vítima. E o que é importante mencionar: nem sempre esse conteúdo intimidador, ele é direto. Por vezes, ele é velado. Por exemplo, quando uma vítima rompe um relacionamento com um homem e ela tem medo dele, insistentemente ele tenta retomar essa relação... esse comportamento de perseguição é chamado de *stalking*. É um comportamento que causa medo na vítima, né? E pode, inclusive, causar danos psíquicos, danos emocionais. Então, a internet, ela é muito utilizada como instrumento de intimidação, de controle, de perseguição, de compartilhamento de imagens, de fotos... como instrumento de crime mesmo.

Bruna: E essa violência começa através dessa... disso que tu tava comentando, né? Desse controle, dessa perseguição, isso?

Valéria: O controle... a violência, ela começa de forma sutil, sempre. A violência é um caminho, né. Muitas vezes, a população associa a violência com olho roxo, uma marca física, então, no inconsciente coletivo violência é olho roxo, é uma marca corporal. Mas a violência começa muito antes, a violência começa quando o homem afasta a mulher da família, quando o homem diz que não permite que a mulher vá para um determinado lugar, quando ele manda mensagens insistentemente para saber onde ela tá o tempo todo, por exemplo.. quando ele se insere nos grupos de amizade dela... pra controlar o que ele está fazendo, com quem ele está falando, por vezes com perfis falsos ou com outros homens, isso as vezes acontece também. Mas o controle, ele é muito presente nas relações abusivas. Sempre. Às vezes, não de uma forma explícita, mas de uma forma velada. Por vezes, normalmente no início, ele vem disfarçado de atos de carinho, de cuidado, atos de amor. Por isso que a maioria das vítimas não percebe os atos de controle no início da relação. Porque ele diz que ele está cuidando da vítima, e que está fazendo aquilo porque ele se preocupa com a segurança dela, o bem-estar dela... que aquela amiga não faz bem para ela, que a família dela está prejudicando, que a família não gosta dela, daquele patrão está, na verdade, querendo algo mais com ela... então ele sempre vai... ele usa essa estratégia como se ele estivesse fazendo o bem para ela, como se estivesse preocupando e como se ele fosse o única pessoa que efetivamente gostasse dela.

Uma das audiências que eu fiz também hoje... foi um caso bastante grave de perseguição, tanto que o réu está preso já, ele perseguiu por.. faz 6 meses a vítima do término do relacionamento, foram casados por 15 anos e ele usava *WhatsApp* para intimidar. Ele perseguia a mulher nos locais onde ela estava, então, ele perseguia no local de trabalho... ele seguia na rua, nos bares, mas, por exemplo, um dia ele viu que ela tinha... pelo logo onde ela trabalhava, ele disse: "Olha, eu vou descobrir no Google os seus horários de trabalho pela empresa e eu vou lá." E ele mandava mensagens o tempo todo, alternando comportamentos de carinho e de loucura. Dizendo: "Eu não vou te deixar em paz, eu sou apaixonado por você! Ou você fica comigo, ou você não vai ficar com ninguém. Eu já comprei uma arma. Eu estou muito louco." Dentro outras coisas que ele falava. Então essas mensagens eram muito constantes e a vítima dizia que ficava com muito medo, a cada vez que ela recebia uma mensagem dessas.

Bruna: E dessa violência, assim, acaba... que nem sempre começa pela pelo virtual, enfim, mas acaba indo para o virtual também. O que que a vítima pode fazer depois dessa violência?

Valéria: Deixa, eu só falar de uma violência que eu acho importante que nós não falamos muito. Essa essa violência que eu te falei que era mais comum que hoje já não está tão comum, mas ela é uma das mais graves. Ela é chamada em outros países de *revenge porn*.

Bruna: Sim! eu trabalho com isso no trabalho, eu ia puxar esse assunto um pouquinho depois, né? Se quiser falar sobre isso agora, eu também quero ouvir.

Valéria: É, então, a gente pode... essa conduta é tão grave. Ela também é uma conduta que não acontece com a mesma frequência das demais, mas acontece. E acontece tanto com o compartilhamento ou ameaça de compartilhamento de fotos reais quanto montagens de fotos. E as consequências para as vítimas são altamente danosas. Porque as vítimas passam a vida com ideação suicida... eu já tive casos, por exemplo, em que vítimas mudaram de país, mudaram de local e mesmo assim elas mudam e as pessoas algum dia descobrem aquela imagem. Muitas abandonam o emprego, sofrem assédio em todos os lugares onde vão, né... e o interessante

desses casos é o seguinte, que agora existe uma tipificação específica, existe um crime de compartilhamento de fotos íntimas. É possível, além desse crime, você entender que houve uma lesão à saúde, porque o dano é muito grande para a vítima. Em regra, gera *stress* pós-traumático, gera depressão, ansiedade... é um transtorno, mesmo, para a vítima. E é passível também de indenização. Agora, de uma forma geral, o que que uma vítima pode fazer, não é? Toda vez que uma mulher se encontra em uma situação de violência [inaudível] a mulher. Primeiro, nunca se sentir culpada, porque todo homem, autor de violência, culpa a vítima. E as vítimas, em regra, se sentem responsáveis pela violência. Porque esses homens, socialmente, têm o perfil de um bom cidadão. A violência só acontece com ela. Só acontece naquela relação. Então, assim, há uma tendência a fazer... a se acharem responsáveis por essa violência. Então a vítima não pode se sentir culpada porque a responsabilidade da violência não é do álcool, não é das drogas, não é da vítima, mas sim desse padrão comportamental aprendido e incorporado ao longo da vida. Segundo, buscar uma rede de apoio. O que é uma rede de apoio? Alguém próximo da vítima, isso é muito importante. Nem sempre a vítima está pronta para procurar uma delegacia de polícia. Isso é um caminho, então. Contato é... buscar alguém de confiança. Pode ser uma amiga, pode ser familiar, alguém do trabalho, alguém de confiança e contar o que está acontecendo. Buscar também uma rede de atendimento, CRAS, CREA, CRM. Não sei como é que chama aí, mas uma rede de atendimento. E ir se preparando para se libertar dessa, dessa violência. A libertação da violência, é um passo a passo. É importante também que ela peça, no momento em que ela estiver preparada, se ela sentir medo, se ela sentir que corre risco, que ela registre boletim de ocorrência e que ela peça medidas protetivas. Porque as medidas protetivas, elas têm o potencial de libertar a mulher de uma violência mais severa e de prevenir da morte

Bruna: Tu estava me comentando um pouco mais sobre as redes de apoio. Existem redes de apoio específicas para esses casos de violência na internet?

Valéria: Não, isso é, redes de apoio que eu conheço, não. Tem a *Safernet*. Tem. Tem uma rede que chama Marias da Internet, que eu conheço. Marias da Internet foi, ela foi criada pela Rose Leonel. A que eu conheço é essa. Ela é criada pela Rose Leonel. Justamente uma das primeiras vítimas de *revenge porn*, você deve

conhecer. No Brasil, isso. E ela... nessa época nem existia o tipo penal, ela conseguiu uma indenização e ela criou essa rede, na internet, para apoiar as vítimas nesse processo... nos processos de divulgação de fotos íntimas. Tem, acho que a *Safenet*, mas a *Safenet* ela aconselha, não sei se funciona como rede de apoio, mas eu desconheço se existe uma rede de apoio específica para a violência na internet. O que há são redes de apoio em geral das mulheres em situação de violência.

Bruna: Sim. Agora eu vou passar mais para as perguntas que são relacionadas às redes sociais. Tu me comentou que a rede social mais citada nos processos é o Instagram, né?

Valéria: É, isso. O *Instagram* e a comunicação o *WhatsApp*, grupo de *WhatsApp*.

Bruna: Quando essa violência ela se segmenta para as redes sociais, têm alguma diferença criminalmente?

Valéria: Não entendi a pergunta.

Bruna: Quando essa violência passa para as redes sociais, têm alguma diferença criminalmente? Assim, são leis diferentes que são utilizadas para o julgamento desse agressor, para lidar com esse caso?

Valéria: Quando... Bom...Depende. Cada caso é um caso, a tipificação varia. Depende do que ele colocou na rede social. Então, se ele usou a rede social para fazer uma ameaça, é crime de ameaça. Se ele usou a rede social para, por exemplo, publicar uma notícia falsa em relação àquela mulher, trata-se como crime, é um crime de calúnia. Se ele usou a rede social, por exemplo... é que as redes sociais não permitem isso, mas para divulgar fotos íntimas, né, as redes sociais bloqueiam. Então, essa é uma divulgação, cena de nudez. As leis são as mesmas, mas a tipificação varia. O que pode haver é uma diferenciação na pena, em razão do alcance das pessoas que tem a ver com essa informação. Os crimes que nós temos específicos são, então, os crimes que eu já havia mencionado de gravar cenas íntimas, divulgar

cenar íntimas por quaisquer meios de comunicação, inclusive meios de comunicação em massa. E as penas vão ser dosadas de acordo com as circunstâncias e com as consequências para a vítima.

Bruna: Entendi. E nesse ambiente, assim, das redes sociais, qual tu diria que é a principal violência cometida?

Valéria: Nas redes sociais?

Bruna: Isso.

Valéria: Tem várias, mas assim, nas redes sociais as ofensas... as ofensas são muito comuns. A perseguição é muito comum em rede social. Então, esses aparecem nos meus processos com bastante frequência, ofensas, perseguição... porque são condutas que ainda são compatíveis com as redes sociais, né? A divulgação de fotos íntimas também acontece com muita frequência, só que não nas redes sociais. Porque a divulgação de fotos íntimas, ela envolve a divulgação, né, a criação de perfis falsos que são publicados em sites de... profissionais do sexo. Isso não é compatível, né, com redes sociais que são publicadas. Mas as ofensas, a perseguição em redes sociais são muito comuns. Inclusive, por exemplo... por vezes esses agressores, eles começam a postar mensagens nos grupos de amigos daquela vítima, da empresa daquela vítima... porque o agressor, o violador, ele tem por finalidade destruir as bases de apoio daquela mulher. Então, por exemplo, se ela tem uma empresa e essa empresa tem uma rede social, ele vai atacar a rede social dessa empresa, porque essa empresa significa independência econômica. Se ela tem uma rede de amigos e esses amigos tem uma rede social, ele denegrir a imagem da vítima naquela rede de amigos, porque esses amigos representam uma base de apoio. Os autores de violência, eles atacam as bases de apoio das vítimas. Econômicas, pessoais... eles agem com essa estratégia.

Bruna: E qual a característica dessa violência cometida nas redes?

Valéria: A principal característica da violência contra as mulheres é que é uma violência de gênero. É sempre um ataque voltado à honra da mulher. Essa violência, ela normalmente acontece no término da relação. É uma violência... que, sim, reiterada, é uma violência de gênero. Ou seja, o agressor, ele ataca aspectos da mulher por ser mulher. Ele vai atacar aspectos da honra, aspectos comportamentais, aspectos ainda relacionados àquele papel tradicional da mulher, né? E também, muitas vezes, ele vai atacar os novos relacionamentos dela, tentando isolar aquela mulher, enfim... de amigos e de relações. Então, a característica mais marcante dessa violência é que é uma violência muito típica, é uma violência de gênero. É uma violência que se caracteriza porque o homem não aceita a mulher como sendo uma pessoa... como sendo uma pessoa com vontade própria, então ele quer que ela se submeta à vontade dele. Como ela não se submete, ele destrói a imagem dessa pessoa perante todos. É uma versão cibernética daquela ameaça. “Se você não for minha, não vai ser de mais ninguém, porque eu vou destruir a sua imagem perante todas as pessoas.”

Bruna: Ham, agora eu vou passar um pouco mais para as perguntas direcionadas para o *WhatsApp*. É.. no “Whats”, ocorrem muitos casos de *sexting* e *stalking*? E como acontecem essas violências?

Valéria: Muitos dos casos de *sexting* e *stalking* acontecem assim, de várias formas, normalmente como no término da relação. É... numa relação, o *WhatsApp* é utilizado como instrumento de controle. Então, né, com aquelas mensagens... por vezes, confundidas como mensagem de amor, de carinho... mas no término da relação, como um instrumento de perseguição, como instrumentos da prática de crimes, muitas vezes com próprio telefone e por vezes com telefones falsos. Então, o que acontece com muita frequência, os agressores vão mudando rotineiramente de número de telefone. Então, a vítima descobre um telefone, ele muda de telefone, muda de telefone, muda de telefone... e essas perseguições são incessantes, porque elas duram por anos e anos, né? E o *stalking* também, essas perseguições, em regra, acontecem entre ex-parceiros, mas também há casos de perseguição envolvendo pessoas desconhecidas, em que uma pessoa desenvolve um amor platônico por outra, então... É, um paciente por uma médica, já aconteceu. Uma pessoa conheceu

outra na internet e aí ficam perseguindo ininterruptamente aquela pessoa, né? Mandando mensagens dizendo “olha, eu estou aqui na frente”, “eu sei onde você mora”, “eu sei a sua rotina”... Então, mensagens que causam na... maneira de intimidação. Em relação ao *sexting*, também o impacto é muito grande, porque... bom, quando essas fotos, elas vazam, elas chegam ao conhecimento de outras pessoas, há um risco muito, muito grande de... suicídio, de uma lesão à saúde que dessa pessoa, né. Nós temos... mesmo que o compartilhamento daquela imagem, ela não tenha rosto... se for possível a identificação da vítima, ela sofre os impactos daquela divulgação também. Recentemente eu estava... eu estava numa palestra na Secretaria de Educação e uma professora tinha comentado de uma menina, uma jovem, que tinha compartilhado um nude com o namorado da escola e ela não mostrou o rosto, mas ela tinha uma correntinha. Todo mundo já conhecia aquela correntinha que ela usava. E a foto vazou. Todas as pessoas identificaram aquela menina pela correntinha e a situação estava, assim, muito grave. Porque a menina realmente estava, assim, com depressão, tendência suicida... Teve um outro processo também, esse eu atuei. De uma menina, adolescente, que ela compartilhou... Ela e o namorado gravaram compartilhado entre eles... fotos de sexo, sexo oral outras formas de sexo... e ele, o menino, morava numa república. E aí o celular dele era conectado com o computador, um outro jovem que morava naquela república teve acesso a essa foto, compartilhou com os outros [jovens que moravam naquela república] aquela foto, aquele vídeo, foi compartilhado com todas as pessoas da faculdade, etc. Essa moça chegou a mudar de país e ela não conseguia fugir disso. Ela mudou de cidade, depois mudou de país, ela é filha de um cineasta e as imagens sempre a perseguiram, a perseguiram, a perseguiram... essa é uma menina que também ficou muito tempo em tratamento, porque ela tinha uma tendência suicida muito forte.

Bruna: Aí falando sobre essa troca de nudes, sobre essa situação... quando acontece essa troca de nudes no *WhatsApp*, até que ponto isso é saudável? Até que ponto isso não prejudica a mulher?

Valéria: Essa é uma pergunta que, assim... complexa de se responder, né. Porque, assim, ao mesmo tempo, é uma pergunta muito inteligente e muito complexa. Porque ao mesmo tempo que homens e mulheres têm o direito a exercer a sua

sexualidade, né? As mulheres têm o direito a fazer sexo como, quando e onde elas quiserem. Claro, sendo sempre orientadas para que elas não se coloquem numa situação de risco. Porque as mulheres correm mais perigo do que os homens, porque as mulheres, fisicamente, elas são mais fracas, em regra, do que os homens. Por isso que as mulheres, desde a antiguidade, são mais estupradas, porque, fisicamente, as mulheres têm maior dificuldade em resistir... fisicamente, elas têm menos força do que os homens. Mas compartilhar fotos íntimas é sempre uma situação de vulnerabilidade. É sempre uma situação de risco. Porque aquela pessoa que está com a vítima naquele momento, por exemplo, a pessoa está bem intencionada. Naquele momento, a pessoa não tem a intenção de divulgar. Mas há várias situações de risco, porque aquela pessoa, em um momento de ódio, de raiva de rompimento, pode divulgar. É um segundo, na internet, é tudo um segundo, né? Assim, o perigo... Na verdade, a divulgação acontece em um segundo, mas ela se torna permanente. E atinge muitas pessoas rapidamente. Nunca há segurança total de que aquela imagem não vai vazar, por exemplo, durante um roubo de celular, uma invasão de aparelho, etc. É possível também que essa imagem vaze de outra maneira. Ou que uma pessoa conhecida empreste o celular a um amigo e essa pessoa eventualmente vaze informação. Então, como exercer esse direito de sexualidade, né? E, ao mesmo tempo, com segurança. Pelo menos, não mostrar o rosto. Assim, o mínimo que se espera, assim, o mínimo para a segurança de uma de uma jovem, de uma mulher, é não mostrar o rosto. Porque é muito arriscado, assim, não há como garantir que essa imagem não possa, eventualmente, vazar em razão de um roubo, de uma invasão de dispositivo, de um amigo do réu, de um namorado... E é extremamente comum que aconteça, que, assim, nas hipóteses em que o namorado, o parceiro, ele tem uma foto íntima, quando ele tem uma foto íntima, ele ameaça. De que ele vai divulgar, de que vai ter que voltar com ele, de que ele tem aquelas fotos e que ela sabe o que pode acontecer... é extremamente comum que essas ameaças aconteçam, quando não acontece a divulgação, acontece a ameaça.

Bruna: E além disso que tu comentou, de não mostrar o rosto, tem alguma outra maneira da mulher poder se proteger dessa exposição?

Valéria: Em relação à nudez?

Bruna: Isso.

Valéria: Criptografia. tem algumas, assim, alternativas eletrônicas... criptografia, por exemplo, ela pode criptografar a imagem. Ela pode criar um arquivo protegido. Mas nós temos hackers hoje em dia, né? Hackers que são altamente qualificados e conseguem tirar esses bloqueios nos arquivos, então... na hipótese de, no celular, por exemplo, eles conseguem desbloquear seu celular. Aí ela tem um iphone... tem como tirar e desbloquear esses arquivos, é algo bem tranquilo, bem fácil. Essas imagens, elas podem, eventualmente, circular. O que fazer nessa situação? É sempre um risco, então, para mulheres que publicam, que têm essas fotos, assim, ter consciência de que infelizmente, infelizmente, nós vivemos ainda numa sociedade machista, numa sociedade que está em transformação, mas uma sociedade que ainda é muito conservadora. Que ainda é muito machista, que ainda culpa demais das mulheres.

Bruna: E quando essa situação, depois da troca de nudes, né, enfim... quais são os alertas que sinalizam que a situação pode declinar à algo negativo, se existe... se existe algum tipo de sinal que a mulher possa perceber que, de repente, ela pode estar passando por uma situação de perigo, enfim?

Valéria: Na verdade, assim, além da ameaça por parte de um parceiro, ex-parceiro, de alguém... porque a divulgação, em regra, envolve pessoas próximas, não é? Tem algumas estatísticas de outros países que apontam, né, que apontam que essa divulgação de fotos e imagens íntimas normalmente é feita por pessoas próximas, com dados verdadeiros, em razão ou de um rompimento de uma relação ou de uma briga entre amigos, etc. Então, havendo uma situação dessa, normalmente, essa divulgação vem precedida de uma ameaça, de uma referência. Como nós já temos agora tipos penais específicos, havendo essa referência, essa ameaça, tem que procurar a justiça, tem que registrar boletim de ocorrência. E é possível, hoje, pedir uma medida protetiva genérica. Não tem uma medida protetiva específica na lei, mas a vítima pode pedir uma medida protetiva genérica. Não está na lei Maria da Penha escrito, mas a lei Maria da Penha prevê as medidas protetivas, dentre outras,

ou seja, genericamente é possível pedir uma medida protetiva de não divulgação de imagens. Já tivemos um caso na vara central de uma ex-namorado que divulgou essas imagens, que iria divulgar, foi estabelecido essa medida e acabou sendo preso por descumprir essas medidas, além da indenização, pela lesão à saúde, porque na época não havia uma específica. Então, havendo essa medida... toda medida protetiva descumprida pode dar origem à uma prisão preventiva. Está na lei, art. 313, inciso 3 do Código de Processo Penal. Então pode ser estabelecida esta medida protetiva específica até com imposição de uma multa cara divulgue ou a prisão preventiva. Agora, é importantíssimo registrar B.O. e pedir, por exemplo, a apreensão daquele celular, daquele dispositivo eletrônico, para que essa foto, essa imagem, não fique rodando. Outro aspecto que eu acho fundamental e, você que trabalha em comunicação tem um papel fundamental nisso, é o seguinte: é a prevenção. Porque muitas pessoas... é, tem várias estatísticas que apontam que as pessoas recebem imagens e compartilham, homens e mulheres, inclusive de pessoas conhecidas. Quem recebe a imagem que compartilha, sabendo que aquela imagem não está autorizada, também pratica um crime. Não é só o ex-namorado, não é só aquela pessoa que produziu uma foto. Quem recebe a imagem e compartilha, também está praticando o crime. Então essas imagens só tem tantos *views*, só atinge tantas pessoas, porque há pessoas que compartilham. Processo: a imagem chega nas mãos de alguém que conhece a vítima. E o que que essa pessoa tem que fazer? [Tem que] chegar para a vítima e falar “olha, eu vi imagem sua e está sendo compartilhada. Procure ajuda, procure a justiça para que essa imagem [inaudível] e para que as medidas sejam tomadas.” É essa postura correta. É assim que se evita que essas imagens se propaguem, porque se não quando aquela vítima toma conhecimento, aquela imagem já se espalhou, não é?

Bruna: Sim. E esse compartilhamento de nudes no *WhatsApp*, como ele é feito?

Valéria: Normalmente, grupos de amigos. Ou imagens individuais, assim, manda para um amigo, que manda para outro amigo... ou em grupos de amigos, grupos fechados.

Bruna: E qual é o teor da ameaça? Ou o tipo de discurso que esse agressor faz, né, com essa mulher, quando ela é ameaçada e essas imagens são compartilhadas?

Valéria: São 2 situações diferentes, assim... numa situação, né, do agressor, o agressor, ele quer voltar para a vítima, ele... tem aquela pessoa, que ela grava a imagem, o jovem, o homem, e ele quer se vangloriar pelo que ele fez, pelo sexo que ele conseguiu, e ele começa a compartilhar essa imagem. Isso também é crime. E aí ele, normalmente, compartilha em um grupo de homens. Essa é a primeira situação. A outra situação... aliás, muitos, eles gravam até sem que a vítima saiba. Põe um celular, põe uma câmera. Outros são aqueles que têm uma imagem de uma relação íntima com a mulher e quando a mulher se recusa a retomar um relacionamento, a fazer o que eles querem e começam a ameaçar: "se você não voltar, eu vou divulgar". Esses, que praticam *revenge porn*, divulgam, em regra, para pessoas próximas da vítima. Aí eles escolhem para quem eles vão mandar. Para o pai da vítima, por exemplo. Filho, amigos, chefe... sempre para pessoas próximas à vítima, pessoas no relacionamento da vítima. Essas divulgações acontecem por mensagens de *Messenger*, também é comum, né, redes sociais... às vezes, eles entram pelo computador da vítima, por exemplo, ele sabe a senha, o dominador sempre tem a senha da vítima. E manda por *Messenger* ou *WhatsApp* para todos os amigos da vítima.

Bruna: E tem algum tipo de discurso específico quando essas imagens, esses vídeos, enfim, são compartilhados?

Valéria: Normalmente, associado de ofensas, com palavras como "puta", "vagabunda". "Você acha que ela é santa? Olha o que ela faz!". Normalmente, vem com palavras assim, bem ofensivas. Ou jogando com a honra da mulher: "ó, você acha que ela é santa? Ela trabalha no escritório, mas olha o que ela faz à noite!". Normalmente, um discurso relacionado à honra. A ofensa mais comum nos nossos processos é vagabunda, né, a palavra mais comum do nosso processo. As ofensas normalmente são relacionadas à honra. Não importa o que a mulher faça, né? É... não é que não importa o que a mulher faça... não importa o motivo pelo qual ele esteja

ofendendo. Ele pode estar ofendendo em razão da comida, mas ele xinga de vagabunda. As ofensas normalmente são relacionadas à honra.

Bruna: E quando imagens e vídeos são disseminados, tem algum tipo de manipulação dessas imagens?

Valéria: Depende. Quando as imagens são reais, não. Tem algumas imagens também que são feitas, aí tem alguns casos que as imagens... tem alguns casos que eles não têm imagem das vítimas. Aí eles fabricam essas imagens e divulgam. Atuei em um caso, já faz alguns anos, em que era uma estudante de Direito que trabalhava em um escritório de advocacia bem tradicional, o ex-namorado... esse caso me marcou bastante. O ex namorado dizia para ela: “ou você volta comigo, ou você vai ver, ou você vai ver, ou você vai ver” e perseguiu, então, por telefone o dia todo, por mensagem, telefone... ela achou que fosse ser agredida na saída do escritório. Então ela saiu do escritório acompanhada de colegas. Quando ela chegou em casa, ela chegou bem, ela falou “ah, que bom, não fui agredida”. No dia seguinte, ela chegou lá no escritório... todas as pessoas olhando pra ela de uma forma estranha... aí ela foi chamada para uma reunião. Ele tinha feito montagens, bem feitas, de profissionais do sexo com o rosto dela. E mandou para os chefes, pros colegas de trabalho, dizendo “olha, você acha que ele é santa? Olha o que ela faz, olha não sei o quê”, sempre ofendendo. Ninguém no escritório a responsabilizou, todas as pessoas sabiam que ela estava sendo perseguida. Ela foi apoiada, mas ela ficou tão constrangida, tão constrangida que ela saiu do escritório e largou a faculdade, pelo menos quando eu a conheci, ela tinha abandonado a faculdade. Tão impactante que foi na vida dela. E ela sequer tinha gravado imagens pro ex-namorado.

Bruna: E quando essas imagens são compartilhadas, é possível saber até onde elas chegam?

Valéria: Dificílimo. Dificílimo. Tem um sistema, é, não sou especialista em informática. Eu sei que tem um sistema que é como se você identificasse... não sei explicar... é como se você identificasse o IP de cada compartilhamento. Assim, precisa saber o IP de cada compartilhamento para tirar o compartilhamento. E pedir

também os IPs de cada computador... o URL, precisa saber o URL de cada compartilhamento para você pedir para o juiz, por exemplo, que elas sejam excluídas. Então é muito difícil. Mas tem um sistema, que ainda não é usado aqui no Brasil, que permite a identificação digital pela imagem. Então você joga aquela imagem, ela é encontrada digitalmente, como se fosse uma foto daquela imagem. Aí seria possível identificar em qualquer lugar. Mas o *WhatsApp*, em regra, principalmente se recusa atender às determinações judiciais, mesmo em casos mais graves... é mais difícil consultar dentro do *WhatsApp*. E é muito difícil porque essas imagens podem estar armazenadas no celular de alguém. Ainda que elas não estejam na internet, elas podem estar no celular de alguém. Algum dia, essa imagem ressurgem.

Bruna: Entendi. E quando essa vítima sofre essa...

Valéria: Ah! O que é possível fazer, é evitar que aquela imagem apareça com o buscador do Google, por exemplo. Aí você exclui do buscador, aí sim, mas excluir a imagem é mais difícil.

Bruna: Entendi. E quando a vítima sofre essa violência, tem a sua imagem divulgada por aí, qual é a reação dela? Geralmente, ela denuncia? Ela não denuncia? Como funciona?

Valéria: Mas isso é um padrão não é? Cada mulher sente, cada mulher tem a sua dor, cada mulher tem a sua reação. Mas a maioria das mulheres, é... não noticia, tem vergonha, se sente culpada, não procura ajuda, tenta resolver a situação... elas tentam resolver a situação elas mesmas. Com o próprio autor da violência. O que há na sociedade, ainda, é essa revitimização da mulher, esse julgamento moral. Então muitas delas não procuram ajuda, a maioria não procura ajuda.

Bruna: A gente falou um pouquinho antes, né, sobre as consequências para a vítima, que às vezes acaba tendo dano até a saúde, enfim, sofrem demais com isso. Mas e quais são as consequências para o agressor?

Valéria: Para a vítima, acho que é importante ressaltar o seguinte: a vítima pode ter *stress* pós-traumático. Tá? Depende do tipo de crime. Ela pode ter estresse pós-traumático, ansiedade, tristeza, insônia, doença psicossomática, doenças de pele, doenças digestivas, doença endocrinológica. E muitas vezes se associa a violência contra a mulher, à doenças com marcas, mas existem várias doenças que surgem em razão da violência psicológica, em razão dessa perseguição. Então a pessoa tem uma alteração hormonal, isso pode ser em função da violência. Um quadro de ansiedade, muito comum, então tem várias doenças que aparecem em razão de uma situação de violência. O que mais aparece no meu cotidiano, às vítimas, é: *stress* pós-traumático, ansiedade, tristeza, assim, é... medo de andar sozinhas. Muitas nunca mais se relacionam... isso de "evitação", né? Fazer isso é um sintoma, evitação, de uma doença. Elas evitam lugares, evitam pessoas, evitam situações, têm Flashbacks... mas em relação aos agressores, há o processo criminal. Ele responderá ao processo criminal. Há possibilidade de indenização civil. Hoje em dia, essa indenização civil pode ser fixada na própria sentença criminal. É uma evolução da legislação, art. 3874 do Código de Processo Penal permite que o juiz fixe na sentença criminal o valor mínimo para reparação do dano da vítima. E o nosso Tribunal, Tribunal Superior de Justiça, de Brasília, entendeu que esse dano é presumido na hipótese de relação à vítima doméstica e familiar, então, você não precisa comprovar que a vítima sofreu dano emocional. Isso já é presumido nessas relações afetivas, domésticas e familiares. Você só fixa esse dano mínimo na sentença. Então isso é bem importante, você pode ter uma sentença criminal e já fixar o valor da reparação. Pode ter as medidas protetivas e também a possibilidade de punições administrativas, punições de outro âmbito. Então, por exemplo, se ele é ocupa um cargo administrativo pode sofrer punições, etc. Em regra, nós falamos em 3 esferas distintas: a Civil, a Criminal e a Administrativa. Sendo que na esfera criminal, hoje, já é possível, então, haver uma indenização civil.

Bruna: Entendi. A não ser que tu queira acrescentar... aí, acabei de ver aqui o sinalzinho do Meet porque estava tendo muito barulho externo, enfim. A não ser que tu tenha mais alguma coisa a acrescentar, essas eram as perguntas que eu tinha separado para conversar contigo.

Valéria: Não, acho que tá ótimo, né? Acho que deu para esclarecer bem, não é?

Bruna: Nossa, super foi muito, muito válido para mim. Queria te agradecer muito por ter participado e só queria, antes da gente desligar, te comentar que tem um termo que eu vou te enviar por WhatsApp pra te assinar, para que eu possa usar as informações que a gente conversa aqui no meu trabalho, tá?

Valéria: Está bom. E... essas estatísticas todas aí, acho que tem várias... tem vários sites. Isso é importante. Depois eu vejo se eu acho pra te mandar, se você pesquisar... acho legal você citar depois. Vou ver se eu acho.

Bruna: Sim! Eu citei vários sites, eu usei bastante coisa dessa *Safernet*, que tu citou, e tem um dossiê muito bom que agrupa dados de vários lugares, que é o dossiê do Instituto Patrícia Galvão, que...

Valéria: Que é quem me colocou em contato com você, não é?

Bruna: Sim, exatamente! É muito bom, a minha maior base de dados eu peguei lá do Instituto porque ele é muito completo mesmo, mas...

Valéria: É, ela deve ter... acho que a maioria das pesquisas lá mesmo.

Bruna: Sim, sim, lá é muito completinho. Aí usei bastante coisa de lá.

Valéria: Então tá bom, depois você me manda aí o termo para eu assinar, tá bom?

Bruna: Mando sim, muito obrigada.

Valéria: Boa sorte aí, tá bom?

Bruna: Obrigada!

Valéria: Abraço, tchau!

Bruna: É tchau, tchau.

Figura 15 – Termo de autorização da entrevistada Valéria Scarance

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Prezado(a) entrevistado(a):

Pelo presente instrumento, e na melhor forma de direito, pactua-se que haja autorização e cedência do depoimento e/ou imagem, gravado (em áudio e/ou vídeo) ou registrado via correio eletrônico, de sua pessoa, para fins de utilização na elaboração de Trabalho Acadêmico da disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II código: FBC4011AF dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da Área do Conhecimento de Ciências Sociais da Universidade de Caxias do Sul.

Este é um Termo de Autorização e Cessão de Direitos Autorais, de acordo com a Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/1998). Salientamos que o seu depoimento será analisado como um todo pelo Aluno Entrevistador e Professor Orientador do Trabalho Acadêmico, podendo ou não ser apresentado ou utilizado na íntegra.

Desde já, agradecemos e ficamos à disposição para qualquer esclarecimento por meio do e-mail (professor): asilva@ucs.br.

Professor(a) Dra. Ivana Almeida da Silva – Orientador(a) do Trabalho Acadêmico.

1. Pelo presente Termo de Autorização e Cessão de Direitos Autorais, VALERIA DIEZ SCARANCE FERNANDES CEDENTE, RG: 21755034-4, CPF nº 184094398-0, residente na cidade de: SAO PAULO-SP, cede e transfere, em caráter exclusivo, à Fundação Universidade de Caxias do Sul - CESSIONÁRIA, estabelecida na Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, em Caxias do Sul/RS, inscrita no CNPJ sob nº 88.648.761/0001-03, a título gratuito, de forma definitiva, irrevogável e irretirável, os direitos autorais patrimoniais decorrentes do depoimento e/ou imagem, gravado (em áudio e/ou vídeo) ou registrado via correio eletrônico, de sua pessoa, que prestou ao(a) aluno(a) entrevistador(a): Bruna Moraes de Oliveira na cidade de Caxias do Sul em 4/11/2022 como subsídio à elaboração de seu Trabalho Acadêmico na disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II código: FBC4011AF do curso de Publicidade e Propaganda, da Área de Conhecimento de Ciências Sociais da Universidade de Caxias do Sul.

2. O(a) CEDENTE autoriza a CESSIONÁRIA a exercer, da forma como melhor lhe aprouver, o direito de utilizar, no todo ou em parte, editar, adaptar, compilar, divulgar, publicar, reproduzir por qualquer processo ou técnica, traduzir para qualquer idioma, incluir em base de dados o mencionado depoimento no referido Trabalho Acadêmico.

3. A cessão e transferência dos direitos autorais patrimoniais referentes ao depoimento objeto deste Termo serão válidas no Brasil e em todos os demais países.

4. A CESSIONÁRIA se compromete, desde já, a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionado à minha verdadeira identidade, caso seja de minha vontade, conforme assinalado nas opções abaixo, bem como não disponibilizá-lo a terceiros.

autorizo que minha identidade possa ser divulgada no Trabalho Acadêmico.

não autorizo que minha identidade seja divulgada no Trabalho Acadêmico.

5. O(A) CEDENTE vê já atendidos os direitos dispostos no art. 5º, X e XXVIII, "a", da Constituição Federal, nada podendo reclamar diante da concordância expressa nesse instrumento.

Caxias do Sul, 27 de NOVEMBRO de 2022

Valéria Scarance
(assinatura do Entrevistado/Cedente)

CPF nº: 184 094 398. 08

APÊNDICE B - ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET

Bruna: Pronto, botei gravar no meu celular e vou deixar meu celular aqui em cima do computador, aqui no cantinho, para gravar a minha voz e a tua, sim, também não vai aparecer, não vai te aparecer, não vai aparecer. Enfim, temos só o áudio da gravação. Como eu estava te falando antes, agora é que a gente vai começar oficial, a nossa entrevista. Eu sou graduanda de publicidade e propaganda na universidade de Caxias do Sul, aqui onde eu moro em Caxias. Eu estou no meu último semestre, finalizando tudo e com ele eu estou fazendo o TCC e aí como eu te falei um pouquinho no *whats*, meu TCC é sobre a violência de gênero na internet, focado em pornografia de vingança e outras violências relacionadas à intimidade da mulher. Seria basicamente nudes vazados e a repercussão que isso tem na internet, focado principalmente em *WhatsApp*, porque é rede social, que mais, agora nem tanto, agora tem o Telegram, agora tem algumas outras coisas, mas no início era a rede social onde mais acontecia isso, de as pessoas trocarem nudes. Foi praticamente ali começou com o Snap e *whats* e o Instagram essa questão de nudes e do compartilhamento de nudes, não é? Se tu puder te apresentar falar tua idade e onde tu mora, enfim.

Freya: Olá, meu nome é Freya [nome fictício escolhido pela autora a fim de preservar a identidade da vítima entrevistada], Acho muito interessante essa ideia, é uma coisa que eu trabalho com o público feminino e eu gosto bastante, é dessa parte também.

Bruna: Então tá bom, a gente pode começar com a entrevista, a gente vai começar mais focado com a internet no geral, né? E aí as perguntas, elas estão um pouco, quando eu escrevi, eu relatei elas mais com os dias de hoje, mas eu acho que contigo a gente pode falar um pouquinho mais sobre a como foi, quando aconteceu para ti, qual era a relação que tu tinha na internet durante aquela época e qual a relação que tu tem hoje pra gente poder fazer esse esse paralelo. Então eu vou fazer as perguntas e tu pode responder das 2 maneiras. Como que era para ti e como que é atualmente, ta?

Freya: Tá.

Bruna: Quais ferramentas tu utiliza para acessar a internet?

Freya: Na época era muito mais computador, era *MSN*, *Orkut*. Aí a gente utilizava o *Skype* e hoje eu uso muito mais o celular. Praticamente nem uso notebook. O uso é para trabalho e pra entretenimento.

Bruna: E com que frequência ocorria e ocorre essa utilização?

Freya: Na época que eu tinha uns 14 anos, mais ou menos, eu usava na parte da tarde que era depois da escola e a noite também que eu utilizava e hoje é o dia inteiro desde a hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir devido ao trabalho, enfim, e depois eu uso para para relaxar também.

Bruna: Sim, agora a gente está muito mais ligado com a internet. Ela evoluiu, foi evoluindo junto com essas tecnologias e nunca mais saiu da nossa vida, né? E para quais finalidades tu mais usa e usava a internet?

Freya: Na época, eu utilizava mais para jogar, para me divertir. Não era nada assim para o trabalho, pelo menos não trabalhava na época, e o máximo que eu usava assim era para coisa de escola também, para fazer algum tipo de trabalho. Mas a maioria do tempo para para jogo. Hoje eu uso uns 80% para trabalho e uns 20% para entretenimento e o dia-a-dia, no cotidiano, enfim, para conversar.

Bruna: E quais sites e aplicativos que mais utiliza?

Freya: Eu utilizava muito *MSN*, *Orkut*, *Skype* e jogos né, em geral. E hoje eu uso muito o *WhatsApp*, uso *Google Meet*, uso Instagram, *TikTok* e essas ferramentas do *Google* também que é por conta do trabalho.

Bruna: Agora é um pouquinho mais focado nas redes sociais e antigamente não tinham tantas, eram basicamente essas que tu que tu citou, que eram as redes sociais do momento. Quais eram e são agora as tuas preferidas?

Freya: A que eu mais gostava era de jogo mesmo. Assim, que eu mais conversava com as pessoas, não é? Eu usava *MSN*, *Orkut*, mas era muito mais para jogo que eu direcionava meu dia assim para para mexer na internet. Hoje eu uso muito mais o *Instagram* *MSN*, *MSN* não, *WhatsApp*, e o *TikTok* para ver vídeo assim.

Bruna: É, e com que frequência tu utiliza esses, né? Diariamente também, e a finalidade é mais trabalho, entretenimento. Tu tinha me comentado antes que é tudo muito focado, já que tu trabalha com [censurado] né algo muito. Agora, a gente tem essa possibilidade de poder fazer online.

Freya: Sim, é, eu faço todo o meu atendimento online ainda sendo presencial, não é? Então é a maior parte do tempo mesmo é para trabalho, tanto que meu contato com minhas pacientes é por *WhatsApp*, né? Então, é o maior, tem uma maior parte do tempo eu passo em relação ao trabalho aí nas horas assim vagas, que é horário de almoço, enfim, a parte da noite que eu uso é pra outras coisas.

Bruna: Agora puxando um pouco mais, falando sobre as redes sociais, mas de uma maneira um pouco mais direcionada para o lado afetivo. Tu já utilizou essas redes sociais para para flertar com alguém ou pra ter/já teve um relacionamento afetivo com alguém e conversava com essa pessoa por lá? Para manter esse relacionamento pelas redes sociais assim.

Freya: Sim, acho que desde a época que eu comecei a mexer na internet eu já tinha esses namorinhos, né? Essas coisas que eram bem mais superficiais, que a gente tinha na época do *Orkut*, a gente fazia aqueles perfis fakes, né, que o pessoal criava uma vida, né? E desde essa época que eu tinha, acho que uns 12 anos, mais ou menos isso já acontecia bastante. Aí eu sempre utilizei assim, mas eram coisas mais superficiais. Aí conforme foi passando o tempo, eu já me envolvi com uma pessoa que era relacionamento à distância, mas não deu certo. E esses aplicativos

de namoro também, há anos atrás, e também utilizei já é, mas nunca foram coisas duradouras assim, era sempre muito banalizada. Assim, não era uma coisa muito construtiva, sabe?

Bruna: Mais superficial mesmo. E sobre as redes sociais ainda. Tu já sofreu algum tipo de ataque, ameaça ou humilhação utilizando essas redes assim, não só com a pessoa com que tu se relacionava, mas no geral, dentro das redes sociais assim.

Freya: Sim, né? De formas mais indiretas. Assim, por exemplo, quando o Facebook bombava muito, aconteciam aquelas intrigas, né? O pessoal, acabava entrando no perfil e via quem você era quando eu não dava pra bloquear. Né? E aí acontece esse tipo de coisa. Eles usavam ali o que eles viam e aí acabavam taxando a pessoa. Enfim, é porque eu sou uma pessoa acima do peso, então para mim a pauta, sempre foi que eu era gorda e que isso, era uma coisa ruim, então o que eu mais acontecia em relação a isso era essa questão da gordofobia. Assim o tempo todo.

Bruna: Agora a gente já tem um pouco mais de um limite assim, mas as pessoas estão começando a entender o que é a gordofobia. Estão começando a se conscientizar um pouquinho mais. Mas lá no início da internet realmente era algo bem mais, assim, exposto, não é? As pessoas não tinham vergonha. Agora, pelo menos as pessoas pensam isso, falam isso, mas sentem aquela pontinha de vergonha que sabem que estão fazendo errado. Na época, não era algo errado, né?

E por causa desses desses ataques que tu sofreu alguma de alguma maneira tu já se sentiu diminuída porque é algo muito uma questão muito de gênero, né? Então, tu como mulher já se sentiu diminuída assim nas redes sociais?

Freya: Sim, com certeza! Porque além deles associarem com essa parte de ser gorda, também o fato de ser mulher. E aí vem aquelas questões de “ah eu sou burra eu não sei o que eu tô falando”, né? Principalmente nessas discussões bestas de post de Facebook, né? Acontecia bastante assim, então era uma coisa muito frequente que acho que antes, quando eu era mais nova, eu gostava, não é não no

que eu gostava, mas eu me envolvia muito com isso, então era como se eu precisasse estar ali me afirmando de alguma forma. Enfim, é nesse tipo de discussão, né? Mas a sempre aconteceu, era o tempo todo e as pessoas não estavam realmente nem aí, é igual você falou, era uma coisa que era sem lei. Todo mundo falava que queria e não tinha consequência nenhuma. Então isso era muito complicado, mas a maioria das vezes me sentia muito diminuída, porque juntando com as vivências que eu já tive, tanto presencial quanto na internet isso afeta, você não tem nem como evitar.

Bruna: E dentro desses jogos, porque eu sou uma pessoa que nunca fui de jogar e eu tô muito por fora deste mundo, mas eu imagino que seja um ambiente muito mais masculino do que feminino. Como era nesses ambientes assim de jogos, enfim, que sendo uma mulher.

Freya: Então eu jogava um jogo só que era mais frequente que era isso. E nesse jogo também a maioria era o público masculino mesmo, mas é era uma coisa, como eu conheci grupos muito rápido dentro do jogo, eu costumava jogar somente com eles, mas eventualmente sempre acontecia esse tipo de briga, essas coisas bestas, assim que o pessoal qualquer coisinha já era motivo para discutir, para brigar é, enfim, tinha xingamentos, né? Mas o jogo que eu mais jogava mesmo era muito frequente também ter esse tipo de violência. Era assim muito mesmo. Era uma coisa praticamente diária que acontecia que eu passava assim, que na época me afetava muito, porque eu realmente tinha esse problema todo de achar que eu que era o problema. Então é isso era uma coisa muito frequente. Aí em outros jogos que eu jogava, já não via muito isso, porque eu sempre jogava em grupo, então era fechado, não estava ali online, por exemplo, misturada com um monte de pessoas. Era mais nesse único jogo que eu jogava.

Bruna: Entendi, isso é mais para eu poder entender o contexto de como funciona, até porque, tu estando na internet há tanto tempo conectada e sempre presente, jogando, enfim, é um ambiente que eu não conhecia e para poder também citar, né esses ambientes diferentes porque a internet, eu acabei focando no trabalho mais sobre é as redes sociais, enfim, mas a internet, conectividade existe faz um tempão e as pessoas foram utilizando de maneiras bem diferentes com o tempo é

agora tu vê que esses jogos que vocês jogavam, por exemplo, já não existem mais da mesma forma, né? Agora é tipo o *Free Fire* que tu joga pelo celular, né online. Só pra ter um pouco de noção é de como foi essa experiência pra ti e Imagino que deve ter sido bem. Principalmente por ser algo que era para ter o entretenimento, passar por isso não é uma situação fácil. Mas agora passando um pouco para o para a rede social *WhatsApp*, mesmo focando um pouquinho mais, é tu tem mais ou menos a noção de quanto tempo tu utiliza o *WhatsApp*?

Freya: Olha, diariamente não é muito. Eu uso mais para umas coisas pontuais, que é mesmo para trocar mensagens de informações. Seja tanto em relação ao trabalho, quanto com coisas particulares, a minha família, os amigos. É mais na parte da noite que eu utilizo muito mais do celular que eu fico ali à disposição mesmo mexendo no mandando mensagens falando besteira. Mas ao longo do dia eu uso muito mais para trabalho, então são coisas pontuais só. Para eu mensurar assim, quanto que eu uso, eu acho que eu passo umas 2 horas por dia no *WhatsApp* acho que talvez seja até muito, mas talvez seja essa média, assim mais ou menos

Bruna: É difícil mensurar, porque a gente utiliza pingadinho durante o dia, né?

Freya: É isso

Bruna: Ao longo do da tua vida, assim, sabe mais ou menos quando tu começou a utilizar o *WhatsApp*? É difícil, também né?

Freya: Eu acho que eu comecei a usar bastante em 2015 para 2016, assim que foi quando eu comprei um celular melhor, que era esse smartphone que tinha mais espaço. Enfim, era mais fácil de mexer, mas acho que foi mais ou menos. Nessa época, 15 para 16. Ou talvez um pouquinho antes, mas com menos frequência, mas com mais frequência foi mesmo nessa época assim que eu comprei o celular melhor, e aí eu usava bastante porque era novidade, né? O *WhatsApp* era novidade, então eu usava o tempo todo porque as outras redes sociais nem bombavam tanto quanto o *WhatsApp*, né?

Bruna: O *WhatsApp* realmente bombou, muito aqui só por curiosidade, assim pra ti saber nessa época, 2015 para 2016, o *WhatsApp* no mundo bateu a marca de 500.000.000 de pessoas no mundo utilizando o *WhatsApp*. Então aqui no Brasil nessa época e bem a época que tu citou foi época que realmente deu o boom do *WhatsApp* no Brasil, ele estourou oficial, apesar de ele existir, faz um tempinho já. Ele nasceu em 2009. Assim, mas foi bombar de verdade nessa, bem, exatamente nessa época que tu falou a título de curiosidade

Freya: Legal. Não fazia ideia mesmo. Eu lembro de usar porque, mas era muito pontual, porque era na época de Galaxy pocket não é aquele galaxy bem simplezinho, vivia travando, né? Porque quase não conseguia usar, mas aí depois que eu tive Iphone, aí eu consegui mesmo

Bruna: E naquela época nesse boom do *WhatsApp* tu usava ele para qual finalidade?

Freya: Olha, eu estava na época da escola, no final do ensino médio, então não era mais para isso, assim, para ficar conversando entre os amigos, não usava para nada de importante, assim, máximo que era importante, era coisa de trabalho da escola. Era mais, isso mesmo.

Bruna: Uma realidade bem diferente.

Freya: É, aí depois que eu saí do ensino médio, aí eu entrei na faculdade, né? Aí eu usava muito mais também para conversar e para resolver coisas de faculdades. Não era nada. muito sério, assim

Bruna: Sim, sim. Agora é claro, todo mundo está presente nos grupos do *whats*, enfim, é impossível não estar em pelo menos um grupo do *whats* né? Mas, naquela época, ali, daquele boom que tu estava presente em grupos assim, mais ou menos, tu lembra?

Freya: Olha, sim, mas eram grupos menores, assim era grupo de 3 ou 4 amigos, não é? Tinha grupo, por exemplo, de sala de aula, mas era uma coisa que eu não costumava interagir muito, era mais fala pra falar coisas pontuais, mas o máximo que eu tinha era esses grupos menores e grupo de sala de aula mesmo assim.

Bruna: Agora tu está presente em claro, tenho certeza, não é? Não preciso nem ser muito próxima de ti e porque os grupos a gente é impossível, impossível, tu não está em nenhum, sabe, consegue me dizer mais ou menos quais são o conteúdo dos grupos que tu está presente assim?

Freya: Olha, hoje é grupo de família que o conteúdo é mais ou menos vídeo aleatório é aleatório, informação aleatória também umas 'cutucações'. Grupo de amigo é só besteira, não tem nada de bom, de relevante assim. Às vezes tem algumas coisas sérias, assim que o pessoal para conversar mesmo, mas a maioria do conteúdo são coisas de entretenimento. Assim, ao longo do dia você vai conversando besteira, vai falando besteira, mas nada é muito sério assim. Aí eu também tenho grupos de trabalho que é da clínica que eu trabalho. Aí lá sim é para passar informações relevantes, mas não é conversas, assim, conversa boba, conversa irrelevante, e sim a coisas pontuais, mais sérias, que tem no grupo do trabalho, mas é a maioria, é isso, assim.

Bruna: Sobre os grupos é bem isso, né? Agora a gente tem para muito mais finalidades que a gente usava logo que o *whats* saiu, falo por mim também, porque eu sou um pouquinho mais nova que tu. Então eu peguei essa fase um pouco depois, mas é realmente bem diferente esse conteúdo mesmo e no *WhatsApp* a gente é difícil nos grupos saírem conteúdos assim relevantes é a não ser que a gente esteja num trabalho que envolva grupos, né? Muito difícil.

Agora a gente vai passar. Para um assunto um pouquinho mais sério, a gente já vai passar sobre. Sobre a violência que tu sofreu. Eu vou te fazer mais umas umas perguntinhas sobre isso que não vou envolver a internet depois que a gente vai passar sobre essa questão da internet. Tu mantinha um relacionamento afetivo com o teu agressor?

Freya: Sim, não era nada muito oficial, não é igual tinha falado era Uma coisa mais superficial, mas, sim tinha essa paquera, né? Esse flerte assim.

Bruna: E antes de acontecer essa essa violência, tu notou algum tipo de comportamento diferente? É um pouco difícil de mensurar porque como tu me comentou, era mais superficial, mas de qualquer forma, tu conseguiu notar que ele estava diferente ou que alguma coisa estava acontecendo.

Freya: Olha de diferente, assim que eu pudesse é estranhar, não. Mas era como se as coisas fossem fluindo para isso, né? A paquera ficava mais séria, aí deixava porque na época a gente utilizava o Skype, né, que era por vídeo, que então a gente passava da conversa para começar a conversar pelo Skype e depois ligava o vídeo, né? Era só conversa depois ligava o vídeo. Então nesse sentido, foi isso que eu percebi de mudança. nada que eu estranhasse, era uma coisa natural que aconteceu.

Bruna: Era mais uma progressão, não é, assim, ia progredindo. E tu lembra quando ocorreu o caso e por quanto tempo que sofreu essa violência? Sim.

Freya: Olha, eu acho que o tinha uns 13 para 14 anos, mais ou menos que aconteceu isso. Desculpa, não ouvi o restante.

Bruna: Por quanto tempo estou sofreu essa violência? Se tiveram algum tipo, algum tipo de ramificação dessa violência

Freya: Olha, durar, assim, para valer, eu acho que isso durou um ano e meio. Mas foi se esvaindo, não é? No começo foi muito intenso, era tipo frequência de todo o dia que eu entrava, porque foi através do jogo, né, que eu entrava e depois, esporadicamente, sempre aparecia um ser humano lá que lembrava disso, por conta do meu nome, enfim, lembrava, não é? Remetia, ficou uma coisa conectada com a outra.

Bruna: E como foi essa violência? Assim, se tu puder descrever para mim.

Freya: Foi assim: Foi via Skype. Era devido ao jogo. Eu jogava, conheci essa pessoa no jogo e. Aí a gente costumava sempre ligar um para o outro para gente poder jogar juntos, e aí enfim, aconteceu essa parte do flerte, né? A gente acaba paquerando e aí chegou esse momento de se ver por vídeo e aí aconteceu exatamente isso, a gente começou a querer namorar, querer deixar as coisas mais quentes. Aí aconteceu tanto da minha parte, né? Eu fiquei só de calcinha e sutiã no vídeo e ele também mostrou, e tal e era mais ou menos como se fosse um *strip-tease* assim, que acontecia via vídeo, só que eu não tinha ideia de que assim eu tinha sido gravada, não é porque eu é, não tinha. Eu tinha essa noção, mas não acreditava, né? Enfim, eu não tinha maturidade suficiente para ver se a maldade na pessoa, né? E aí acabou que nesse dia que aconteceu esse vídeo, e depois, nesse mesmo contexto, eu não me lembro se foi via *WhatsApp* ou foi algum aplicativo de conversa que eu mandei uma foto também e aí nessa foto já era mais nude mesmo. E esses 2 conteúdos, tanto um print do vídeo quanto essa foto é que foram as partes mais expostas assim.

Bruna: Os materiais trocados além desse desse print do vídeo e da imagem da única imagem que tu mandou, vocês também trocaram algum tipo de mensagem escrita sobre os nudes, já que vocês estavam evoluindo na paquera vocês trocaram mensagens nesse contexto, também?

Freya: Sim, a gente trocava mensagem com mais frequência do que com vídeo né. Falando nesse conteúdo mais explícito assim a gente falava bastante, mas isso não foi exposto. O que foi exposto mesmo foi o vídeo e a foto, mas tinha mensagem bastante também, que eventualmente, eu não sei como, as pessoas também souberam que tinham mensagens também, provavelmente ele expôs também.

Bruna: E essas mensagens vocês trocavam pelo *Skype* mesmo?

Freya: É era pelo *Skype*, pelo jogo também, porque pelo jogo também tinha como mandar mensagem privada, né? não tô lembrada mesmo se eu já usava

WhatsApp na época, mas talvez algum aplicativo de mensagem, alguma coisa de mensagem a gente usava que era o que eu também falava e tinha contato com essa pessoa também.

Bruna: E quando essas imagens o print e a própria imagem que tu mandou, elas foram compartilhadas, elas sofreram algum tipo de manipulação de imagem? foi editada alguma coisa?

Freya: De primeira não. mas depois eles usaram justamente essa parte da gordofobia para me chamar de gorda e aí ficavam escrevendo na foto, ridicularizando né, mas de primeira não, foi depois ao longo do tempo. Quanto mais espalhava mais acontecia

Bruna: O discurso, como tu me falou, elas eram compartilhadas com discurso de ódio né? e esses discursos eram basicamente a questão da gordofobia isso?

Freya: Sim é, também tinha parte de “ah a mulher se expondo”, “piranha”, “safada”, todos os xingamentos né? e nesse contexto, acho que o motivo pelo qual ele expôs foi que deu errado nossa relação. Não foi de imediato, foi um pouco depois. Então ele também utilizou desse discurso de ódio, que eu era dada, que eu fazia isso pra todo mundo e não era só pra ele, então foi esse tipo de discurso que teve assim.

Bruna: Tu possui registros desse ocorrido, dessa disseminação? foi tirado algum print alguma coisa do gênero?

Freya: Não porque eu troquei muito de computador, então não tem mais nada. Como faz bastante tempo, não tenho mais nada. Realmente não tenho

Bruna: Mas na época quando tu via essa exposição acontecendo, tu registrava isso de alguma forma ou tu nem chegava a registrar num geral

Freya: Então, devido a noção que na época eu não tinha a noção que eu poderia denunciar e fazer alguma coisa em relação a isso. O máximo que eu tinha de

registro era conversar com amigos sobre o que eu tava passando, aí eu tirava print da tela da pessoa falando, mas eu nunca usei isso pra nada assim. Enfim, também perdi esses documentos né.

Bruna: É muito difícil mensurar, como tu falou ali antes que tu sabe foram o print e a imagem, mas também o discurso as pessoas souberam disso também. Então, mais ou menos tu saberia me dizer qual o alcance dessa violência, até onde ela foi?

Freya: Olha, acho que é um pouco difícil de mensurar, mas o que eu percebia é que se espalhava muito entre conhecidos de conhecidos. Não era uma coisa de uma pessoa que eu nunca vi na vida vinha falar. O que acontecia é que conhecidos de conhecidos soltavam numa conversa ali em um grupo no jogo né? e as outras pessoas pegavam pilha e começavam a falar também. Então o alcance foi nesse sentido era amigo de amigo que sabia e espalhava e as outras pessoas acabavam pegando e entrando na onda também.

Bruna: E os grupos específico de tribos que entrava era mais o pessoal do jogo mesmo né, mas tu sabe se acabou passando para outras redes sociais além disso, se espalhou a esse ponto?

Freya: O máximo de rede social que foi, foi o *Skype*. pelo jogo não dava pra mandar foto, então a foto e o print do vídeo foi via *Skype* que se espalhou. ai eventualmente o que dava pra fazer no jogo era mandar um link pra abrir a foto. Nesse sentido que passou pra outras redes sociais, mas o ponto principal era o *Skype* e o jogo.

Bruna: E como foi pra ti, eu sei que tu era bem novinha, apesar de não lembrar a idade que tu tinha, tu era bem jovem, uma criança entrando na adolescência. Como tu te sentiu quando foi exposta

Freya: Juro, só de falar me dá uma ansiedade assim. Foi um terror psicológico terrível. Eu moro em São Bernardo e essa pessoa morava em Mauá, é coisa de 40 minutos de uma cidade para outra. Aí o que aconteceu, devido a intimidade, eu não

tinha muita noção, ele tinha meu endereço e ele ameaçou mandar essa foto pros meus pais, justamente porque nossa relação não deu certo ele criou esse ódio de mim. Então o desespero maior que eu tinha é que meus pais soubessem nessa idade, eu tinha de 13 para 14 anos então esse era meu maior medo e essa era a pior parte de todas. E assim era um terror psicológico no sentido diário. Todos os dias ele sabia o horário que eu entrava no jogo, então ele fazia questão de entrar nesse mesmo horário para começar a disseminar. Pra falar pras pessoas pras pessoas também entrar pra me oprimir de diversas formas, enfim, todos esses xingamentos né? O meu medo era tomar uma proporção maior e pessoas do meu convívio presencial soubessem, então nesse sentido pra mim foi muito difícil e como eu era uma criança basicamente eu não sabia, eu não podia conversar com alguém sobre isso, o máximo era com as minhas amigas que tinham a mesma idade que eu, mas elas também não podiam conversar com ninguém, porque se contassem pras mães eles iam contar pros meus pais e aí não ia valer de nada. Então foi uma coisa que eu precisei passar basicamente sozinha né, e eu tinha muito medo de tomar proporção de chegar nos meus pais e nos meus familiares. Foi muito difícil eu ficava desesperada, eu deixava de mexer na internet pra não entrar em contato com isso. Mas depois que eu ficava uns dias sem entrar, no dia que eu entrava tava lá mensagem me ameaçando, então foi uma coisa que perdurou por quase 1 ano e meio, mas o que foi mais latente foi uns 6 meses que eu passei por isso constantemente.

Bruna: De alguma maneira teus pais e teus familiares, teu convívio próximo alguém ficou sabendo?

Freya: Não. Ninguém nunca ficou sabendo assim. Depois eu contei pra mais amigas do meu convívio presencial, mas meus pais e familiares nunca ficaram sabendo.

Bruna: E as consequências pra tua vida foi basicamente essa sensação de ansiedade e terror psicológico ou teve mais alguma coisa?

Freya: Como na época eu não tinha muita maturidade, muita consciência, foi uma coisa que eu passei sem saber o que eu poderia fazer em relação a isso, como

eu poderia lidar de uma melhor maneira em relação a isso. Não foi uma coisa que fez com que eu retraísse, com que eu mudasse minha personalidade, porque eu sempre fui uma pessoa mais aberta, mais extrovertida. Então não me afetou nesse sentido, mas no sentido de que eu amadureci com 13 anos de idade que eu não poderia confiar em homem, isso sempre foi uma questão pra mim. Então com o tempo esse negócio de mandar foto eu sempre ficava muito insegura era uma coisa muito rara que acontecia assim. Só se eu tinha muito convívio mesmo com a pessoa. O que eu mais percebo é a insegurança que eu tenho em relação a homem. Hoje eu não tenho mais isso, mas antes assim na adolescência mesmo era toda essa insegurança que era constante em relação a homem que eu tinha

Bruna: Qual foi a tua reação quando isso aconteceu, dentro do jogo, dentro do *Skype*. como foi que tu reagiu?

Freya: Eu lembro que na época eu chorava muito, era muito choro, ficava muito desesperada. Eu achava que a qualquer momento ia chegar o carteiro e ia entregar uma carta com as fotos todas ali reveladas. Era tipo um desespero, literalmente assim de achar que a qualquer momento eu ia entrar assim no fundo do poço. Então o que mais estava presente ali era o choro, eu chorava muito, muito, muito eu pensava até em parar de mexer no computador, mas eu tinha ótimas também junto comigo, então isso me deu uma certa força, o pessoal combatia também junto comigo tentava enfrentar de alguma forma, no começo era muito difícil, mas depois comecei a enfrentar, comecei deixar pra lá porque eu vi que, de fato, não ia tomar uma proporção maior, depois desses 6 meses que passou eu vi que já era, já tinha rodado o que tinha que rodar e ia parar ali, não ia se expandir mais do que aquilo, mas o começo foi muito difícil, depois eu fui lidando melhor com isso.

Bruna: E nas redes sociais, *Skype* e jogo, a tua reação era realmente sofrer e depois combater isso?

Freya: Sim, é! Normalmente eu bloqueava, algumas pessoas aleatórias me chamavam e eu bloqueava. Mas eu ignorava, só que aquilo me afetava muito. No comezinho as pessoas me mandavam mensagem falavam que eu era gorda,

principalmente no jogo que tinha como mandar mensagem privada, ai eu precisava silenciar meu privado pra ninguém me mandar mensagem porque era um bombardeio com isso, e depois eu fui lidando melhor com isso que aí eu comecei a enfrentar comecei a responder mesmo né, virei e falei 'ah é isso ai que vocês estão vendo mesmo e pronto', que tem de mais, é uma foto, depois eu comecei a enfrentar de uma maneira melhor assim

Bruna: Teve algum tipo de consequência pro teu agressor?

Freya: Não. Nenhuma. imagina, pelo contrário, ele foi glorificado pelas pessoas, né? Ah conseguiu ver o nude de uma menina, conseguiu uma foto... Ele era o maioral, né? Principalmente na época porque o jogo em si, não tinha nenhuma ferramenta de denúncia, ainda mais porque o que rolava mais era no *Skype*, e o *Skype* magina, nunca teve nada, pelo menos não do meu conhecimento em relação a denúncia, enfim, esse tipo de exposição. E eu acho também o que eu tinha muito medo é de tomar alguma providência que isso fosse parar porque eu era menor de idade né? Que isso fosse de alguma forma chegar nos meus pais, então eu preferia ficar na minha né, não tomava nenhuma atitude em relação a isso.

Bruna: E tu te arrepende de não ter feito nada na época pra punir o teu agressor, algo assim?

Freya: Olha eu não me arrependo porque eu não tinha o conhecimento, mas acho que se eu tivesse o conhecimento quando eu não tivesse tomado alguma atitude, acho que eu me arrependeria, mas acho que pelo fato de eu não ter maturidade, não tinha cabeça pra fazer alguma coisa eu não me arrependo

Bruna: E tu acha que, principalmente, ali no *Skype* que tu comentou que era onde basicamente as imagens eram expostas, tu acha que o próprio *Skype* poderia ter feito alguma coisa quanto a isso? Poderia ter impedido por ser, acredito que teu agressor também era, menor de idade, então, vocês eram todos muito novos estavam compartilhando esse tipo de conteúdo na rede social e até dentro do jogo falando sobre isso, tendo discursos que continham esse tipo de conteúdo. Tu acha que

poderia ter sido feito alguma coisa por parte dos próprios canais onde essa exposição aconteceu?

Freya: Então, que eu me lembre o suporte do *Skype* era em inglês, ele não tinha um suporte brasileiro na época. Que eu me lembre, não tenho muita certeza. Aí as denúncias eu não tinha como especificar denúncia. O máximo que tinha de denúncia era aí uma palavra de ofensa umas coisas muito mais superficiais sabe? Então não tinha como eu buscar alguma ferramenta se eu pudesse, alguma consequência de alguma forma. E também foi como eu falei, eu tinha medo de tentar buscar isso e de alguma coisa tomar uma proporção chegar nos meus pais então eu nunca fui a fundo pra saber, mas provavelmente talvez deveria ter alguma coisa, só que eu não sabia, não fui buscar a fundo

Bruna: Mas pela época que aconteceu, eu acho que realmente nem tinha porque é algo que tava muito fresco, né? Era muito anterior, era algo muito novo, acho que realmente não tinha nada do gênero, só denúncias nesse tipo de palavras de ofensa e coisas inapropriadas, não especificamente para nudes enfim, era algo que tava só começando na época, né?

Freya: É!

Bruna: Tu esperava que tivesse alguma outra resolução pra isso? Que a rede social te oferecesse algum suporte, ou que, de repente, tu tivesse algum jeito de tu denunciar ele sem que teus pais soubessem? Se tivesse uma maneira de, não é combater, mas punir, tu acha que tu puniria o que tu acha que tu faria? Tu acha que faria diferença pra ti?

Freya: Olha eu acho que se pelo jogo, apesar de que o jogo o suporte também era em inglês então dificilmente seria alguma coisa. Acho que pelo jogo que era onde os comentários eram mais frequentes, a exposição rolava pelo *Skype*, mas o sofrimento mesmo era pelo jogo. Se tivesse no sentido de punir, o que eu gostaria mesmo que tivesse acontecido é que os pais dele soubessem sobre isso e punissem ele da maneira que eles achassem melhor, que ele se afastasse desse meio que eu

tava, era isso o que eu mais queria naquela época, que ele sofresse em relação a essa perda, que ele perderia o meio que tem ali, as pessoas que ele tem, para que eu pudesse viver em paz né, pudesse jogar meu jogo em paz.

Bruna: É, aí acho que as medidas realmente teriam que ser feitas pelo jogo, enfim, aí teria que o jogo ter um suporte ou uma tradução pro suporte, o jogo mesmo teria que ter tido alguma providencia também. eu acho que no teu caso algo relacionado a idade também, né, de repente até certa idade só algumas palavras são proibidas. O jogo poderia ter realmente um suporte e um sistema um pouco mais atento, justamente porque dentro do jogo, como era um jogo de internet era voltado para um público mais jovem, enfim neste sentido poderiam ter tido maneiras para que isso não se espalhasse tanto quanto se espalhou.

Eu acho que é isso, não sei se tu quer compartilhar mais alguma coisa que tu acha que tu poderia falar, que poderia contribuir enfim

Freya: Não, acredito que seria isso mesmo assim. Foi uma coisa que acho que muitas mulheres vão passar, infelizmente, por conta de que a gente não tem esse conhecimento, ainda bem que as coisas estão mudando, que as pessoas estão sendo mais instruídas em relação a isso e hoje existem outros métodos para você ter um suporte, enfim, amparo. Mas que eu espero que as punições para que, de fato, quando isso acontecer sejam reais, que aconteça algum tipo de retorno em relação a isso, né? Porque sofrer em vão é muito difícil, é muito complicado. Tanto que enfim se passaram uns 10 anos mais de 10 anos e nunca teve solução nenhuma, ficou por isso mesmo, o tempo que se encarregou de deixar as coisas irem embora. O que eu espero mesmo é que hoje as pessoas consigam buscar, se acontecer esse tipo de situação, que elas possam buscar algum tipo de suporte e conseguir esse suporte de fato.

Bruna: É, agora a gente tem a lei Carolina Dieckmann que é feita exatamente para isso né? Que fala, acho que ela foi criada um pouco depois ali daquele boom do *whats*, que foi criada essa lei, na verdade é um complemento de uma outra lei que já punia crimes feitos na internet enfim, mas demorou bastante, realmente demorou bastante para que a justiça criasse algo que fosse direcionado para a violência de exposição da intimidade da mulher, não só da mulher, enfim, mas a gente sabe que

estatisticamente ocorre muito mais com mulher do que com homens, né? Enfim, isso existe e a justiça até tem lei para isso, mas é bem diferente existir a lei e ela ser aplicada corretamente. A gente sabe que mesmo existindo delegacias da mulher muitas mulheres sofrem violência e ainda não denunciam porque justamente existem muitos medos como o teu de meninas menores de idade contarem para os pais, ou existe muito medo de julgamento, não só dos pais, mesmo quando tu é maior de idade, enfim, o que teus pais pensam de ti é essencial o que todo mundo vai saber se tu denunciar, todo mundo vai ficar sabendo e aí sabe é algo realmente bem complicado e muito muito delicado e por isso até eu decidi fazer esse trabalho, por mais que já existam métodos de se combater, acho que a mentalidade precisa mudar e as pessoas precisam entender que isso é errado e que é uma violência né? Porque eu tenho certeza que na época, apesar de tu sofrer tanto, tanto ninguém percebia isso como uma violência, como se estivessem te violentando, apesar de estarem te violentando, né, estarem abusando da tua inocência, abusando da tua falta de maturidade, enfim, e te expondo de uma maneira absurda né? Mas enfim estamos aí na luta para que isso não aconteça mais e caso aconteça, porque a gente não tem como controlar as ações de outras pessoas que as meninas e as mulheres que sofrerem isso possam realmente, que não aconteça como aconteceu contigo, não terem esse sofrimento e não terem justiça, porque acho que essa é a pior sensação, né, de tu saber que tu sofreu 6 meses 1 ano e meio e nada ter acontecido com ele, sabe, os pais dele, assim como os teus pais, provavelmente nunca nem tem ideia de isso possa ter acontecido, né?

Freya: Sim, é verdade e o bom, acho de discutir sobre isso, de falar sobre isso, apesar de que é uma situação muito triste, muito difícil de ser falada também é que de alguma forma você tá fortalecendo uma outra mulher que quando você fala em voz alta que você passou por uma situação que seja diferente ou que seja também muito similar, isso dá forças pra outra mulher. Então acredito que seu trabalho, tá avisando que vai terminar a chamada, esse trabalho vai fornecer voz para alguma mulher de alguma forma. Que seja uma, mas que você está fazendo a diferença, entende? Então poder falar sobre isso é justamente para poder compartilhar porque eu tenho certeza que milhares de mulheres passaram pela mesma situação que eu quando elas tinham a mesma idade, então, apesar de tudo ainda ser muito sofrido,

aos pouquinhos dá pra ver que de mulher em mulher a gente tá fazendo a diferença de alguma forma. Então essa parte é muito positiva.

Bruna: Isso. É isso que eu penso também, e é muito por isso que eu quis falar contigo, né? Apesar de não ser tão focada exatamente no que eu tava focando no capítulo enfim, mas acho muito muito muito válido, extremamente válido e fico muito muito feliz e muito agradecida que tu tirou um tempinho do teu dia pra falar comigo sobre isso, pra responder as minhas perguntas, porque eu acho que vai ser muito válido para o meu trabalho e espero também que meu trabalho possa reverberar e enfim a gente possa de pouquinho em pouquinho, assim como tu falou, de pouquinho em pouquinho ir fortalecendo mulheres, enfim, fazer com que essa situação passe a diminuir com o tempo a ponto de não existir e quando exista a mulher tenha conhecimento de quais são os direitos dela e que a justiça seja feita em 100% dos casos sabe.

Freya: Sim, exatamente. Esperamos, né, enquanto mulheres que isso possa modificar de alguma forma, que a gente possa viver em paz

Bruna: Acho que é apenas isso, sabe. Que a gente possa viver em paz. De novo, sério, muito obrigada por ter participado, é realmente, vai me ajudar muito no trabalho assim. A vivência de uma mulher é muito importante, que a gente possa ouvir e falar sobre isso.

APENDICE C – PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

BRUNA MORAES DE OLIVEIRA

**MESMO VIRTUAL, VIOLÊNCIA!
WHATSAPP COMO ESPAÇO COMUNICACIONAL DE MANIFESTAÇÃO DE
VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER COMO A PORNOGRAFIA DE VINGANÇA**

Caxias do Sul

2022

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

BRUNA MORAES DE OLIVEIRA

MESMO VIRTUAL, VIOLÊNCIA!
WHATSAPP COMO ESPAÇO COMUNICACIONAL DE MANIFESTAÇÃO
DEVIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER COMO A PORNOGRAFIA DE VINGANÇA

Projeto de TCC apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
TCC I.

Orientador(a): Profa. Dra. Ivana Almeida
Da Silva

Caxias do Sul
2022

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. DEFESA DO TCC EM 2022/4	174
---	-----

LISTA DE TABELAS

Figura 1. Imagens íntimas vazadas de Elimar Reis dos Santos.....	164
---	-----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	153
1.1 PALAVRAS-CHAVE	155
2 TEMA	156
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	156
3 JUSTIFICATIVA	157
4 QUESTÃO NORTEADORA	159
5 OBJETIVOS	160
5.1 OBJETIVO GERAL	160
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	160
6 METODOLOGIA	161
7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	165
7.1 MULHER E ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA: O ÍNTIMO, O PÚBLICO E O PRIVADO	165
7.2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ATUALIDADE: VINGANÇA E PORNOGRAFIA NAS REDES SOCIAIS.....	167
8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	173
9 CRONOGRAMA	174
REFERÊNCIAS	175

1 INTRODUÇÃO

A incidência de casos de exposição da intimidade feminina sem consentimento no âmbito digital é notável, um método de violência contra a **mulher** aplicado majoritariamente por homens que se materializa no compartilhamento de **imagens íntimas**. Este ato de agressão torna-se cada vez mais comum desde o advento das **redes sociais**, principalmente por sua atual facilidade de acesso e propagação. Em decorrência deste fato, o termo Pornografia de Vingança, tradução de revenge porn, foi popularizado por nomear a partir de sua definição essa prática de divulgação sem autorização, sobretudo, na internet.

As **redes sociais** e a internet em si abrem margem para diversas interpretações e, ao mesmo tempo, são abrigo para todo e qualquer tipo de informação. Apesar de suas constantes evoluções, estes podem ser considerados espaços de comunicação relativamente novos, principalmente as **redes sociais**, e, por isso, ainda se faz necessária sua exploração nos planos econômico, político, cultural e humano (LEVY, 1999), exploração essa que visa responsabilizar tais atos ofensivos para preservar a imagem e principalmente a privacidade da **mulher** nesse meio.

Diante dessa premissa de distribuição de informações on-line em paralelo com o desenvolvimento das relações interpessoais que o surgimento de smartphones, por exemplo, proporcionou, novas formas de interação como o sexting, expressão em inglês que representa o envio de **imagens íntimas** na internet, ocuparam este espaço e tornaram o ambiente cada vez mais inóspito para a liberdade de **mulheres**, que historicamente são vistas como submissas e propriedades masculinas.

Dados retirados da ONG Safernet Brasil (2021) registram que no ano de 2020, **mulheres** foram a maior parte das vítimas do vazamento de conteúdos íntimos, além da exposição de **imagens íntimas** sem consentimento liderar o ranking das principais violações contra direitos digitais, segundo denúncias enviadas por chat e e-mail para a organização. No ambiente digital, as pessoas têm a liberdade de escolher o que querem compartilhar, quando, onde e com quem, estabelecendo limites dentro dessa troca. Entretanto, não se pode garantir que todas as informações contidas na internet estão seguras, uma vez que a busca para um melhor desempenho dessa rede é contínua. Dito isso, quando há um vazamento de conteúdos íntimos, principalmente de teor explícito e sexual nesse meio, sua disseminação ocorre rapidamente, sendo

alocado em websites, blogs e canais de todos os assuntos possíveis – e quanto mais delicado o conteúdo desse material, maior o interesse comum em consumi-lo.

A partir deste contexto, o compartilhamento de **imagens íntimas** entre pessoas via *WhatsApp, Instagram, Facebook, Telegram, Snapchat* e outros canais de comunicação on-line tornou-se corriqueiro, algo que não geraria grandes conflitos se estes não excedessem a linha intangível que demarca os espaços **privado** e **público**, afinal, a intenção nos aplicativos de interação é partilhar a mensagem apenas a quem se estabeleceu previamente pela pessoa que está se expondo. O propósito por trás do compartilhamento deste material se dá por inúmeros motivos que podem ser aprofundados e entendidos, mas não tolerados, já que a premissa seria manter o conteúdo **privado**. Entretanto, com a distribuição do conteúdo diretamente para o espaço **público**, entende-se que as consequências dessa prática devem ser estudadas para compreender o papel das **redes sociais** nesta relação, principalmente como facilitador de distribuição.

Após uma análise das informações relatadas, questionamentos são levantados: até que ponto conteúdos íntimos podem e devem ser vistos por outros, além da(s) pessoa(s) a quem foram confiadas? Apesar de serem inseridos em um ambiente pouco confiável como as **redes sociais**, a internet possui, dentro de cada país, uma série de leis para prevenir e, principalmente, julgar a quem possa desrespeitá-las, já que casos de vazamento de **imagens íntimas** se tornou um tanto quanto habitual no dia a dia cibernético. Onde fica o limite entre o íntimo, o **público** e o **privado** quando se trata da divulgação de imagens e vídeos privados, sobretudo de **mulheres**, no espaço virtual? Em que ambiente comunicacional essa situação se insere? Eticamente, qual o papel da comunicação e do comunicador dentro dessa circunstância?

Este projeto de pesquisa objetiva estudar maneiras para futuramente responder essas perguntas em um trabalho de conclusão de curso partindo de uma visão comunicacional, procurando debater a influência do espaço cibernético para a disseminação de materiais de cunho sexual, os métodos utilizados ou não para reprimir o agressor e o apoio prestado ou não à vítima do crime sofrido, que comprovadamente sofre com danos irreparáveis em sua vida.

O ato de agressão citado na pesquisa é considerado um crime de violência contra a **mulher**, violência esta que não se concretiza em pancadas ou atentados físicos contra sua integridade, mas busca a humilhação e o constrangimento da vítima.

Tal ato pode ser classificado então como uma violência simbólica, justamente por não ultrapassar os limites do ataque psicológico. O tema da violência simbólica será abordado na pesquisa com a finalidade de entender sua aplicação na prática da divulgação das **imagens íntimas**, pensando também na análise do discurso envolvido nessas imagens.

Para a elaboração do futuro trabalho de conclusão de curso, é necessário entender todas as questões em torno do discurso, da violência simbólica, dos domínios públicos e privados e das **redes sociais** envolvidas, principalmente o WhatsApp, na exposição sem consentimento de **imagens íntimas** da **mulher** na internet.

1.1 PALAVRAS-CHAVE

Mulher; privado; imagens íntimas; público; redes sociais.

2 TEMA

A exposição da intimidade feminina em tempos de redes sociais.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O compartilhamento de imagens íntimas da mulher na rede social *WhatsApp* pelo olhar da violência envolvida em discursos como o da Pornografia de Vingança, buscando paralelos entre os espaços íntimo, público e privado na sociedade e debatendo o papel do canal de comunicação envolvido.

3 JUSTIFICATIVA

Historicamente, mulheres são conhecidas e tratadas por serem posse, propriedade e responsabilidade dos homens a quem são designadas. Apesar de ser dividido em três grandes momentos, o movimento feminista surgiu pela primeira vez no século XIX e desde então luta para que essa situação seja revertida e essas mulheres possam viver com mais dignidade. Muitos direitos foram conseguidos até o momento: trabalho, voto, carteira de motorista, divórcio..., mas a luta vai muito além disso. Independentemente das conquistas, a batalha ainda não terminou. Dados comprovam que a violência contra a mulher ainda é um dos crimes mais cometidos no Brasil: por hora, 30 mulheres sofrem agressões físicas, revela a pesquisa feita pelo 14o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020). A mesma instituição indica que uma mulher é estuprada a cada 8 minutos e, em 2018, 3 mulheres foram assassinadas por dia, vítimas de feminicídio. Apesar dos dados serem agressivos, essa é a realidade vivenciada pelas mulheres do país.

Com a constante evolução que a globalização proporcionou, as formas de violência evoluíram e puderam também se adaptar à atualidade. De acordo com a pesquisa Indicadores Helpline: Atendimentos Sobre Violações de Direitos Humanos na Internet (SAFERNET BRASIL, 2017), mulheres são vítimas em 70,5% dos casos de sexting e exposição de conteúdo íntimo na internet. Mesmo que esta não seja sua intenção, as redes sociais acabam sendo mais um canal de opressão e agressão às mulheres, sendo tão ultrajante que resultou em uma expressão de violência: a Pornografia de Vingança.

Diante desta situação inaceitável, se faz necessário um estudo que entenda a responsabilidade dos meios de comunicação, em especial, as redes sociais, quanto à exposição da intimidade feminina. Mulheres possuem o direito de expressão e não deveriam ser sujeitas à tal circunstância por nenhum meio. Além disso, é fundamental que haja uma responsabilização aos agressores responsáveis pela divulgação de imagens íntimas sem consentimento.

O atual projeto de pesquisa visa levantar bibliografia para, em um segundo momento, no trabalho final, entender o porquê dessa situação ser cada vez mais recorrente e os canais responsáveis por sua divulgação, as redes sociais, se isentarem desta infração que é considerada crime em diversos países, incluindo o Brasil.

Cabe à mulher o direito de compartilhar ou não sua intimidade. Por isso, o trabalho que será feito em sequência também procurará analisar a relação entre as informações íntimas e pessoais, aprofundando o estudo em imagens, que vazam na internet pelas mãos de pessoas mal-intencionadas que possuíram acesso a tal, através da plataforma de interação digital *WhatsApp*.

O ambiente comunicacional em que o íntimo, o privado e o público se inserem no contexto da violência simbólica contra a mulher através da divulgação de suas imagens íntimas na internet será abordado no trabalho, sendo o campo da Comunicação a principal base de estudo. Esta abordagem foi escolhida baseada na escassez de estudos sobre o assunto dentro da área, porém, trabalhos realizados pela visão da Ética, do Direito e da Psicologia também serão ser vistos e citados – como exemplo, o artigo científico *A violência contra a mulher no ambiente digital*, de Menin et al. (2019), que analisa essa violência partindo do ponto de vista legislativo, empregando e explicando leis brasileiras que atuam julgando casos do gênero.

Como mulher, estudante de Publicidade e Propaganda e futura profissional da área, é do entendimento desta aluna que a discussão desse projeto precisa ser desdobrada para que a violência contra a mulher no ambiente cibernético torne-se um cenário cada vez mais enfraquecido até o momento em que seja dissipado, estendendo-se no intuito de ultrapassar os limites do acadêmico para se tornar um grande debate dentro da sociedade. O presente projeto possui um propósito maior, de poder abrir portas para esta discussão dentro da Comunicação e, principalmente, encontrar uma solução para tais situações inconcebíveis no contexto atual, onde o movimento feminista ganha espaço e evolui progressivamente dia após dia.

Muito mais que apenas um projeto de pesquisa, a intenção é contribuir para tornar o mundo um lugar mais igualitário onde a mulher, como a autora deste trabalho, possa ser protagonista de sua própria história sem medo de ser exposta no meio digital – ocorrência que para muitas, principalmente publicitárias, pode prejudicar até os campos acadêmico e profissional, já que, atualmente, a internet é grande parte da vida da mulher que trabalha com comunicação.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Quais seriam os novos contornos envolvendo a exposição da privacidade feminina a partir da divulgação de imagens íntimas nas redes sociais, especialmente a partir do *WhatsApp*?

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Entender a manifestação de conteúdos íntimos de mulheres no aplicativo *WhatsApp*, na busca de aspectos que envolvem dinâmicas de violência simbólica como a Pornografia de Vingança neste espaço específico de comunicação, trazendo um cenário sobre os novos contornos da exposição da privacidade feminina a partir da divulgação de imagens íntimas nas redes sociais.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Estudar os conceitos de íntimo, privado e público, suas relações com a história da mulher e como espaços para manifestações de hostilidade e violência contra ela.

b) Conhecer de forma mais aprofundada o conceito da rede social *WhatsApp*, estabelecendo relações com o íntimo, o privado e o público e suas potencialidades, especialmente como espaço de exibição.

c) Apreender o conceito de violência simbólica, aplicando à noção dos discursos de opressão à mulher existentes nas redes sociais atualmente, como a Pornografia de Vingança.

d) Analisar as formas de exposição de conteúdos íntimos de mulheres na internet, especialmente a partir de casos específicos presentes na rede social *WhatsApp*.

6 METODOLOGIA

O presente projeto busca aprofundar o tema de violência contra a mulher nas redes sociais, através de pesquisas exploratória e bibliográfica a partir de um viés qualitativo. Antes de destrinchar tais processos, precisa-se entender a importância da metodologia para o melhor desenvolvimento do estudo, utilizando-se de dados e métodos específicos e já estabelecidos. Gerhardt; Silveira (2009, p. 12) analisam a metodologia através da definição de autores do gênero de Fonseca (2002) como “o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência.”

O método qualitativo de abordagem será majoritariamente aplicado ao trabalho, sendo fundamental para a análise e o aprofundamento da qualidade dos dados apresentados, em sua grande parte intangíveis, para a total compreensão do assunto. Essa técnica é utilizada com a reunião de informações de diversas ordens, teorias e autores juntamente com uma análise subjetiva da presente autora relacionando o apanhado de referências coletadas, a fim de encontrar uma conclusão satisfatória sobre o assunto escolhido – neste caso, a exposição da intimidade feminina nas redes sociais.

Para o melhor entendimento do estudo aborda-se a pesquisa exploratória no trabalho, seguindo o viés qualitativo e visando a familiarização do objeto de estudo tanto pelo leitor quanto pela autora, já que o tema da violência contra a mulher no meio digital não é muito referido no campo comunicacional. Dentro da pesquisa exploratória, também se trabalha com a pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Além disso, o método do estudo de caso pelo viés da abordagem múltipla será utilizado na segunda fase do trabalho para analisar determinados episódios de exposição da intimidade da mulher que ocorreram especificamente na rede social WhatsApp, com a intenção de investigar seu mecanismo e implicações. O autor Robert Yin (2001, p. 33) explica o estudo de caso como uma “estratégia de pesquisa

compreende um método que abrange tudo - com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados.”

Para trabalhar com os métodos de pesquisa citados anteriormente, o trabalho contará com fontes primárias de pesquisa, coletadas na segunda fase do trabalho, cruzadas com dados secundários, principalmente trabalhos, livros e artigos que dissertam sobre o assunto em diferentes campos das Ciências Sociais, como o Direito e a Psicologia, por exemplo.

A netnografia será empregada como apoio à metodologia da pesquisa durante a fase seguinte do trabalho, tendo em vista que a internet será a maior fonte de dados deste. De acordo com Kozinetz (2014, p. 61-62), “A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo on-line”, ou seja, basicamente um estudo de campo aplicado à realidade virtual, onde a internet é o ambiente utilizado para observação e atuação do autor para a captação de dados qualitativos, estatísticas descritivas e outras tantas bases de pesquisa originárias de qualquer método etnográfico, como esse. No caso da pesquisa em questão, a aplicação será realizada a partir de grupos na rede social *WhatsApp*.

Um debate sobre discurso também entrará no trabalho a partir de interpretações acerca de imagens e vídeos íntimos, a fim de trazer uma análise das representações e características singulares desse tipo de mídia no âmbito da comunicação digital. Mais do que apenas gramatical, o autor Pierre Bourdieu (2008) elucida as principais questões a respeito do discurso e suas interpretações:

A gramática define apenas muito parcialmente o sentido, e não é na relação com um mercado que se opera a determinação completa do significado do discurso. Uma parte, e não a menor, das determinações que constituem a definição prática do sentido se transfere de fora automaticamente para o discurso. (BOURDIEU, 2008, p. 24)

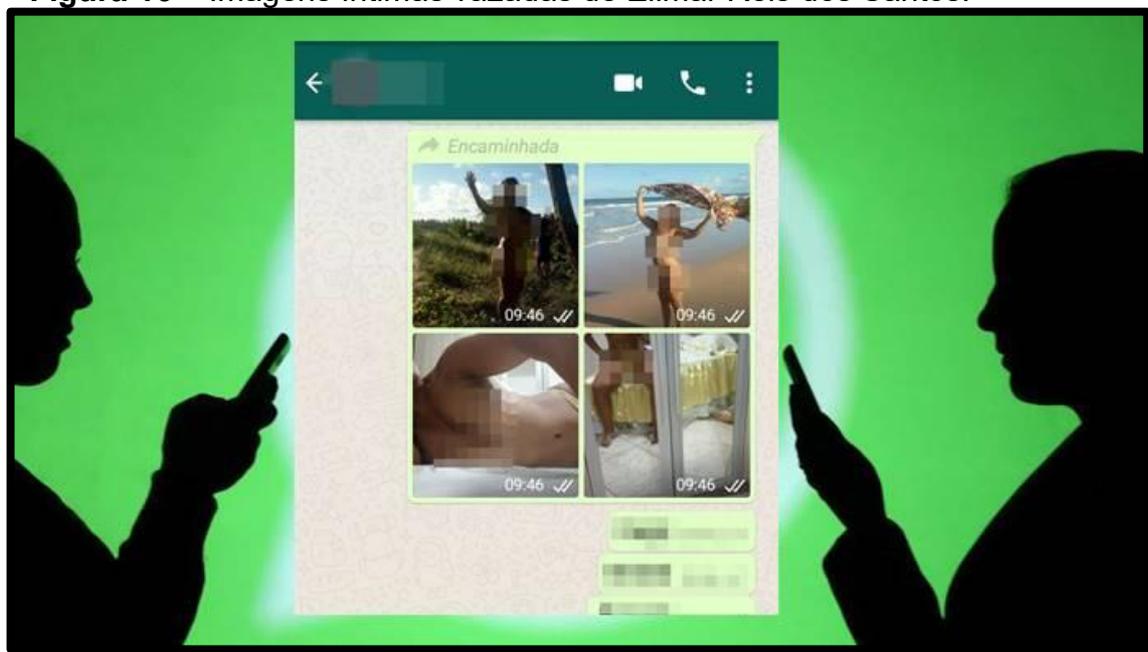
Além dos debates sobre discursos, o trabalho também contará com as referências de Bourdieu (2014) quanto ao conceito de violência simbólica, descrito pelo sociólogo como uma forma de coação que independe de agressão física, ocorrendo de maneiras sutis que muitas vezes sequer são percebidos como uma violência, entretanto, causam danos morais e psicológicos em suas vítimas e podem ser até mais letais que a própria violência física. A violência simbólica afeta suas vítimas através do exercício do poder simbólico do agressor, demonstrando sua superioridade com reconhecimento social, econômico ou cultural, por exemplo. No presente estudo, esse método de ataque é representado através da exposição sofrida

pela mulher, geralmente por uma figura masculina próxima a ela que utiliza de suas imagens e vídeos íntimos para afirmar sua masculinidade e dominação sobre ela, como uma forma de opressão e agressão simbólica – já que não ocorre de forma física.

O compartilhamento de imagens e vídeos íntimos de mulheres por parceiros/conhecidos será abordado no contexto comunicacional, sendo a rede social *WhatsApp* o principal cenário deste crime. Essa exposição da intimidade da mulher será analisada através de imagens e principalmente relatos, considerando os fundamentos de discurso e violência simbólica e inserindo-os no campo da comunicação para entendê-los e compreender também as responsabilidades do meio em que este está inserido – no caso, a rede social, pois o agressor que comete o crime apenas o faz porque a plataforma isenta-o da culpa, não interferindo no processo da difamação da vítima.

Um dos exemplos que poderão ser abordados futuramente no trabalho é o de Elimar Reis dos Santos, enfermeira e empresária de Simões Filho, na Bahia, que teve fotos íntimas compartilhadas no *WhatsApp* (figura 1) por um conhecido, após vender seu aparelho celular para ele. Mesmo não sendo um ex ou parceiro atual de Elimar, o agressor conhecia-a e, sendo essa a intenção ou não, acabou atingindo-a e levando consequências terríveis para a vida da empresária, que precisou se ausentar de seu comércio tamanha era a humilhação causada pelo ocorrido, já que imagens dela nua e montagens viralizaram em grupos pela rede social (BRANDÃO, 2018). Diante dessa situação, a vítima foi lesada e o responsável pelo constrangimento julgado, mas a ferramenta utilizada, que possibilitou que o crime pudesse ocorrer, o *WhatsApp*, foi citado apenas como canal de compartilhamento. Apesar de casos como esse serem frequentes, a rede social continua sem se posicionar nem se responsabilizar por fazer parte do processo. Por isso, futuramente o trabalho também abordará a ética da comunicação e o papel do *WhatsApp* na referida situação.

Figura 16 – Imagens íntimas vazadas de Elimar Reis dos Santos.



Reprodução: Simões Filho Online. Disponível em: <https://simoesfilhoonline.com.br/empresaria-tem-imagens-vazadas-no-whatsapp-apos-vender-celular-simoes-filho-entenda-caso/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Elimar e suas fotos vazadas através do *WhatsApp* (figura 1) é apenas um dos exemplos que serão tratados no segundo momento do trabalho, onde o foco será entender o papel da rede social envolvida, a violência simbólica e o discurso presentes nesse contexto de violência contra a mulher contemporâneo.

7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

7.1 MULHER E ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA: O ÍNTIMO, O PÚBLICO E O PRIVADO

Ser mulher exige muita responsabilidade e força de vontade. Considerando a visão deturpada que fora construída em cima da feminilidade, toda e qualquer pessoa que se intitula mulher passa por certos julgamentos e estereótipos, elaborados pelo dito conjunto da civilização. A autora Buzzi (2015), em sua monografia, destinou um subcapítulo para definir o contexto histórico-social das diferenças na estruturação dos gêneros masculino e feminino. Com enfoque na desvalorização e distorção da posição em que foram incluídas as mulheres na sociedade, ela define que “não há destino biológico ou psíquico que defina a forma assumida pela mulher na sociedade. Ao contrário, é o conjunto da civilização que elabora o que será entendido por masculino, e o que será visto como feminino.” (BUZZI, 2015, p. 17), baseando-se na famosa frase da teórica francesa Simone de Beauvoir (1967), que elucida em poucas palavras a dissociação do gênero biológico à pessoa que exerce o papel da mulher, já que ser mulher é muito mais do que assumir tal forma física.

Betty Friedan (1971) analisou na obra “Mística Feminina” a pacata vida da mulher estadunidense, taxada a almejar um marido e um lar com muitos filhos - análise esta que pode facilmente ser adaptada a mulheres de diferentes etnias e nacionalidades:

Todos [colunas, livros e artigos de especialistas sobre a mulher e para a mulher da década de 1950] afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade. (FRIEDAN, 1971, p. 17)

Entretanto, foi a partir de pesquisas como as que Friedan desenvolveu que se iniciou um movimento de olhar para a incumbência da mulher dentro da estrutura da sociedade como uma pessoa capaz de conquistar sua independência, escolher seu futuro profissional, estudar e desenvolver assuntos acadêmicos complexos e lutar por todos os direitos políticos, econômicos e sociais defendidos pelas feministas desde o início do movimento. Apesar desse novo olhar, novos desafios passaram a fazer parte do cotidiano feminino. Wolf (1992, p. 12-13) sustenta que “À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social.”

Levando em conta o espectro de arquétipos que se estabeleceu com o mito da beleza, a aparência da mulher então começou a ser avaliada e julgada pela sociedade como algo essencial e imprescindível para sua existência, principalmente pela parcela masculina que, com essa opressão, acabou por influenciar diversas gerações de mulheres a se verem e tratarem-se de maneira sexualizada e disfórica. A comunicação publicitária possui um histórico extremamente negativo quando se trata deste assunto, já que moldou uma relação de poder visando a autoridade masculina e a subordinação feminina. Publicidades em revistas, por exemplo, atrelam até hoje essa narrativa a marcas que vendem luxo, poder e status. Vilas Boas (1996) define que o conteúdo que compõe a redação de revistas no que tange à temática e estilos é mais liberal, já que não se preocupa com investigações e respostas, como o jornalismo diário. Sua maior missão, no entanto, é conseguir uma rápida e mais eficiente adesão ao mercado, visando uma padronização do tópico escolhido à sociedade. A liberdade designada a esse meio de comunicação desencadeou ainda mais opressão e a perpetuação do mito da beleza, uma vez que a sexualização dos corpos femininos chama atenção e vende. Sendo assim, a dita sexualização nas revistas nada mais é do que a porta de entrada para abusos e a dominação da mulher.

Com isso, adentramos a conjuntura das violências vividas pela mulher. Na situação citada anteriormente, a violência simbólica é retratada. Saffioti (2004, p. 67), tratando das violências sofridas pela mulher contemporânea, entende que “As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo para a moral.”

Depois de percorrer toda essa linha de pensamento que visa exemplificar e elucidar o histórico de estereótipos e agressões cometido a mulheres, o projeto que antecede o trabalho de conclusão de curso e o futuro trabalho em si abordam a questão da vida íntima feminina, que por vezes acaba sendo explorada e divulgada de forma pública, sem consentimento prévio, por outrem. Pode ser em revistas, anúncios, publicidades e muitos outros exemplos, mas o projeto em si aborda a questão da divulgação das imagens íntimas da mulher na internet, em geral praticadas por um homem presente em sua vida, como amigo, familiar e principalmente parceiros e/ou ex parceiros em relacionamentos afetivos e sexuais.

Segundo Moraes (2007), a dignidade do indivíduo está diretamente relacionada ao direito à vida privativa, à honra e à intimidade, sendo

incongruente a divulgação ou utilização de assuntos pessoais que não possuem finalidade pública. Deste modo, não há questionamentos acerca da publicação de imagens ou fatos apelativos, ofensivos, dispensáveis para o interesse público, que ocasione detrimento injustificado à decência humana, sendo autorizada a indenização por agravos morais e materiais. (MORAES, 2007, apud MARTINS; SOUZA, 2016, p.130)

O fato de mulheres serem vistas como um objeto de submissão às ações dos homens facilita a fragmentação da mulher como pessoa e produto. Entendendo a vítima como uma posse, o agressor não mede forças para atingir o seu psicológico como se fosse seu dever e obrigação, arrebatando então todos os direitos de privacidade e independência conquistados pela classe feminina. Tal ato de violência pode ser considerado uma onda de retrocesso em um mar de progressos conseguidos na luta feminista e será estudado com a intenção de encontrar formas de interrupção à essa realidade.

7.2 VINGANÇA E PORNOGRAFIA NAS REDES SOCIAIS: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ATUALIDADE:

O novo momento de interatividade que a sociedade despretensiosamente imergiu com a naturalização da internet nos anos 2000 resultou em um ambiente onde toda e qualquer informação pode movimentar-se em uma velocidade antes inimaginável. Este fluxo funciona muito bem em campos como o acadêmico, devido à sua grande quantidade e possibilidade de armazenamento de informações, mas esse mesmo exemplo acaba não sendo positivo em outros aspectos, principalmente quando se fala em conteúdos íntimos. Na internet, mais especificamente nas redes sociais, qualquer pessoa consegue usar o seu livre arbítrio para compartilhar qualquer tipo de informação, sem nenhum tipo de filtro. Os autores Miguel; Meireles (2021, p. 315) afirmam que o ciberespaço, em sua definição, deveria ser um instrumento de consumo muito mais do que um objeto de autoexpressão, como vem sendo definido e utilizado.

A partir desse entendimento, a exposição de materiais de teor íntimo sem consentimento não pode e nem deve ser considerado um movimento de autoexpressão, mas sim de violência.

Quando se pensa em atos violentos, automaticamente associa-se a violência física, geralmente corporal, em um ambiente concreto como uma casa, rua ou terreno. Entretanto, o meio virtual também pode ser morada para diversos tipos de violência, não à toa denúncias anônimas de crimes cometidos pela internet mais que dobraram

no Brasil, na comparação feita entre os anos de 2019 e 2020 (SAFERNET BRASIL, 2021). As estatísticas de violência contra a mulher na internet são tão alarmantes quanto: mulheres são cerca de 70,5% dos casos de sexting e exposição de conteúdo íntimo (SAFERNET BRASIL, 2017).

Para Menin et al. (2019, p. 60), a internet é um reflexo da realidade palpável, portanto absorve todas as opressões ocorridas para tal:

As facilidades decorrentes do uso desse mecanismo revolucionário [internet] não escondem as incertezas quanto à segurança no mundo midiático, uma vez que o ser humano, ao se tornar paralelo ao crescimento virtual, acabou por transpor a violência do mundo externo para o interno, de modo que parte da população dada como minoria se tornou oprimida tanto fora do mundo virtual quanto dentro dele. [...] As mulheres são mais suscetíveis a arcar com as constantes agressões no meio digital, visto que a violência gerada pelos usuários torna o ambiente virtual como lugar inóspito para elas, uma vez que ao adentrarem como usuárias, as mulheres são submetidas à chamada hierarquia de gênero, de modo que se tornam vítimas de crimes cibernéticos que podem variar de uma divulgação de fotos ou vídeos privados a distribuição de sexo explícito não autorizado. (MENIN et al., 2019, p. 60),

Dentro deste contexto, a violência contra a mulher é adaptada para os meios em que se é executada. Nas redes sociais, o fenômeno chamado “Pornografia de Vingança” ganha força com a facilidade em que parceiros e ex parceiros afetivos, em sua maioria homens, conseguem expor a intimidade da outra parte envolvida. Também conhecida como Pornografia de Revanche, essa modalidade de agressão às mulheres vem da expressão em inglês “*Revenge Porn*” e é caracterizada por Mocho (2016, p. 14) como “imagens íntimas consensualmente entregues a um parceiro que posteriormente as distribui sem o seu consentimento.”

Num mundo virtual, onde todos têm seu espaço para compartilhar suas ideias, realidades e aspirações, há também espaço para a mentira, corrupção e a crueldade. O *Revenge Porn* ganha força total com o advento da tecnologia, a qual impulsiona ainda mais o compartilhamento de momentos que deveriam ser íntimos, para o público, pautando-se na impunidade atual para esse tipo de crime. Uma vez na internet, nunca mais poderá ser apagado. Essa é a realidade de uma vítima de Pornografia de Vingança. Nunca mais ela terá paz, pois em algum momento em seu futuro sua foto, ou vídeo poderá ressurgir. (MOCHO, 2016, p. 14-15)

O agressor que comete a Pornografia de Vingança tem o intuito de constranger e culpabilizar a vítima, que é geralmente a mulher, com a divulgação de conteúdos íntimos. Justamente por conter esse viés vingativo que “ocorre mais frequentemente na fase de término dos relacionamentos afetivo-sexuais” (FLACH; DESLANDES, 2017, p. 10). Tal ato é praticado no momento em que fotos e vídeos

Íntimos são disponibilizados na internet por uma das partes envolvidas em um relacionamento afetivo-sexual que chegou ao fim, conteúdo esse gerado e compartilhado entre os envolvidos enquanto a relação ainda estava em vigência. Considera-se Pornografia de Vingança quando a pessoa que é exposta não consente essa divulgação – e geralmente essa pessoa é uma mulher.

Uma outra maneira de reverberar essa violência nas redes sociais é o ato do *sexting*, termo que surgiu na junção das palavras *sex* (que significa sexo) e *texting* (trocar mensagens de texto), também em inglês, já que foi popularizado nos Estados Unidos baseando-se na troca de textos, imagens e vídeos íntimos de conotação erótica entre duas ou mais pessoas, podendo ser consensual ou não. Flach; Deslandes (2017, p. 10) afirmam que “o *sexting* como prática consensual não é designado como uma violência, todavia, sua postagem não consentida constitui, como forma de revenge porn, um tipo de abuso digital nas relações afetivo-sexuais.”

Como consequência dos crimes citados anteriormente, muitas mulheres têm sua carreira, seus relacionamentos afetivos ou não e basicamente sua vida comprometida “[...] por pessoas que tiveram algum laço afetivo com a vítima, como companheiros, cônjuges ou amantes.” (SOUZA; SILVA, 2020, p. 105)

O futuro trabalho pretende analisar casos e expor essa trágica maneira em que a privacidade da mulher é atacada por um terceiro que, geralmente após o término de um relacionamento mal resolvido, decide externar sem consentimento esses arquivos compartilhados entre vítima e agressor num momento de confiança, com a finalidade de atingir a moral e o psicológico dela no núcleo da intimidade das partes envolvidas no caso.

7.3 ESTUDO DE CASO: PORNOGRAFIA DE VINGANÇA NA REDE SOCIAL WHATSAPP

A partir de 2009, o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* adentrou territórios brasileiros como uma forma inovadora e, principalmente, gratuita de trocar mensagens rápidas, solução para os brasileiros que pagavam tarifas absurdas das operadoras de celular com a mesma finalidade. Não é à toa que há no Brasil cerca de 120 milhões de contas, ficando apenas atrás da Índia e se consagrando como o segundo país no mundo com mais usuários no *WhatsApp* (STATISTA, 2021). Desde sua popularização no país a multiplataforma apenas evoluiu, sendo possível fazer ligações por áudio, vídeo, compartilhar momentos no “status” e até mesmo transferir

dinheiro, em uma recente atualização. Além disso, “Ele está disponível para *smartphones, iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia. WhatsApp* é um trocadilho com uma expressão da língua inglesa *What's Up?* (E aí?).” (SOUZA; ARAÚJO; PAULA, 2015, p. 140). Porém, nem só de vantagens vive a rede social. Assim como outras desse segmento, como *Facebook Messenger* e *Telegram*, por exemplo, no *WhatsApp* também não há um controle de quais são os conteúdos compartilhados entre seus usuários. A política da plataforma se responsabiliza somente com a lei LGPD de proteção de dados, como todas as empresas vigentes no Brasil, e oferece através de uma central de ajuda auxílio com os principais tópicos de dúvida dos usuários, mas nada muito específico quanto à exposição e compartilhamento de conteúdo explícito de suas contas. (WHATSAPP LLC, 2021). Para evitar o encaminhamento em massa de informações, principalmente em grupos, a plataforma também em atualizações recentes definiu um limite de encaminhamentos para seus conteúdos, de forma em que as mensagens, originadas em forma de texto, áudio, imagens ou vídeos, podem ser encaminhadas no máximo para 5 pessoas, ou, caso já seja uma mensagem encaminhada com frequência, esse limite diminui apenas para uma pessoa. Entretanto, essa estratégia não é muito eficiente por ser facilmente burlada. No caso de uma mensagem de texto sem limite de encaminhamentos, é só copiar e colar no chat da pessoa desejada. Com fotos e vídeos é tão simples quanto: salva-se o conteúdo no celular e envia-se como se fosse algo novo, para quantas pessoas desejar.

Por esse e outros motivos, não é recomendado a utilização da rede social para compartilhamento de arquivos íntimos e pessoais - apesar de este aviso não impedir ninguém de tal ato. No contexto da exposição da intimidade feminina, o *WhatsApp* é um dos aplicativos mais escolhidos para o compartilhamento em massa de imagens e vídeos íntimos, principalmente em grupos compostos majoritariamente por homens - inclusive, existe uma rede de grupos somente com essa finalidade, alguns deles até pagos. A multiplataforma possui um formato diferenciado, já que seu propósito é ser uma rede de conversas privadas. Dito isso, não é de se estranhar que esses grupos sejam criados dessa forma, sem nenhum tipo de empecilho, uma vez que a ferramenta não exige critérios para a criação destes.

Considerando esse cenário, o *WhatsApp* não checa e também não disponibiliza dados da própria multiplataforma para serem analisados - mesmo que sejam assuntos antiéticos - por fugir do projeto inicial da rede. Entretanto, algumas

pesquisas foram realizadas para mensurar esse tipo específico de divulgação e violência contra a mulher na rede. As autoras Souza; Silva (2020, p. 108) analisaram alguns casos de mulheres que tiveram suas imagens íntimas expostas na internet: “O principal meio de divulgação [de imagens e vídeos íntimos] foi o *WhatsApp* (42%), todavia, foram elencados [na pesquisa] outros como sites pornográficos, murais da escola e diversos aplicativos da internet”. Como consequência, no Brasil, a Lei 13.718/18 foi modificada com o art. 218- C:

Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave. (BRASIL, 2018).

Dentro dessa lei, também está inserida implicitamente a criminalização da Pornografia de Vingança. Nada mais justo que a repercussão dessa disseminação sem consentimento, que viola os direitos da mulher, seja punida.

Além disso, de acordo com um estudo realizado sobre o processo de disponibilização de conteúdo íntimo sem consentimento por Borrajo et al. (2015 apud FLACH; DESLANDES, 2017, p. 5) “verifica-se que mais de 50% dos casos relatados de abusos digitais ocorridos nos relacionamentos afetivo-sexuais foram praticados via serviço de mensagem ou aplicativos de mensagens, como *WhatsApp*.”

Sendo assim, relações íntimas interpessoais possuem ainda mais impacto na vida da vítima e estes acontecem com certa frequência, tratando-se dos acontecimentos ditos como Pornografia de Vingança. A partir dessa circunstância, foi incluído na mesma lei um aumento de pena para esses casos: “§ 1o A pena é aumentada de 1/3 (um terço) a 2/3 (dois terços) se o crime é praticado por agente que mantém ou tenha mantido relação íntima de afeto com a vítima ou com o fim de vingança ou humilhação.” (BRASIL, 2018)

Entende-se a Pornografia de Vingança como mais uma vertente da violência contra a mulher, justamente por ocorrer predominantemente com mulheres e também, em suma, cometido pelo sexo oposto.

As questões de gênero perpassam por diversas reflexões acerca das construções da “dominação” de um gênero sobre o outro e todo emaranhado e narrativas, preconceitos e discriminações, produzidas e reproduzidas historicamente. Reproduções essas que na atualidade acontecem e se

reafirmam de forma presencial e virtual, por meio das mídias sociais. Mais do que canais e aplicativos, as mídias sociais são responsáveis por comportamento. (CANDIDO & VASQUEZ, 2016, p. 16).

O fato da rede social *WhatsApp* permitir e não controlar que casos como esse aconteçam, o colocam também como culpado dessa triste realidade de muitas mulheres.

Após a divulgação das imagens íntimas, a interatividade proporciona um julgamento moral em que milhares de pessoas desconhecidas comentam as imagens, compartilham e promovem um ciclo de violência contínua às vítimas, que não atinge supostamente apenas a uma vida virtual, mas principalmente a sua vida real no seu cotidiano, através de humilhações e ameaças virtuais ou físicas. (NOGUEIRA, 2017, p. 3)

Observado por Nogueira (2017), esse é o efeito de crimes virtuais como a Pornografia de Vingança atribuído às vítimas, que varia desde ataques on e off-line até consequências para a saúde mental da mulher, como depressão, ansiedade, crises de pânico e episódios suicidas. Entender como acabar com essa situação se faz necessário para sanar com essas consequências sofridas pela mulher e assim encontrar uma maneira de tornar o ambiente cibernético cada vez mais igualitário e abrangente para as mulheres.

8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 MULHER E ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA: O ÍNTIMO, O PÚBLICO E O PRIVADO

2.1 ÍNTIMO, PÚBLICO E PRIVADO NA HISTÓRIA DA MULHER

2.2 MULHER E VIOLÊNCIA: REVELAÇÕES DE HOSTILIDADE

3 VINGANÇA E PORNOGRAFIA NAS REDES SOCIAIS: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ATUALIDADE:

3.1 REDE SOCIAL: TERRITÓRIO POTENCIAL DA EXIBIÇÃO

3.2 PORNOGRAFIA DE VINGANÇA: QUANDO O OBSCENO VIRA DISCURSO DE ÓDIO

4 ESTUDO DE CASO: PORNOGRAFIA DE VINGANÇA NA REDE SOCIAL *WHATSAPP*

4.1 REDE SOCIAL *WHATSAPP*: CONTEXTUALIZAÇÃO

4.2 PORNOGRAFIA DE VINGANÇA E OUTRAS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NO *WHATSAPP*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

9 CRONOGRAMA

Tabela 2. DEFESA DO TCC EM 2022/4

	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Organização dos materiais e revisão bibliográfica.	X					
Elaboração da Introdução	X					
Escrita do Capítulo 02		X				
Escrita do Capítulo 03			X			
Escrita do Capítulo 04				X		
Elaboração das Considerações Finais					X	
Resumo, revisão, formatação e preparação da apresentação.						X
Defesa do TCC						X

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. Ed. 2. Tradução de Sergio Miceli et. al. São Paulo: Edusp- Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-A-economia-das-trocas-lingu%C3%ADsticas.pdf>>. Acesso em: 18 Jun 2022

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRANDÃO, J. **Empresária tem fotos íntimas vazadas no WhatsApp após vender celular em Simões Filho; veja vídeo e entenda o caso**. Simões Filho Online: Simões Filho, 2018. Disponível em: <<https://simoesfilhoonline.com.br/empresaria-tem-imagens-vazadas-no-whatsapp-apos-vender-celular-simoes-filho-entenda-caso/>>. Acesso em: 22 Jun 2022

BRASIL. **Lei 13.718/18, Art. 138-C**, Brasília: 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm>. Acesso em: 30 Mai 2022

BUZZI, V. de M. **Pornografia de Vingança: contexto histórico-social e abordagem no direito brasileiro**. 2015. 110. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Direito, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133841>>. Acesso em: 10 Mai 2022

CANDIDO, C. G.; VASQUEZ, A. L. **As imagens/representações da mulher nas redes sociais**. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_unespar-curitibai_cristianagonzagacandidodesouzacastro.pdf>. Acesso em: 22 Mai 2022

FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. **Regras/rupturas do “contrato” amoroso entre adolescentes: o papel do abuso digital**. Ciência & Saúde Coletiva: Rio de Janeiro, v. 26, p. 5033–5044, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.34242019>>. Acesso em: 27 Abr 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. FBSP: São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://assets->

dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2021/04/anurio-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 10 Mai 2022

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Editora Vozes Limitada: Petrópolis, 1971. Disponível em: <https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf>. Acesso em: 10 Jun 2022

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014. 9788565848978. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848978/>>. Acesso em: 18 Jun 2022.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Editora 34: São Paulo, 1999.

MARTINS, L. P. M.; SOUZA, S. R. E. de. **Crimes cibernéticos, exposição da mulher na mídia e sua subjetividade**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 1, n. 1. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13589/10481>>. Acesso em: 22 Mai 2022

MENIN, M. M.; et al. **A violência contra a mulher no ambiente digital**. Direito e Sociedade: Rev. Estudos Jurídicos e Interdisciplinares, Catanduva, v. 14, n. 1, p. 53-68. 2019. Disponível em: <http://unifipa.com.br/site/documentos/revistas/direito/dir_2019_vol14_n1.pdf#page=53>. Acesso em: 22 Mai 2022

MIGUEL, L. F.; MEIRELES, A. V. **O fim da velha divisão? Público e privado na era da internet**. Tempo Social: São Paulo, v. 33(2), p. 311–329, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.TS.2021.176201>>. Acesso em: 27 Abr 2022.

MOCHO, N. de A. **Crimes cibernéticos: pornografia de vingança**. 2016. 65. Monografia (graduação) – Universidade Federal Fluminense, Direito, Niterói, 2016. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2455/Nathalia%20Mocho%20-%20Crime%20Cybern%C3%A9tico%2c%20Pornografia%20de%20vingan%C3%A7a..pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 Mai 2022

NOGUEIRA, L. de R. **Mídias sociais: uma nova porta de entrada para a violência contra a mulher**, [S.l.], p. 1-13, 2017. Disponível em: <<http://ihs.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/47/2019/08/MIDIAS-SOCIAIS-porta-de-entrada-para-violencia-contra-mulher-de-LucianaRezende.pdf>>. Acesso em: 22 Mai 2022

SAFERNETBRASIL. **Institucional/SaferNet**, [S.I.], 2021. Disponível em: <<http://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 19 Abr 2022

_____. **Institucional/SaferNet**, [S.I.], 2019. Disponível em: <<http://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 19 Abr 2022

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/relacoes-de-genero-no-brasil/Genero-%20Patriarcado-%20Violencia%20%20-livro%20completo.pdf/view>>. Acesso em: 22 Mai 2022

SOUZA, J. L. de A., ARAÚJO, D. C. de, PAULA, D. A. de. **Mídia social WhatsApp: uma análise sobre as interações sociais**. Revista Altegor: São Paulo, v. 01, n. 11, p. 132-165, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj11-a05/96617>>. Acesso em: 22 Mai 2022

SOUZA, L. C. S. de; SILVA, R. C. **“PORNOGRAFIA DE VINGANÇA”**: Uma análise acerca das consequências da violência psicológica para a intimidade da mulher. Interfaces Científicas – Direito: [S. I.], v. 8, n. 2, p. 103–116, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.17564/2316-381X.2020V8N2P103-116>>. Acesso em: 27 Abr 2022

STATISTA. **Social Media/Statista**, [S. I.], 2021. Disponível em: <<https://de.statista.com/statistik/studie/id/99085/dokument/messenger-whatsapp-in-brasilien-brand-report/>>. Acesso em: 22 Mai 2022

VILAS BOAS, S. **O Estilo Magazine - O texto em revista**. Summus. São Paulo: 1996.

WHATSAPP LLC. **Aviso de Privacidade – Brasil**, [S.I.], 2021. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/legal/brazil-privacy-notice>>. Acesso em: 29 Mai 2022

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf>. Acesso em: 30 Mai 2022

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 18 Jun 2022